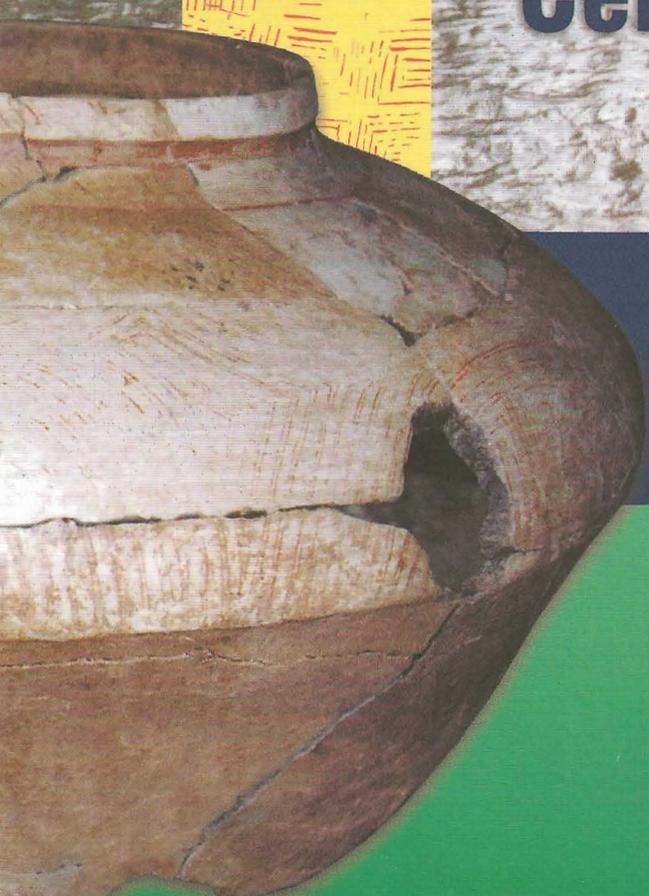


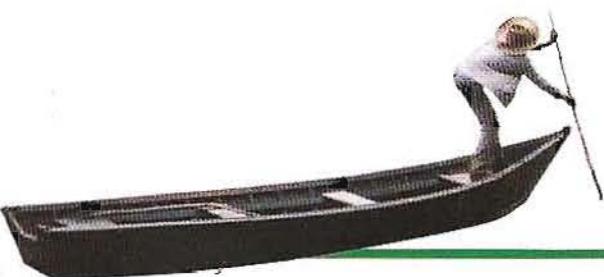


UMA LONGA HISTÓRIA EM UM GRANDE RIO
Cenários Arqueológicos
do Alto Paraná



Emília Mariko Kashimoto • Gilson Rodolfo Martins

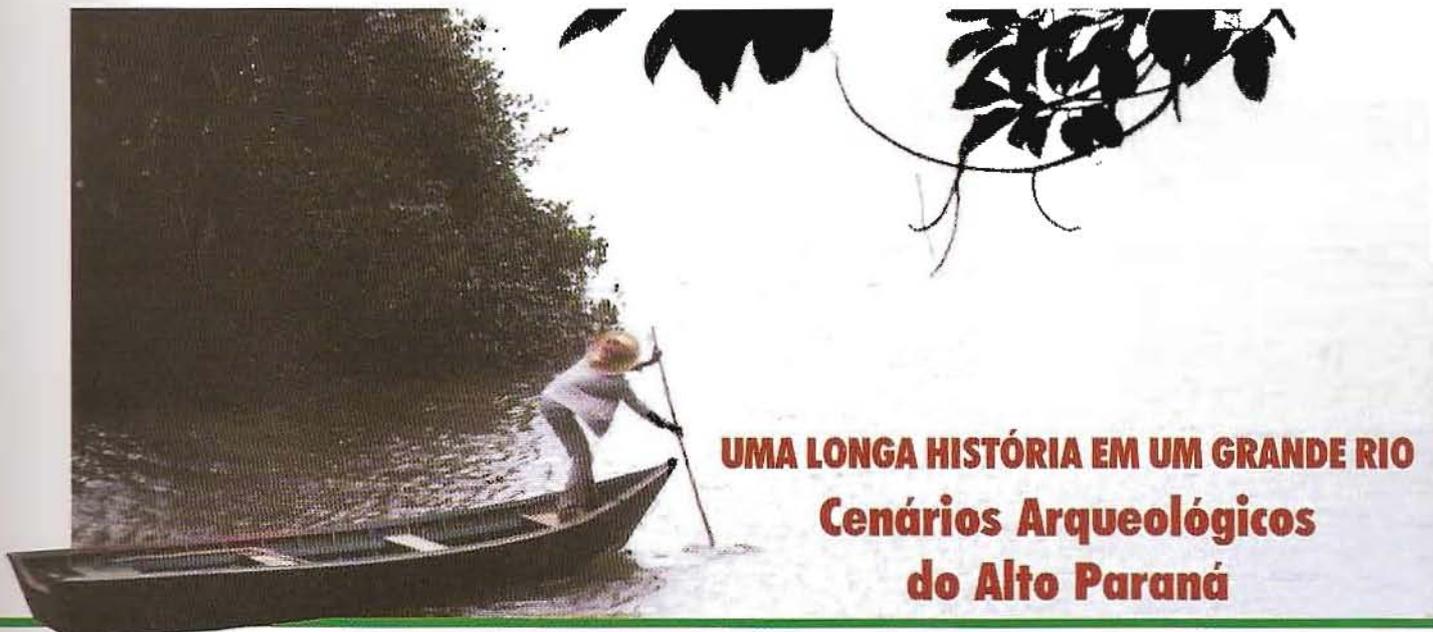




UMA LONGA HISTÓRIA EM UM GRANDE RIO
Cenários Arqueológicos
do Alto Paraná

Emília Mariko Kashimoto • Gilson Rodolfo Martins



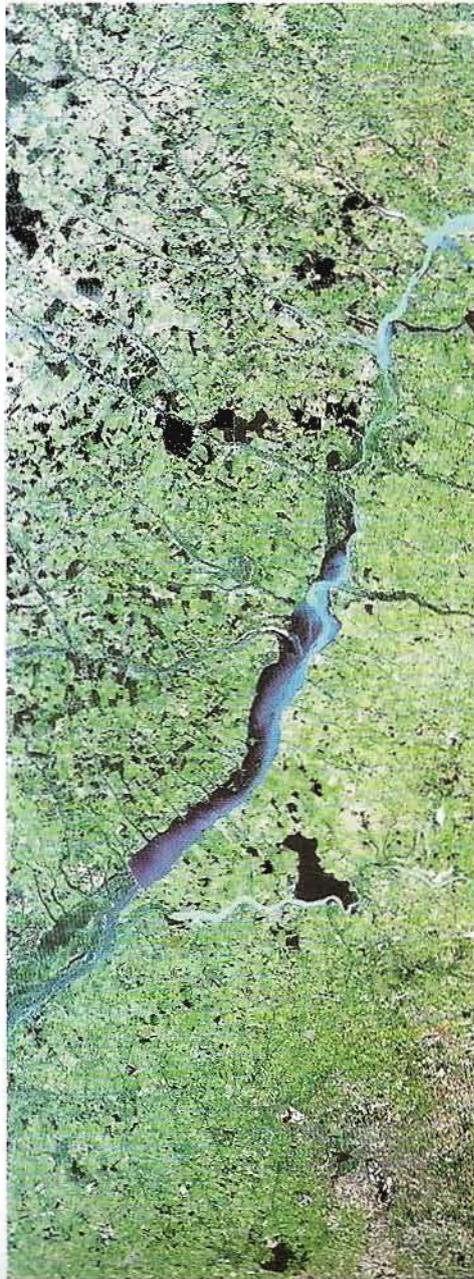


UMA LONGA HISTÓRIA EM UM GRANDE RIO
Cenários Arqueológicos
do Alto Paraná

Emília Mariko Kashimoto • Gilson Rodolfo Martins

2005

PARANÁ
(DO TUPI-GUARANI: PARA-NÁ)
*Semelhante ao mar,
caudal imenso,
rio enorme.*



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Cenários arqueológicos do Alto Paraná

Página 6

13

AS ETAPAS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA DO ALTO PARANÁ

Projeto arqueológico Porto Primavera-MS • Etapa de levantamento arqueológico • Etapa de escavações arqueológicas • Datações • Acervo • Monitoramento arqueológico do Reservatório • Projeto Gasoduto Bolívia-Brasil • Pesquisa ao sul da área do Projeto Porto Primavera: levantamento arqueológico • Escavações arqueológicas no Baixo Ivinhema • Continuidade das pesquisas no Alto Paraná

25

PAISAGEM E ARQUEOLOGIA

As fontes de matéria-prima e as corredeiras piscosas • Período Quaternário e transformações na paisagem • Ótimo Climático e povoamento humano da região • O ambiente recente

45

O ALTO PARANÁ ARQUEOLÓGICO: 6 MIL ANOS DE POVOAMENTO HUMANO DAS MARGENS DO GRANDE RIO

As evidências arqueológicas • Caçadores-coletores-pescadores • Índios-agricultores-ceramistas • Os indígenas pós-descobrimto • A resistência Ofaíé

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O homem muda o rio e o rio muda o homem”

Página 85

69

O ALTO PARANÁ HISTÓRICO: FRONTEIRA E NAVEGAÇÃO

O início da ocupação colonial • As missões jesuíticas e as incursões dos bandeirantes • O ciclo das Monções • O século da pecuária

GLOSSÁRIO

Página 91

REFERÊNCIAS

Página 93

CENÁRIOS ARQUEOLÓGICOS DO ALTO PARANÁ

Vimo-la, pela primeira vez, com indizível emoção, na manhã de sol em que, vencidos os 900 quilômetros da Sorocabana, paramos às suas barrancas, em Porto Tibiriçá. Nunca havíamos deparado antes uma massa de água doce tão larga, cantando, murmurando rumo ao sul, como um mar sem ventos, que se derramasse em uma direção única. A largura da água espreada era tão vasta, que as matas gigantescas pareciam pequeninas.

Theophilo de Andrade, 1941, p. 131

Apesar da abundância de água, floresta, peixes e animais terrestres, o jornalista Theophilo de Andrade em seu primeiro contato com o alto rio Paraná observou também que a região era quase inabitada, com mosquitos e malária que, acompanhados das bruscas mudanças de temperatura com a entrada das frentes frias, só mesmo os nativos pareciam suportar. Impressão semelhante também teve o sargento-mor Teotônio José Juzarte quase duzentos anos antes, em 1769, quando percorreu e mapeou os rios Tietê, Paraná e Iguatemi.

Imponente e desafiador, o alto curso do rio Paraná foi cenário de passagens épicas de estudiosos e conquistadores que, em diferentes épocas, ousaram percorrer suas águas enfrentando os mais diferentes tipos de dificuldades.

Por seu potencial na navegação, foi a via de deslocamento para a fuga dos Jesuítas e dos Guarani das reduções do Guairá – rumo ao sul, pressionados pelo avanço dos bandeirantes paulistas – e também a via de interligação dos rios Tietê e Pardo no roteiro monçoeiro de São Paulo a Cuiabá, e canal

A partir de 1970, pesquisadores paulistas e paranaenses analisaram sítios arqueológicos das margens dos rios Paraná, Paranapanema e Ivinhema, proporcionando um panorama inicial acerca dos componentes principais da Arqueologia dessa região. Esses estudos já permitiram perceber as numerosas ocupações dos Guarani e de povos que os antecederam, interagindo com esses ambientes, estendendo-lhes significados simbólicos e constituindo múltiplas experiências humanas nesses antigos contextos ribeirinhos.

No entanto, paralelamente à visibilidade arqueológica da área, nas últimas décadas também se registrou intensa ação humana na paisagem regional, deixando marcas de desmatamento e processos erosivos que destroem as margens do grande rio e de seus afluentes e, conseqüentemente, comprometendo a integridade de sítios arqueológicos com registros de um passado humano de centenas a milhares de anos. As barragens e eclusas criaram canais artificiais, alterando a livre navegação do grande rio.

Em 1993, face à iminente formação do lago da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta (UHESM), iniciou-se a pesquisa arqueológica da margem direita do alto curso do rio Paraná, desenvolvida continuamente há 12 anos por universidades sul-mato-grossenses, financiadas pela Companhia Energética de São Paulo (CESP). Dessa forma, o Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS, constituiu-se num dos maiores trabalhos de salvamento arqueológico já realizados no país: tanto em duração e continuidade de etapas de campo, quanto em volume de áreas escavadas, número de datações realizadas, número de peças

AMBIENTES

DOS KAYAPÓ E DOS GUARANI

Os ecossistemas percorridos pelos canais fluviais da Bacia do Alto Paraná também influenciaram o deslocamento e a configuração dos antigos territórios indígenas. A Etno-História registrou que, anteriormente à expansão das primeiras fazendas na região, a ocupação Kayapó e de outros povos Jê era preferencialmente nos ambientes recobertos pelo Cerrado no segmento setentrional do Alto Paraná. Em sentido meridional, quando essa vegetação gradualmente cedia lugar à abundante Floresta Estacional Semidecidual aluvial, definia-se o território guarani, habitantes das margens fluviais.

ECLUSAS

NO RIO PARANÁ

Atualmente, a Bacia do Alto Paraná é reconhecida pela exploração de seu potencial hidrelétrico em decorrência do represamento de grande parte do seu curso. Várias usinas foram aí instaladas, a partir da década de 1970, pela CESP com vistas a suprir a demanda de eletricidade, sempre crescente, nos centros urbanos e industriais da região Sudeste do país.

Nas últimas décadas ampliou-se a expectativa de escoamento, pelo Alto Paraná, de um fluxo contínuo de produtos e, assim, integrar plenamente a Hidrovia Paraná-Paraguai. Para tanto, a navegação deverá percorrer os canais artificiais criados no rio Paraná – eclusas nos eixos das barragens das usinas hidrelétricas como a da UHESM (foto - março de 2005).





LAGOA DO CUSTÓDIO

No Alto Paraná, a chegada da Estrada de Ferro Sorocabana constituiu uma saída para o escoamento, a partir de Presidente Epitácio, da madeira, gado, erva-mate, dentre outros produtos ribeirinhos, transportados pelo grande rio.

Próximo a um dos locais de extração de madeira, na margem de uma lagoa, morou solitário o Sr. Custódio, até sua morte, já idoso. A lagoa ficou com seu nome, gerando também a denominação do sítio arqueológico sobre o qual ele morou: Lagoa do Custódio 1. As fotos mostram esse sítio arqueológico (em outubro de 1995) e o cotidiano numa casa das proximidades (em novembro de 1997), quando as várzeas já estavam alagadas devido à construção da barragem da UHESM e consequente início do represamento do canal do rio Paraná.

O SENHOR DA FOZ DO RIO PARDO

A área de confluência dos rios Pardo e Paraná era parada preferencial para os navegantes. Há cerca de 1.800 anos (amostra Gif-11074 que resultou na datação de 1.860 ± 45 anos A. P.), caçadores-coletores-pescadores acamparam na margem direita dessa confluência e deixaram seus instrumentos líticos. Muitos séculos depois, as monções tiveram ali um local estratégico de parada e descanso antes de iniciar a longa navegação do rio Pardo; posteriormente, a área não passou indiferente aos índios Ofaié que nela acampavam. Às vésperas da formação da UHESM, em 1998, o solitário morador da foz do rio Pardo cuidava zelosamente do local, percorrendo impaciente seu território com o cão (foto - abril de 1998). Ali permaneceu se recusando a sair. Uma equipe de resgate retirou-o dali durante a formação desse reservatório, encerrando a história de ocupação do local. Hoje a imensidão das águas que recobriu quilômetros de extensão das margens do Alto Paraná e afluentes não deixa entrever a pretérita existência desse local.

coletadas e monitoramento periódico da área após a formação do reservatório. Os trabalhos no Alto Paraná têm continuidade com pesquisas nas suas margens ao sul da área desse reservatório, realizando-se levantamentos e escavações arqueológicas, seguidas de atividades de educação patrimonial – no âmbito da qual se insere este livro de divulgação científica – em projetos apoiados pelo CNPq e pela FUNDECT.

As pesquisas já realizadas registraram o expressivo número de sítios arqueológicos integrantes do universo cultural dos índios Tupiguarani ceramistas, assim como de diversas ocupações anteriores, desde pelo menos 6.000 anos atrás (cerca de 4.000 anos antes de Cristo). Neste trabalho, o conhecimento histórico e etno-histórico acumulado, conjugasse com os dados arqueológicos obtidos nas pesquisas, demonstrando as manifestações culturais pretéritas praticadas no Alto Paraná.

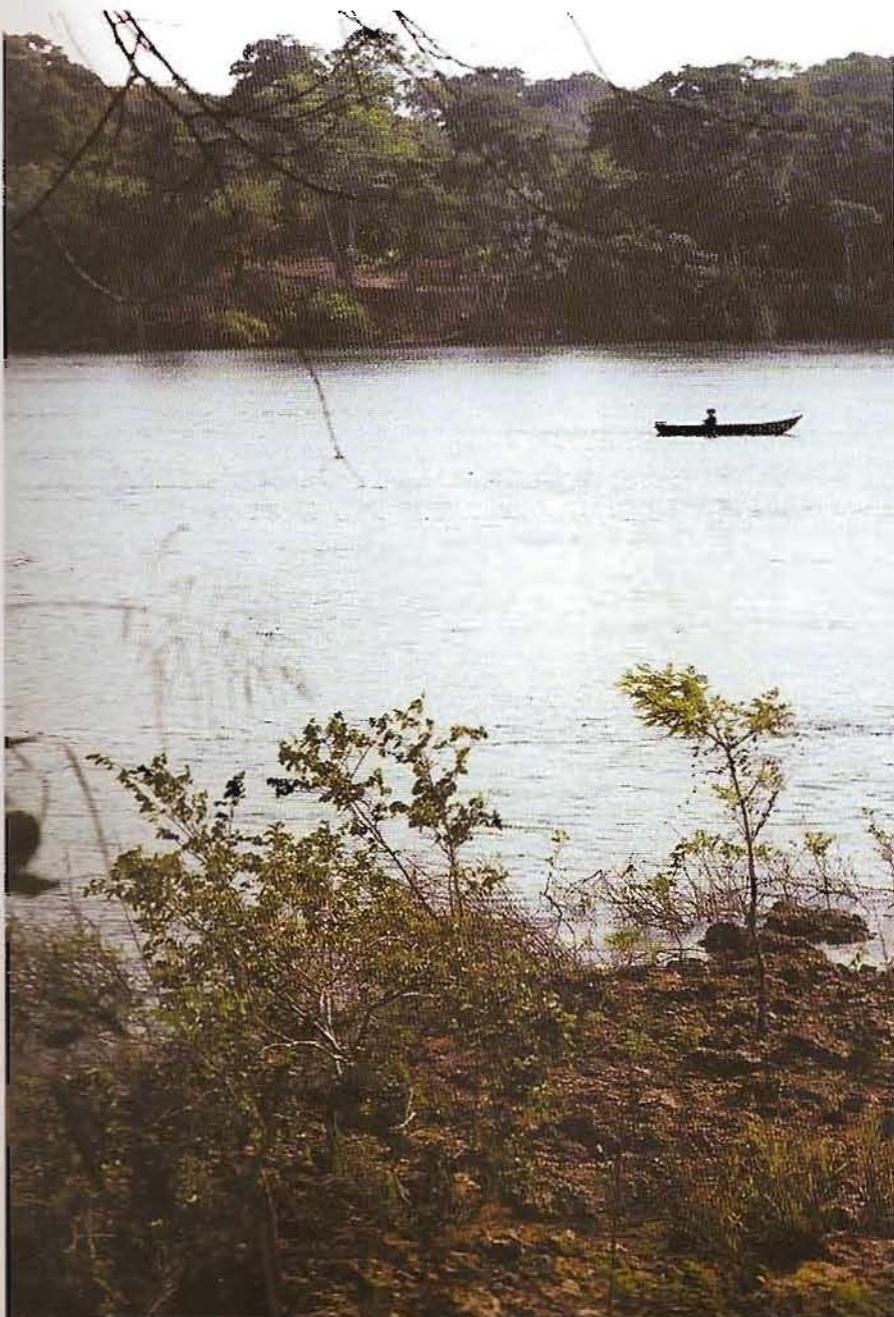
As fotos que ilustram esta obra – em sua maioria produzidas durante os doze anos de pesquisa na área – mostram cenários do cotidiano dos moradores locais, tais como na [Lagoa do Custódio](#) e na [foz do rio Pardo](#), que



tinham no grande rio o seu ambiente de vida, assim como registram cenas das pesquisas e dos sítios arqueológicos. Muitos desses locais já não existem, pois foram inundados pelo reservatório da UHESM.

Como um tributo ao grande rio e aos seus habitantes ribeirinhos, do presente e do passado, este livro apresenta um panorama dos distintos ambientes e das diferentes manifestações culturais, desde as ocupações pré-coloniais às históricas, neles testemunhadas por elementos da cultura material remanescente em 156 sítios arqueológicos já localizados só na margem direita desse grande rio, principalmente em seus segmentos mais piscosos.

Convidamos o leitor para percorrer os cenários históricos e pré-históricos do Alto Paraná, aqui revisitados sob o olhar dos autores arqueólogos.



OS LOCAIS MAIS PISCOSOS

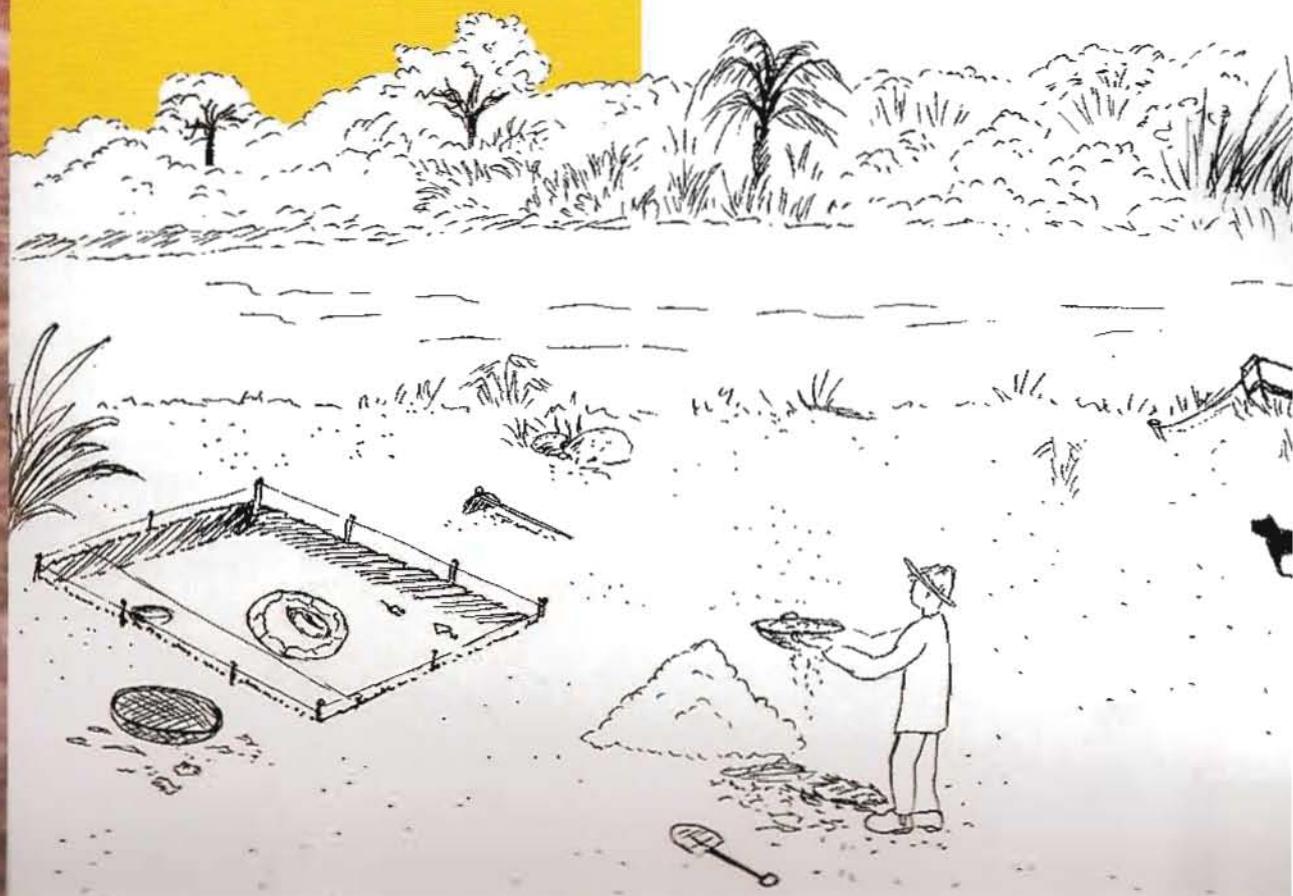
Alguns trechos do Alto Paraná eram especialmente frequentados pelos pescadores locais, desde o passado arqueológico até as vésperas da formação do reservatório da UHESM, que destruiu essas paisagens. A foto mostra o sítio arqueológico Ilha Água Limpa 1 (em maio de 1999), com seus afloramentos rochosos, local onde o rio Paraná era especialmente piscoso; nesses locais ainda habitavam os pescadores, como se vê na margem oposta.



Sítio Ribeirão Quiterói 1
(foto - março de 1993)

Doze anos de pesquisas
arqueológicas demonstram
que desde 6 mil anos
atrás o Alto Paraná foi
palco de distintas
ocupações humanas.

AS ETAPAS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA DO ALTO PARANÁ



Em conjunto com a evidenciação dos sítios e vestígios arqueológicos, doze anos de convivência com o ambiente e os moradores do Alto Paraná subsidiam a consecução de dinâmicas de educação patrimonial na área.

Nos últimos anos, com o desenvolvimento de projetos de pesquisas científicas em áreas ambientalmente impactadas por obras de engenharia civil, algumas extensões do território brasileiro, até então desconhecidas do ponto de vista arqueológico, passaram a integrar o conjunto de conhecimentos sobre o panorama arqueológico pré-colonial do Brasil.

BENS DA UNIÃO

A Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, e a Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988, estabelecem que os sítios arqueológicos e pré-históricos e todos os elementos neles encontrados são bens da União e ficarão sob a guarda e proteção do poder público.

A Resolução CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986, observou que os sítios arqueológicos, **bens da União**, devem passar por estudos de impacto ambiental provocados por esses empreendimentos de engenharia e, conseqüentemente, de ações mitigatórias desses impactos. Diversos reservatórios do Alto Paraná e de seus afluentes são anteriores a essa legislação.





Moradores locais e visitantes na área onde então se iniciavam as obras da barragem da UHESM em 1978. Abaixo, essa mesma área em maio de 1993, durante a construção do aterro da margem direita da barragem e, finalmente, esse aterro e o reservatório já formados, em foto recente (sem data).

PROJETO ARQUEOLÓGICO PORTO PRIMAVERA-MS

As obras da Usina Hidrelétrica Porto Primavera foram iniciadas no final da década de 1970, atingindo uma extensa área do Alto Paraná. Os trabalhos sistemáticos de mitigação dos impactos causados pela obra, sobre o patrimônio arqueológico, iniciaram-se efetivamente na década de 1990.

O Projeto Arqueológico Porto Primavera-MS (PAPPMS), executado entre os anos de 1993 e 1999, abrangeu as ações técnico-científicas realizadas na área a ser impactada pela obra. Esse projeto resultou de dois contratos firmados entre a Companhia Energética de São Paulo (CESP) e a Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (FAPEC).

O fechamento das comportas da barragem, em 1998, marcou a inauguração da obra que passou a ser denominada Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta (UHESM). Foram inundados cerca de 192.000 ha, na área balizada pelas coordenadas geográficas $22^{\circ}24'00''S/52^{\circ}58'00''W$ e $20^{\circ}47'27''S/51^{\circ}37'58''W$. Essa inundação atingiu, na margem direita do reservatório, parte dos municípios sul-mato-grossenses de Anaurilândia, Bataguassu, Santa Rita do Pardo, Brasilândia e Três Lagoas. A margem esquerda do Alto Paraná (Estado de São Paulo), na área impactada por esse reservatório, foi pesquisada pela equipe da FCT-UNESP.



PROJETO ARQUEOLÓGICO PORTO PRIMAVERA-MS

O primeiro contrato, nº 99000-94000/0143, assinado no ano de 1993, viabilizou a realização da "Etapa de Levantamento" desse projeto, coordenada por Gilson R. Martins, no âmbito da UFMS/CPAq/DHI/LPA, Portaria IPHAN nº 349, de 8 de novembro de 1993.

O segundo contrato de prestação de serviços – nº MMA/CESP-FAPEC/01/97, viabilizou a "Etapa de Resgate" desse Projeto, no período de 1997 a 1999, com a atuação conjunta das equipes da UFMS/CPAq/DHI/LPA e da UCDB/MDB/LABPAR, sob a coordenação científica de Emília M. Kashimoto, Portaria IPHAN nº 55, de 29 de outubro de 1997.



ETAPA DE LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO

As vistorias realizadas, periodicamente na área, permitiram o conhecimento dos canais fluviais, vários dos quais estavam recobertos pela vegetação e eram pouco visitados, possibilitando o registro detalhado da paisagem local.

As fotos (acima - janeiro de 1988; abaixo - outubro de 1997) referem-se ao levantamento no ribeirão Quebracho, divisor dos municípios de Anaurilândia e Bataguassu.

A Etapa de Levantamento do PAPPMS abrangeu reconhecimento geral do espaço e, em seguida, uma vistoria intensiva dos 220 quilômetros de extensão da margem direita do Alto Paraná, bem como de ilhas e o baixo curso dos afluentes desse rio. Visando à localização de sítios arqueológicos na área, o levantamento referenciou-se em um elenco de variáveis ambientais selecionadas como critério para a definição de pontos de vistoria, prospecções e sondagens do solo.

O levantamento arqueológico foi desenvolvido segundo dois eixos principais de deslocamento, isto é, a vistoria das margens, navegando-se pelo rio Paraná e afluentes, bem como por meio das estradas na planície

de inundação. Foram vistoriados, ao todo, 350 locais, devidamente plotados com o Sistema de Posicionamento Global (GPS – sigla em inglês de *Global Positioning System*) e anotados em uma carta arqueológica do reservatório. Desse locais, 118 caracterizavam-se como sítios arqueológicos a céu aberto, com vestígios de povos agricultores ceramistas e/ou de caçadores-coletores-pescadores pré-históricos.



ETAPA DE ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Considerando-se esse conjunto de 118 sítios arqueológicos localizados na Etapa de Levantamento do PAPPMS, foram escavados 24 sítios considerados representativos dos diferentes passos de ocupações do passado arqueológico da região.

As escavações seguiram o método das superfícies amplas (LEROI-GOURHAN, 1983), com abertura de trincheiras e áreas de decapagem, visando evidenciar, por meio de abertura horizontal e vertical do terreno, em níveis de 0,10 m de espessura, vestígios que possam contribuir para a leitura de traços do comportamento cultural, econômico e social dos grupos humanos pretéritos que aí viveram. Para tanto, os trabalhos foram registrados detalhadamente por meio de anotações, fotos e mapeamento (JOUKOWSKY, 1980), incluindo-se o levantamento topográfico detalhado dos sítios realizado pelo engenheiro cartógrafo Mauro Issamu Ishikawa.

A coleta de cerca de 50.000 peças arqueológicas durante o levantamento e as escavações arqueológicas, em conjunto com o processamento de 174 datações, provenientes do emprego do método da termoluminescência (TL) ou do carbono 14 (C_{14}), definiu cronologias preliminares que permitem a identificação das etapas do povoamento humano pretérito.

No passado arqueológico do rio Verde, houve intensas atividades de produção de ferramentas líticas, como no sítio Rio Verde 10 (foto menor - maio de 1999). Ao longo do Alto Paraná e de seus afluentes também foram evidenciadas outras ocupações tais como a do sítio Lagoa do Custódio 1 (foto maior - junho de 1998); desde 4.000 anos A.P. até o século XVII.



FOTO: GILSON R. MARTINS

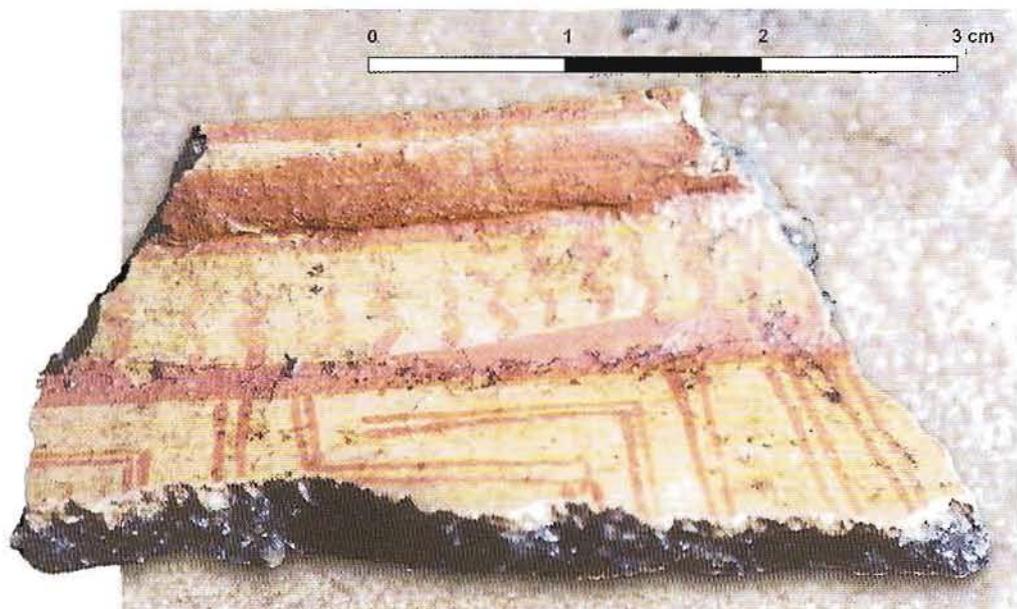
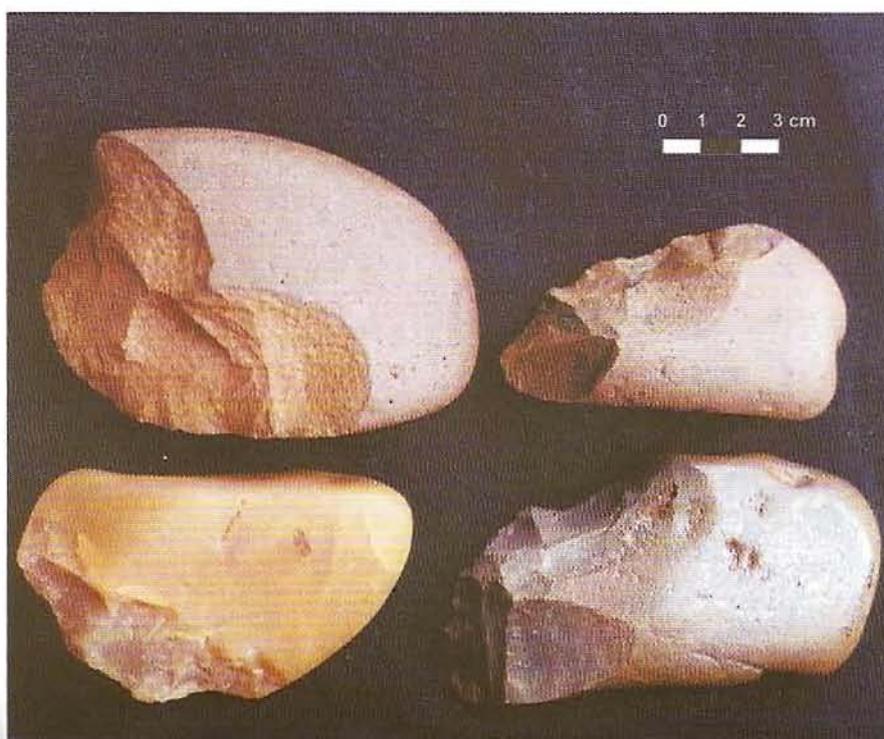


FOTO: GILSON R. MARTINS

DATAÇÕES

Sob a perspectiva de identificação da cronologia das ocupações arqueológicas da área, o processamento de datações de amostras de material cerâmico, pelo método da TL, foi realizado no Laboratório de Vidros e Datação da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), sob a coordenação da Profa. Dra. Sônia Hatsue Tatumi. As amostras de carvão foram processadas por meio do método C_{14} , no Laboratoire des Sciences du Climat et de l'Environnement - Laboratoire Mixte CEA-CNRS UMR 1572, em Gif-sur-Yvette, na França (Gif), sob a responsabilidade do Dr. Michel Fontugne.

As datações de fragmentos de cerâmica arqueológica (foto acima - junho de 1998) subsidiam a identificação dos diferentes momentos de produção das peças líticas. Na foto abaixo, ferramentas líticas coletadas no Alto Paraná.



ACERVO

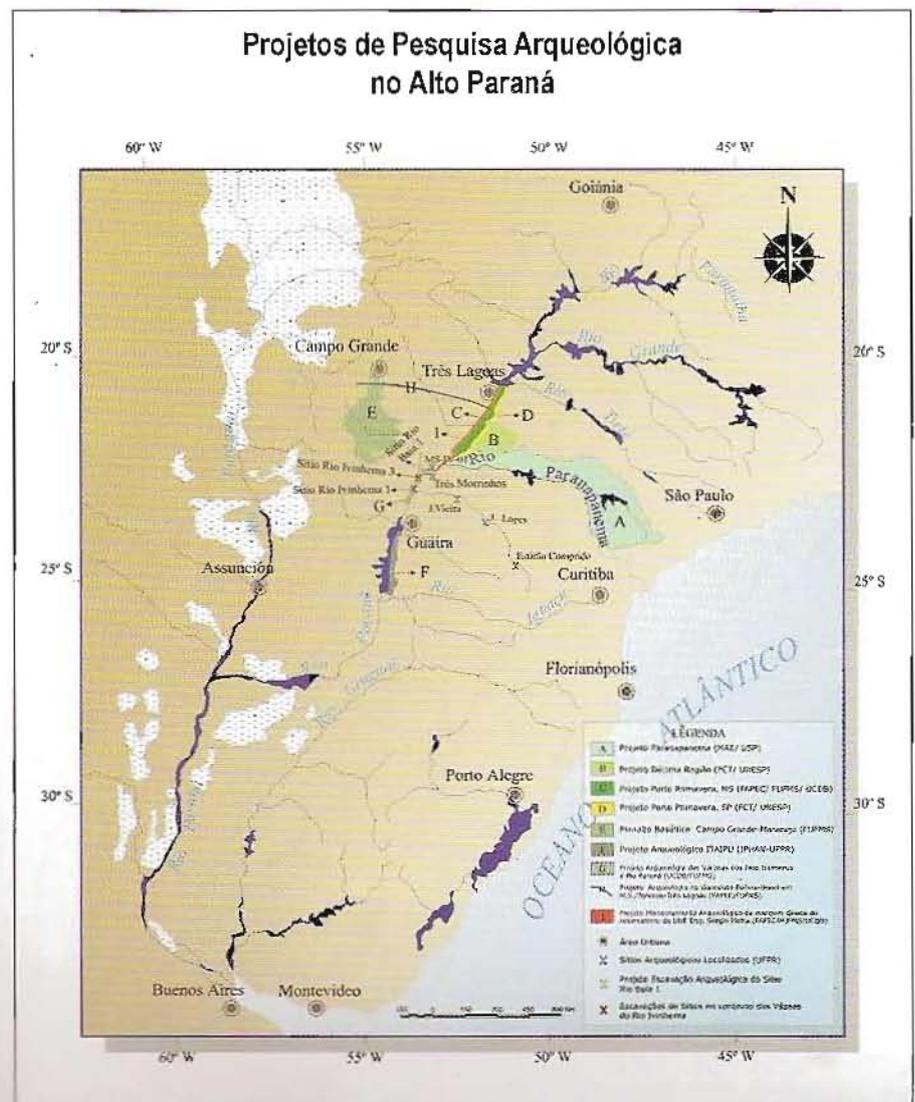
O material coletado nessas pesquisas foi analisado, em uma primeira etapa, no Projeto *Análise do acervo arqueológico coletado em escavações realizadas na planície de inundação do Alto Paraná, MS* (Convênio: Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul - FUNDECT/UCDB nº 005/00). O acervo analisado totalizou 17.053 peças, considerando-se sua distribuição espacial e inserção estratigráfica, visando a contribuir para a caracterização dos horizontes culturais pretéritos que se sucederam na área.

MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO DO RESERVATÓRIO

Após a formação do reservatório da UHESM, novas áreas passaram a ser erodidas pela ação das suas águas. Considerando-se a necessidade de realização do monitoramento arqueológico para mitigar esses impactos erosivos sobre sítios arqueológicos localizados na faixa de depleção da margem direita desse reservatório foi firmado, em 4 de dezembro de 2003, um novo contrato entre a CESP e a FAPEC, conforme Dispensa de Licitação nº ASL/PM/985/2003 (Portaria IPHAN nº 131, de 6 de abril de 2004).

No âmbito dessa pesquisa de mitigação de impactos sobre o patrimônio arqueológico local, ameaçado pelos processos erosivos provocados pelo reservatório, pretende-se ampliar o conhecimento sobre o perfil das ocupações humanas pretéritas no Alto Paraná. Dessa forma, realizaram-se: a vistoria mensal da margem do reservatório, para o reconhecimento das características paisagísticas atuais da área do entorno desse lago, e a mensuração dos processos erosivos; a identificação e o registro de sítios arqueológicos; a escavação de oito sítios arqueológicos passíveis de impacto pela oscilação do nível do reservatório; a análise, em laboratório, das peças arqueológicas; e o processamento de datação de amostras de carvão já coletadas nessa pesquisa. As peças e dados obtidos contribuíram para a ampliação do conhecimento científico acerca das respectivas ocupações das quais são testemunhas.

O mapa ilustra a inserção espacial dos projetos de pesquisa arqueológica aqui enfocados. Durante o monitoramento arqueológico do reservatório da UHESM foi localizado um sítio até então desconhecido: Ribeirão Quiterói 7, de onde se destaca (foto - outubro de 2004) a evidênciação de uma cerâmica tupiguarani sob processo erosivo.





PROJETO GASODUTO BOLÍVIA-BRASIL

O rio Paraná, em Três Lagoas, foi seccionado pela instalação do Gasoduto Bolívia-Brasil. Os trabalhos de mitigação de impactos ao longo desse empreendimento possibilitaram a localização e escavação de sítios arqueológicos na área da UHESM, Alto Paraná, ampliando o conhecimento acerca das ocupações pretéritas do ambiente ribeirinho regional.

A pesquisa dessa faixa do gasoduto que seccionou Mato Grosso do Sul em sentido oeste-leste, transversal ao rio Paraná, proporcionou um diagnóstico das fronteiras culturais dos povos ceramistas do Alto Paraná: marcante nos terraços fluviais de Três Lagoas e ausente, à oeste, nos solos arenosos de Água Clara e Ribas do Rio Pardo.

Instalação da tubulação do gasoduto na margem direita do Alto Paraná (foto acima - 1998). Após essa instalação, a tubulação foi lançada sob esse canal e seguiu pela sua margem esquerda em direção a São Paulo/SP. Nas proximidades dessa travessia, onde seria instalado o *city-gate* da obra, a escavação arqueológica do sítio Córrego Moeda 1, uma aldeia Tupiguarani (foto ao lado - outubro de 1997), datada em cerca de 700 anos.





O rio Ivinhema flui sinuoso nas várzeas do seu baixo curso (foto - setembro de 2003)

A imagem de satélite abaixo (TM LANDSAT7 RGB 543 - novembro de 1999), mostra o segmento do Alto Paraná não represado, desde a barragem da UHESM, até a Ilha Grande; os sítios arqueológicos estão assinalados com círculos amarelos (lítico) ou rosados (lito-cerâmicos); destaca-se a área do Parque Estadual das Várzeas do Ivinhema delimitada pela linha amarela.

PESQUISAS AO SUL DA ÁREA DO PROJETO PORTO PRIMAVERA: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO

Após a formação do reservatório da UHESM, o segmento de cerca de 250 km do rio Paraná, situado entre essa barragem e a UHE Itaipu, constitui o único trecho não represado e, portanto, passível de futuros estudos do complexo paisagístico e arqueológico do Alto Paraná. Dessa forma, nesse segmento não represado do rio Paraná, desenvolvem-se novos projetos de pesquisa apoiados pela FUNDECT e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O projeto *Arqueologia da paisagem das várzeas dos rios Ivinhema e Paraná: registro e preservação do patrimônio cultural*, desenvolvido no período de 2002 a 2004, Convênio FUNDECT-CNPq/UCDB nº 015/02 (Portaria IPHAN nº 90, de 14 de maio de 2002) visou correlacionar a paisagem e o patrimônio arqueológico. Os sítios foram contextualizados, especialmente, a partir da elaboração de um Sistema de Informações Geográficas (SIG), por Ayr Trevisanelli Salles. Os dados obtidos e a localização de 26 sítios arqueológicos na área subsidiaram a produção de mapas temáticos e publicações dirigidas, em especial, à comunidade de Porto Caiuá e ao Parque Estadual das Várzeas do Ivinhema.



Fonte: Ayr Trevisanelli Salles

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO BAIXO IVINHEMA

Diálogo com moradores de Porto Caiuá, habitantes atuais do sítio arqueológico guarani Rio Ivinhema 1, durante a realização das escavações científicas (fotos - janeiro de 2005). Refletiu-se acerca dos objetivos, procedimentos e significados dos vestígios arqueológicos, tais como o sepultamento humano em uma cerâmica, visto na foto maior.

FOTOS: DIRCEU M. VAN LONKHUIJEN



A análise desses sítios arqueológicos localizados nas várzeas dos rios Ivinhema e Paraná está sendo realizada por meio do projeto *Conhecendo e Preservando o Patrimônio Arqueológico Local: Escavações de Sítios no Contexto das Várzeas do Rio Ivinhema*, em desenvolvimento no período

agosto de 2004 a junho de 2006 (Termo de Outorga nº 41/100073/2004, firmado entre a FUNDECT/CNPq e a UCDB). Esse projeto abrange atividades de escavação arqueológica e de educação patrimonial no âmbito do Parque Estadual das Várzeas do Ivinhema e, em especial, na comunidade de Porto Caiuá, município de Naviraí, a qual está implantada sobre o sítio arqueológico Rio Ivinhema 1, testemunho de uma aldeia guarani pré-térita.

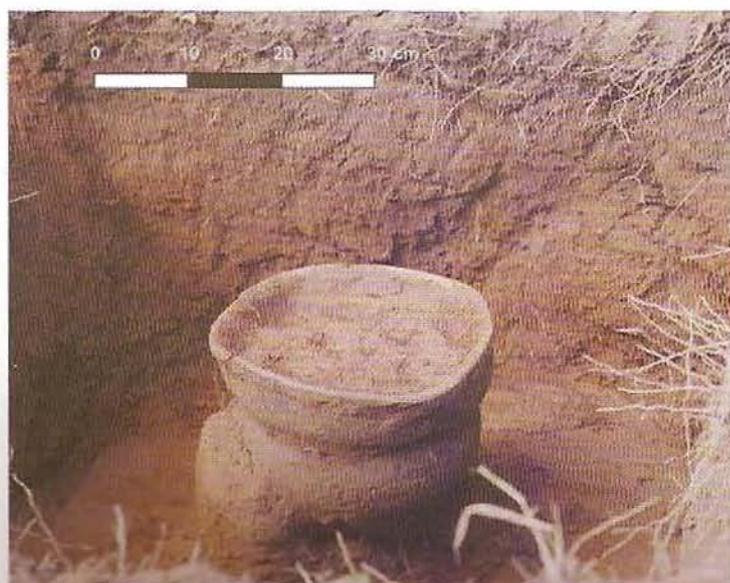


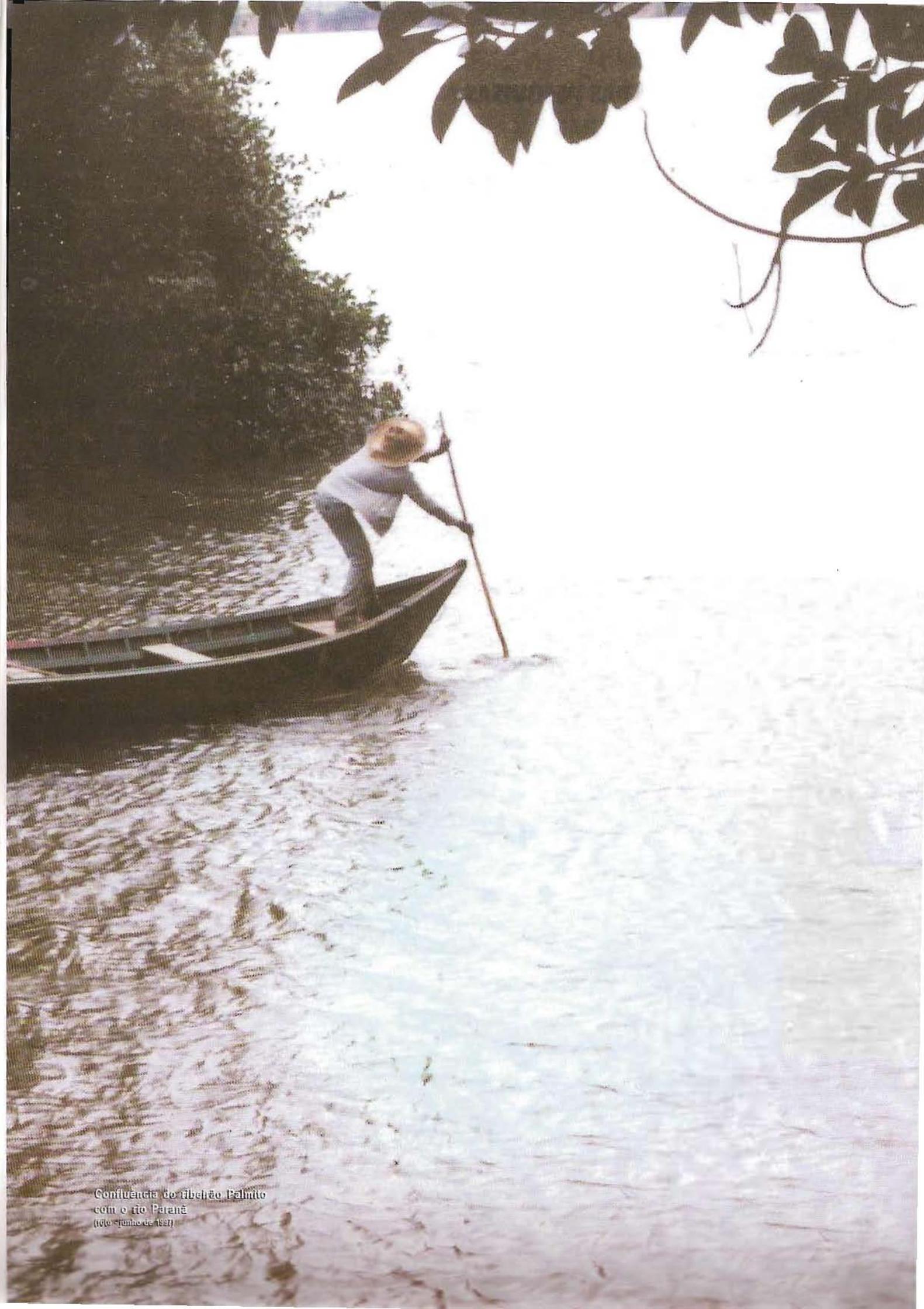
CONTINUIDADE DAS PESQUISAS NO ALTO PARANÁ

As ocupações de povos Guarani e de antigos caçadores-coletores produtores de pontas líticas nas margens das lagoas e afluentes do rio Ivinhema estão sendo pesquisadas no âmbito do projeto *Escavação Arqueológica do sítio Rio Baía 1: contribuição à análise dos horizontes pré-cerâmicos e guarani da margem direita do alto rio Paraná* (Processo CNPq 402224/2004-3).

Assim, os resultados obtidos nos projetos de pesquisa retro-referenciados subsidiaram a realização do projeto integrado de pesquisa intitulado *Arqueologia do alto curso do rio Paraná, MS, entre 4.000 anos A.P. e o século XVII: artefatos e cenários culturais* (Processo CNPq: 350247/2003-0). Estão sendo analisados todos os artefatos coletados na área, correlacionando tecnopologia e cronologia de ocupação pretérita regional. Com a continuidade dos trabalhos, amplia-se o banco de dados que possibilita descortinar os distintos horizontes culturais arqueológicos do Alto Paraná.

No Projeto Integrado de Pesquisas do Alto Paraná elabora-se uma síntese acerca dos horizontes arqueológicos da área, considerando-se seus ambientes ao norte (imagem abaixo) e ao sul (menor, abaixo) do rio Pardo em agosto de 1990; suas ocupações de caçadores-coletores-pescadores, produtores de pontas líticas, e dos Tupiguarani (foto da vasilha cerâmica do sítio Ribeirão Quiterói 1 - março de 1998). A pesquisa é retroalimentada pela escavação do sítio Rio Baía 1 (foto da trincheira 1 - abril de 2005).





Confluência do ribeirão Palmito
com o rio Paraná
(1916 - junho de 1937)

Do Alto Paraná
outrora ecoavam os sons
dos peixes na piracema.
Suas férteis várzeas, com
abundância de vegetais, animais,
cascalheiras e argila, atraíram
várias populações humanas.

PAISAGEM E ARQUEOLOGIA

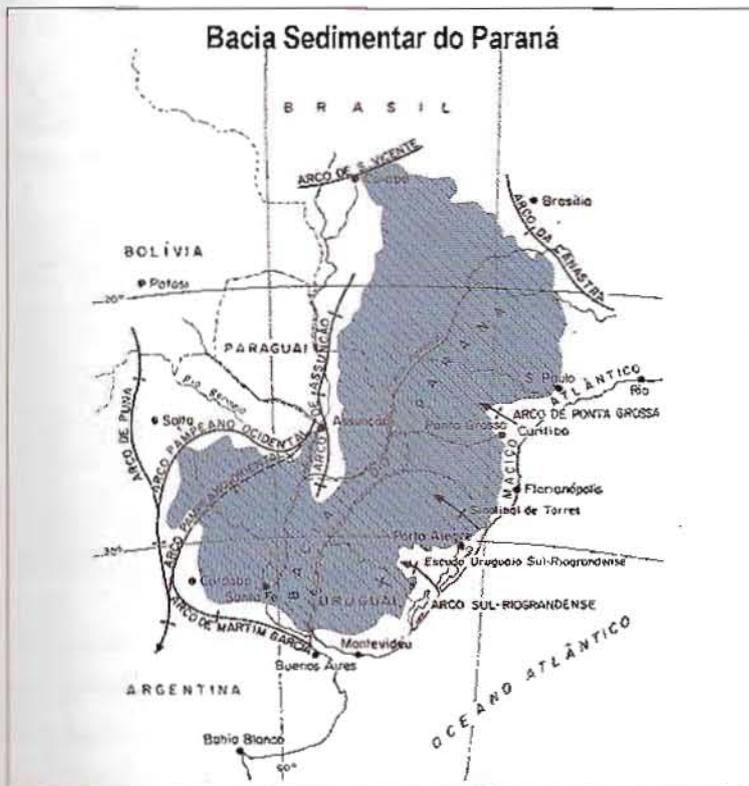


Após muitos milhões de anos de transformações geoambientais, o Alto Paraná passou a acolher, pelo menos desde cerca de 6 mil anos passados, culturas diferenciadas cujas técnicas e práticas interagiram com a tipologia e a disponibilidade de recursos naturais.

O rio Paraná situa-se no centro de uma estrutura geológica, formada há mais de 400 milhões de anos, denominada Bacia Sedimentar do Paraná, que ocupa uma área de 1,6 milhão de km², representada no mapa ao lado. Além de uma extensa área de Mato Grosso do Sul e outros estados do Centro-Oeste, partes dos estados do Sudeste e Sul brasileiro, parte da Argentina, Paraguai e Uruguai situam-se nesta Bacia.

Vários eventos geológicos ocorridos no decorrer da história geológica cenozóica dessa Bacia, alteraram o traçado original do rio Paraná. O



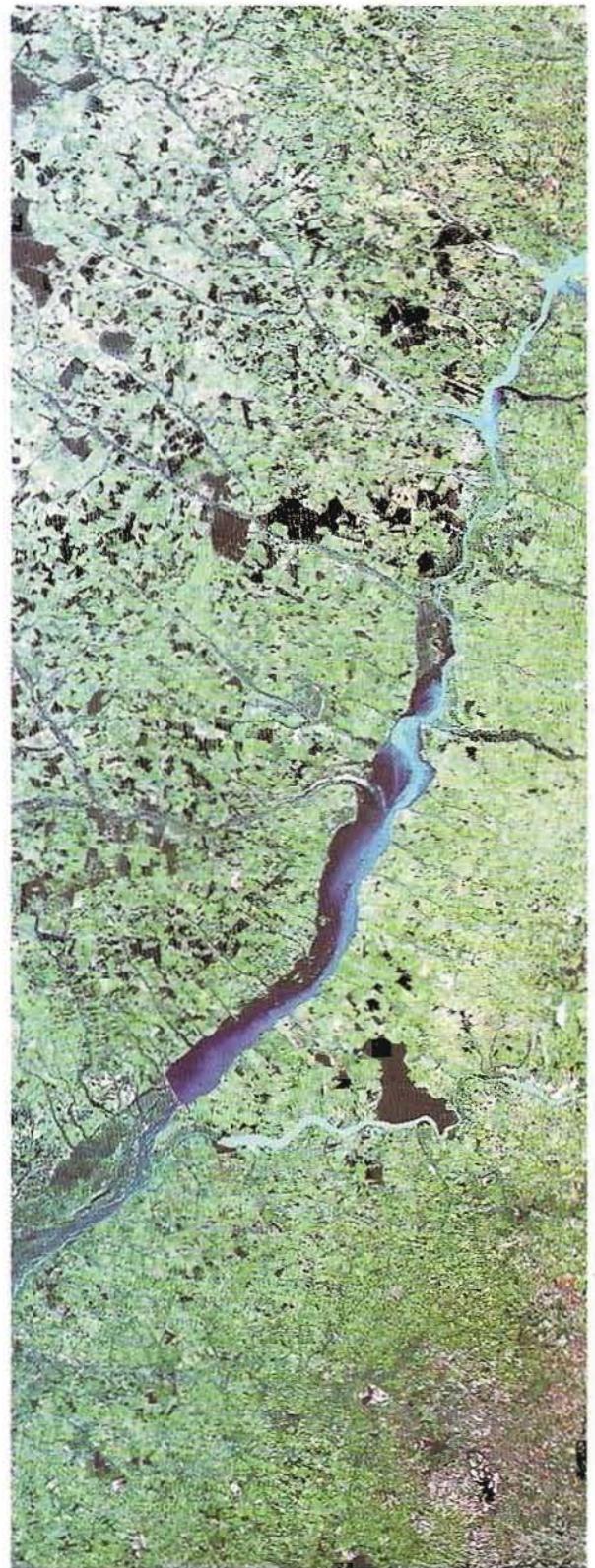


atual eixo desse rio foi definido no final da Era Mesozóica (há mais de 65 milhões de anos), em consequência de soerguimento dos arcos marginais a essa bacia, vistos no mesmo mapa, segundo Petri e Fúlfaro (1983).

Assim, hoje o rio Paraná estende-se por cerca de 3.780 km no sentido meridional da América do Sul. Com seus afluentes, compõe uma bacia hidrográfica que drena uma superfície de aproximadamente 2,8 milhões de km², desde o Brasil até sua desembocadura no Río de la Plata (Argentina).

Os sedimentos depositados desde mais de 400 milhões de anos atrás na Bacia do Paraná sofreram litificação, isto é, foram transformados em rochas que hoje afloram nas bordas leste e oeste dessa estrutura geológica. Na maior parte dessa Bacia, as rochas mais antigas acham-se recobertas pelas rochas formadas posteriormente.

Durante a Era Mesozóica areias finas transportadas e depositadas pelo vento em ambiente desértico foram consolidadas em arenitos (Formação Botucatu). Superpostas a esses depósitos, no decorrer dos períodos Jurássico e Cretáceo dessa Era, ocorreram efusões de lavas vulcânicas, predominantemente basálticas, intercaladas por lentes de arenitos, que constituem o conjunto de rochas denominado Formação Serra Geral. O Alto Paraná atualmente flui em grande extensão sobre essas rochas produzidas por sucessivos derrames que, em Presidente Epitácio (SP), alcançaram 1,5 km de espessura total.



Bacia do Paraná na representação geológica de Petri e Fúlfaro (1983). A paisagem do Alto Paraná atual é marcada pelo represamento antrópico produzido pela UHESM a agropecuária implicou a retrada da floresta e do cerrado, remanescentes apenas em alguns fragmentos residuais (vistos na imagem de satélite cedida pela CESP)

AS FONTES DE MATÉRIA-PRIMA LÍTICA E AS CORREDEIRAS PISCOSAS

ARENITOS SILICIFICADOS

Afloramentos de arenitos silicificados associados aos basaltos do Planalto Maracaju-Campo Grande (Martins, 2003) e da Serra de Botucatu (Morais, 1983), respectivamente nas bordas ocidental e oriental da Bacia do Paraná, foram utilizados como fontes de matérias-primas para a confecção de ferramentas líticas arqueológicas, como o raspador (foto ao lado) coletado no sítio Córrego Prosa 1.

FOTO: PAULO ROBSON



CRISTAIS

No início do século XVII, a expectativa de que cristais de quartzo encontrados no basalto fossem preciosos, motivou a fundação de Villa Rica do Espírito Santo (Cardozo, 1970). Assim como os arenitos silicificados associados ao basalto, os cristais de quartzo também foram utilizados pelos povos pretéritos. Uma ametista lascada para encaixe (foto ao lado, menor), sugerindo tratar-se de adorno, foi localizada em solo de ocupação Guarani da margem direita do rio Baía (sítio arqueológico Rio Baía 1).

Expostas pelos processos de morfogênese, ou seja, erosão das superfícies pelo escoamento das águas, atualmente as rochas da Formação Serra Geral (basaltos e arenitos silicificados) afloram ao longo de alguns afluentes de grande porte do Alto Paraná, assim como nas *cuestas* e morros-testemunho das bordas ocidental e oriental dessa Bacia. Associados ao basalto, localmente ocorrem cristais de rocha (quartzo).

Durante o Cretáceo Superior (há cerca de 90 milhões de anos atrás), sobre as rochas da Formação Serra Geral, depositaram-se os sedimentos que foram denominados de Formação Caiuá, compostos de arenitos vermelho-arroxeados com estratificação cruzada. A Formação Caiuá exibe ampla distribuição espacial no entorno da calha do rio Paraná, aflorando, entre outros locais, no Pontal do Paranapanema.

FORMAÇÃO CAIUÁ

Arenito Caiuá aflora na maior parte da margem esquerda do Alto Paraná (foto - outubro de 1997). Na margem direita do trecho setentrional desse rio, a ocorrência desses afloramentos se restringe à área de inflexão do canal do Alto Paraná denominado Paredão das Araras – sobre o qual se localiza o sítio arqueológico Alto Paraná 12. Esses locais, pela topografia elevada de margem e visibilidade do entorno, dentre outros fatores, favoreceram a instalação de aldeias pretéritas Guarani.



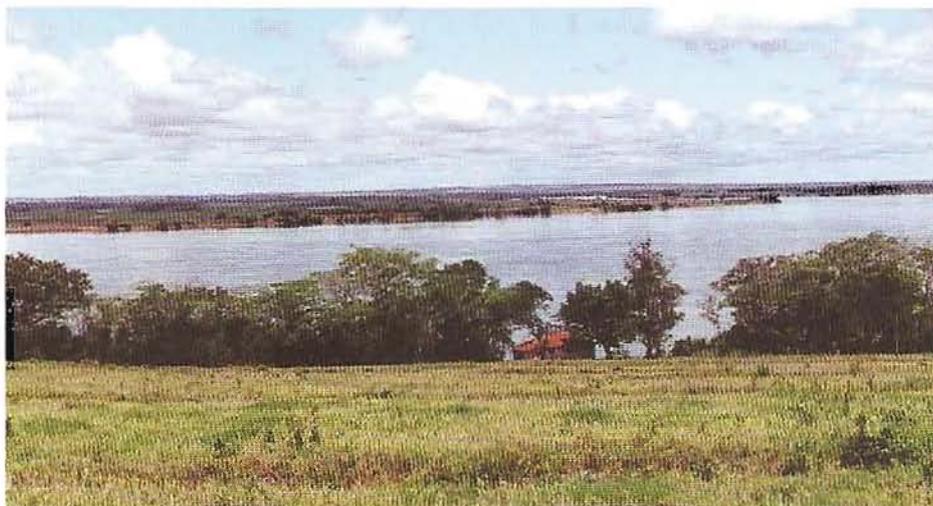
Posteriormente, superposta à Formação Caiuá, depositou-se a Formação Santo Anastácio que, por sua vez, foi recoberta pela Formação Adamantina. Segundo a SEPLAN (1990), a Formação Santo Anastácio é composta, na base, por arenito predominantemente fino, de tonalidades cinza-pardo, vermelho-arroxeadado ou creme. Por sua vez, a Formação Adamantina se distingue por constituir arenitos finos a médios, com tonalidades entre cinza-róseas e amarelo-esbranquiçados.

Os afloramentos das Formações Caiuá, Santo Anastácio e Adamantina restringem-se, na vertente ocidental do Alto Paraná, a alguns dos divisores dos rios Ivinhema/Pardo e Pardo/Verde. A maioria das superfícies do Alto Paraná caracteriza-se pelas amplas coberturas coluviais cenozóicas, diretamente relacionadas com a pedogenização desses substratos, areníticos ou basálticos, bem como coberturas colúvio-aluviais ou aluviais depositadas nas médias vertentes ou fundos de vale.

Vista do Alto Paraná obtida a partir da superfície do Paredão das Araras, na área do sítio arqueológico Alto Paraná 12, antes da formação do reservatório da UHESM (foto menor - maio de 1994).

Na margem oposta, conforme observa-se nessa foto, o ambiente de várzea da Lagoa São Paulo e do canal do rio Paraná.

Ao norte dessa área, as inflexões no traçado do rio Verde apresentavam corredeiras, como a vista na foto abaixo, numa manhã fria de maio de 1999; nessa margem da corredeira, localizava-se o sítio arqueológico Rio Verde 15.



A Era Cenozóica também se caracterizou por complexos eventos tectônicos, que então se sucederam na Bacia Sedimentar do Paraná e produziram a escavação do canal do rio Paraná, entre Guaira e Foz do Iguacu. Estruturas geológicas como falhamentos determinaram a configuração da hidrografia e a geomorfologia do alto e médio rio Paraná. A maior parte dos grandes afluentes do rio Paraná se encaixou em alinhamentos tectônicos como Paranapanema, Tietê, Araxá-Rio Grande e São Jerônimo Curiúva (FÚLFARO et al., 1982).



No segmento setentrional do Alto Paraná, especialmente entre Santa Rita do Pardo e Três Lagoas, houve um aumento no encaixamento do canal, com incremento de inflexões bruscas no traçado fluvial, denominadas **pontos de estrangulamento/estreitamento** (*node points*). No Alto Paraná, o maior deles era o das Sete Quedas, que representava o nível de base regional.

Ao lado, foto aérea do rio Paraná em 1979 na área da ilha Bandeirantes. Observava-se, à direita, a foz do rio do Peixe, então caracterizado pelo traçado sinuoso no ambiente de várzeas; ao sul dessa ilha, o rio Paraná fazia uma inflexão, em cuja margem direita se localizava o sítio arqueológico Brasilândia 3 - BR3 (marcado com círculo). O afloramento de conglomerado de seixos e calhaus desse sítio é visto, em detalhe, na foto acima (em outubro de 1997).

PONTOS DE ESTRANGULAMENTO/ESTREITAMENTO

Nos pontos de estreitamento, as margens fluviais eram mais elevadas e favoreciam o desenvolvimento de solos estruturados, assim como promoviam proteção contra inundações, propiciavam ampla visibilidade do entorno e facilitavam embarque e desembarque fluvial. Em muitos casos, corredeiras fluviais aí formadas constituíam locais para a pesca e, portanto, preferenciais para estabelecimentos humanos do passado. Antes da formação do reservatório da UHESM, sobre os sítios arqueológicos aí constituídos encontravam-se bebedouros de gado, portos e pontes, dentre outras edificações.

A existência de ilhas também facilitava o deslocamento e a travessia fluvial.





Além do estreitamento e inflexão do canal, nos pontos de estrangulamento dos rios existiam, antes da formação do reservatório da UHESM, afloramentos de substratos rochosos e de conglomerados de seixos ou cascalheiras sobrejacentes. Vários desses locais apresentavam ferramentas produzidas a partir do talhe de calhaus e seixos, por povos do passado. Dessa forma, foram locais escolhidos para confecção desses instrumentos junto às fontes de matéria-prima.

Nesses pontos de estrangulamento fluvial, desembocavam afluentes de grande porte do Alto Paraná. Esses afluentes constituíam um sistema de vias de navegação e foram especialmente ocupados no passado.

Os complexos eventos tectônicos cenozóicos geraram pontos de inflexão na drenagem, desencadearam o soerguimento da Serra de Maracaju e a conseqüente compartimentação e escavação da drenagem. Essa dinâmica resultou na erosão de rochas basálticas e areníticas dos afluentes, que originaram os depósitos de cascalho do ambiente de calha do rio Paraná.

Na margem oeste da ilha Água Limpa aflorava basalto e ocorria estreitamento do canal do rio Paraná, fato que facilitava a pesca no local. Os instrumentos líticos lascados, encontrados neste afloramento e no solo da barranca permitiram a caracterização dessa área como sítio arqueológico Ilha Água Limpa 1 (foto - maio de 1999).

O segmento do Alto Paraná, à montante de sua confluência com o rio Pardo, era abundante em afloramentos de conglomerados de seixos e calhaus. Nesses locais também se encontravam sítios arqueológicos, testemunhos de atividades de povos do passado, que se apropriaram dessas matérias-primas para a confecção de instrumentos diversos para atender às necessidades vitais de cortar, raspar e/ou perfurar. As fotos mostram os sítios arqueológicos Alto Paraná 8 (acima) e Alto Paraná 11 (abaixo) em outubro de 1997.



Os depósitos de cascalho no canal do Alto Paraná teriam sido sedimentados em duas fases distintas, denominadas de gerações quartzítica e calcedônica (FÚLFARO; SUGUIO, 1974), cujas idades precisas ainda são ignoradas. Entretanto, supõe-se que, em clima semi-árido, sob um regime fluvial de alta energia, se formaram os depósitos da “geração quartzítica” compostos principalmente de blocos e seixos de quartzito e quartzo, oriundos do embasamento cristalino pré-cambriano da borda oeste da Bacia do Paraná.

Posteriormente, o soerguimento da Serra de Maracaju teria causado mudança das áreas-fonte de cascalhos para a calha do Alto Paraná. Fluxos de alta energia entalharam grandes vales e iniciaram um novo ciclo deposicional de cascalhos. Os afluentes de substrato basáltico devem ter fornecido seixos de ágata e calcedônia, além de arenito silicificado e basalto à calha do rio principal, compondo a geração calcedônica. Esse cascalho também inclui quartzo e quartzito oriundos do retrabalhamento da geração quartzítica.

Na área da UHESM, Suguio et al. (1984) registraram dois níveis de cascalho associados à geração quartzítica: na base do terraço colúvio-aluvial (cota média 245 m) e entre as cotas 237 e 245 m. A geração calcedônica foi identificada na base do terraço aluvial e na planície aluvial, em cota média de 235 m.



PERÍODO QUATERNÁRIO E TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM

No decorrer da época pleistocênica do Período Quaternário, ou seja, durante os últimos 1,8 milhão de anos, ocorreram vários períodos glaciais, com diversos intervalos de paleoclimas semi-áridos a áridos, principalmente no Hemisfério Norte, que repercutiram na dinâmica da paisagem, mesmo em locais sem glaciações, como o Alto Paraná.

De uma maneira geral, as alterações paleoclimáticas para as condições semi-áridas produziram estados de desequilíbrio bioclimático, resultando em diminuição da cobertura vegetal e incremento do intemperismo físico dos solos e das rochas. Nos paleoclimas chuvosos, o escoamento concentrado sobre solos ressecados originou depósitos de cascalho nos leitos fluviais. Intercalados aos estádios glaciais ocorreram interglaciais, quando paleoclimas mais quentes e úmidos propiciaram a formação de solos com maior desenvolvimento de cobertura vegetal e de fauna.

Essas transformações na cobertura vegetal, bem como na morfogênese e evolução dos depósitos sedimentares do rio Paraná, especialmente na área de Porto Rico (PR), foram interpretadas por Stevaux et al. (1997), como descreve-se a seguir.

No leito do rio Paraná existe um pacote sedimentar com até 30 m de espessura, cujas idades ultrapassam 40.000 anos A.P. Nas planícies de inundação, mais recentes, as espessuras dos depósitos são inferiores a 10 m.

No final do Pleistoceno, os autores teriam identificado, no Alto Paraná, paleoclimas áridos a semi-áridos entre 23.540 ± 2.240 anos A.P. e 41.680 ± 4.880 anos A.P., segundo idades obtidas na seção basal de lagoas.

Os paleoclimas áridos a semi-áridos do Pleistoceno teriam propiciado intensa colúviação, formando o **terraço colúvio-aluvial** denominado, por Stevaux (1993), Unidade Taquaruçu. Até o momento, não foram encontrados vestígios humanos neste período de aridez no Alto Paraná.

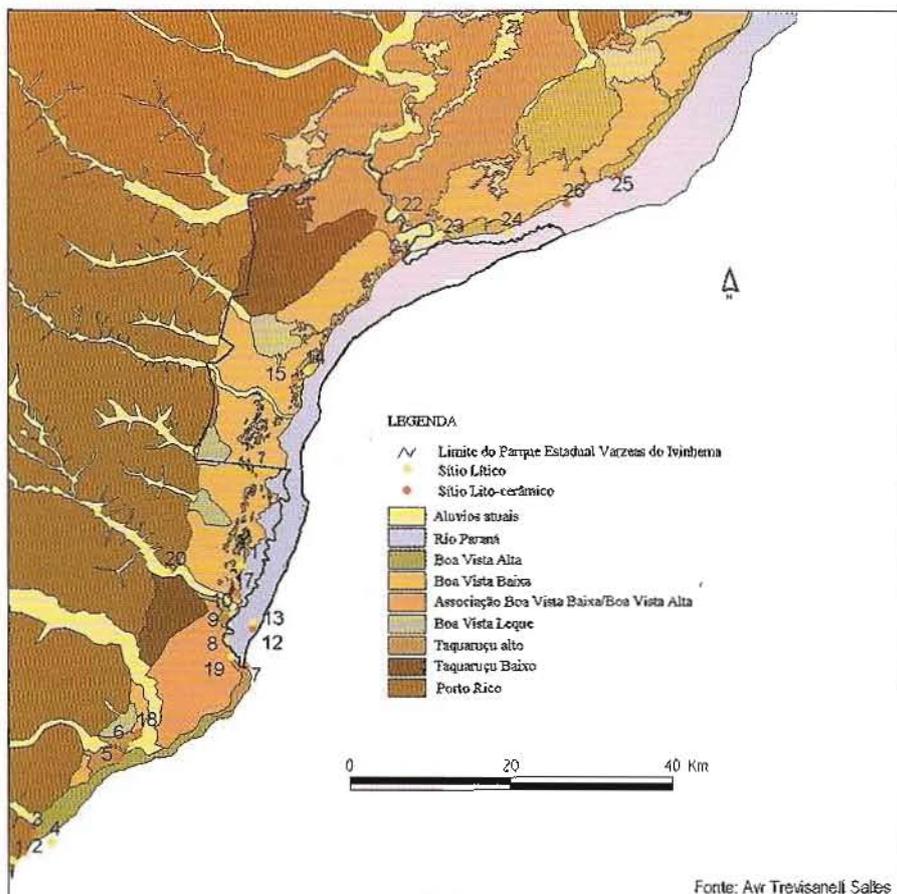
A extensa planície do Alto Paraná foi formada pela expansão do vale deste rio para a

TERRAÇO COLÚVIO-ALUVIAL

Terraço colúvio-aluvial da margem direita do Alto Paraná, segundo Suguio et al. (1984), que se situa fora da área de inundação desse rio. Grande parte desses terraços, quando tangenciados por canais fluviais, como no sítio arqueológico Rio Maracá 1 (foto - janeiro de 2003), foram habitados por povos Guaraní ceramistas que aí viveram desde cerca de 1.000 anos atrás.



O mapa ao lado representa os diferentes níveis de terraço da margem direita do Alto Paraná, no segmento não represado (área apresentada na imagem da página 21): desde a várzea (Unidade Rio Paraná), terraço colúvio-aluvial (Unidade Fazenda Boa Vista) e terraço predominantemente colúvio (Unidade Taquaruçu), segundo a denominação de Stevaux (1993).



Fonte: Ayr Trévisanelli Sales

TERRAÇO ESTRUTURAL

Compõe relevo com suave caimento rumo ao rio Paraná, onde forma barranco elevado em mais de 20 m em relação ao leito fluvial (foto abaixo: sítio arqueológico guarani na margem esquerda do Alto Paraná em 2004). Nesses terraços estruturais foram localizados numerosos sítios arqueológicos, vários deles testemunhando antigas aldeias de povos Guarani ceramistas. Esse terraço fluvial elevado teria constituído local favorável à instalação de povos indígenas, notadamente do último milênio.

sua margem direita, depositando sedimentos aluviais. Outros eventos marcantes desse rio foram a mudança de seu canal em direção oposta, encaixando-se no Arenito Caiuá dos atuais estados de São Paulo e Paraná (denominado **terraço estrutural** ou, segundo Stevaux (1993), Unidade Porto Rico). Na margem direita do grande rio, os depósitos colúvio-aluviais exibem espessuras entre 15 e 20 m e formaram a Unidade Fazenda Boa Vista.



ÓTIMO CLIMÁTICO E POVOAMENTO HUMANO DA REGIÃO

Desde cerca de 10.000 anos passados, quando terminou o último estágio glacial do Hemisfério Norte, ocorreu melhoria das condições paleoambientais, as quais atingiram o seu ápice há cerca de 5.000 a 6.000 anos passados, constituindo o denominado Estágio Hipsitérico ou o Ótimo Climático.

Essas novas condições paleoambientais no Alto Paraná, de expansão da cobertura vegetal, foram registradas pela produção de turfa e areia orgânica, datadas de 4.870 ± 100 anos A.P. por radiocarbono e contendo abundantes palinórfos, segundo Stevaux et al. (1997). Segundo esses autores, nesse ambiente teriam ocorrido a reativação dos canais e a construção do terraço denominado Unidade Fazenda Boa Vista, localizado entre as várzeas do rio Paraná e a Unidade Taquaruçu.

A borda elevada desse terraço colúvio-aluvial marginal às várzeas é denominada subunidade **Fazenda Boa Vista Alta**, que não é inundável e acha-se coberta pela vegetação arbórea. É composta de cerca de 10 m de espessura de areia média a fina, com aparência homogênea, que foi associada por Stevaux a retrabalhamento eólico.

TERRAÇOS FAZENDA BOA VISTA ALTA

A subunidade Fazenda Boa Vista Alta constituía uma feição geomorfológica preferencial para a fixação humana, pois era uma superfície protegida das cheias excepcionais. A existência do canal fluvial que tangencia essa superfície atendia aos múltiplos usos cotidianos. Tal fato é comprovado pela localização de sítios arqueológicos nesse tipo de relevo, por exemplo, no sítio Córrego Mirim 1 (foto abaixo - outubro de 2002).



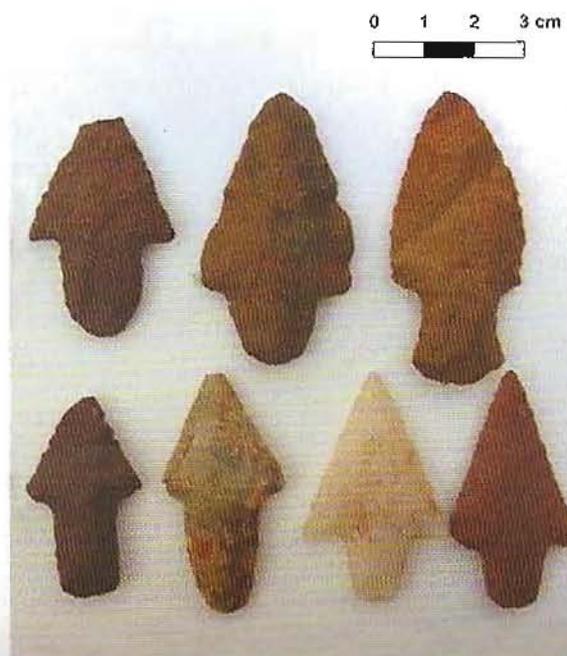


Há cerca de 6.000 anos, durante o Ótimo Climático, as condições paleoambientais favoreceram a expansão da flora e da fauna, em conjunção com a presença de populações de caçadores-coletores-pescadores no Alto Paraná. A foto acima (em setembro de 2003) ilustra a vegetação atual das várzeas do rio Ivinhema.

À direita têm-se foto de pontas de projéteis produzidas por caçadores-coletores-pescadores pré-históricos. As peças foram coletadas na área da foz do rio Ivinhema por morador local.

Os incrementos da temperatura e da umidade propiciaram a intensificação da pedogênese e a expansão da cobertura vegetal e da fauna, aumentando os recursos alimentares. Assim, durante o Ótimo Climático,

o Alto Paraná tornou-se, naturalmente, mais favorável à expansão de grupos de caçadores-coletores, fato que é comprovado pelos dados obtidos nas escavações dos sítios arqueológicos. Há 6.000 anos passados populações caçadoras-coletoras-pescadoras ocuparam as bordas dos terraços estruturais, dos colúvio-aluviais e dos aluviais, tangenciadas pelos cursos fluviais.



Posteriormente, entre 3.500 e 1.500 anos A.P., teriam prevalecido condições paleoclimáticas semi-áridas no Alto Paraná, segundo Stevaux et al. (1997). Essa fase seca estaria testemunhada pelas cactáceas associadas à vegetação de floresta da margem do rio Paraná (JABUR, 1992). A presença humana continuou nessa área, conforme se observa nos sítios arqueológicos.

Segundo Stevaux et al. (1997), por volta de 2.000 anos atrás definiu-se o leito atual do rio Paraná, embutido nos paredões de arenito da sua margem esquerda e, assim, abandonando canais da planície de inundação, tais como o rio Baía, e originando várias lagoas na várzea.

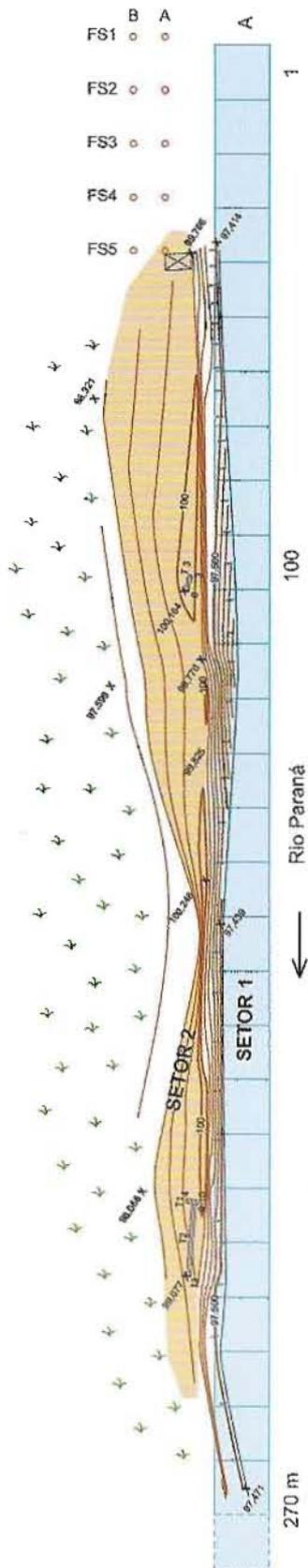
Retrabalhados pela dinâmica fluvial dos últimos milênios, os paleoambientes de várzea e do canal do rio Paraná compõem a denominada Unidade Rio Paraná (STEVAX, 1993). Níveis de areia e de cascalho com espessura de até 15 m, presentes no canal desse rio, em suas ilhas e barras, integram os “depósitos de leito” segundo Suguio et al. (1984).

As várzeas foram divididas em altas ou baixas, alçadas respectivamente a 4,0 e 1,5 m acima do nível normal das águas. Inundável nas cheias anuais, a várzea baixa apresenta cicatrizes de **paleoilhas** e paleocanais. Parte dos paleocanais foi reocupada por leitos fluviais ou lacustres atuais.

PALEOILHAS

As paleoilhas e os diques marginais são formas de relevo que se destacam na planície do Alto Paraná, pois são mais elevados. Isso possibilita o crescimento de vegetação arbórea e, no passado, favorecia os acampamentos humanos, como se observa pela presença de sítios arqueológicos nessas formas de relevo, principalmente quando marginais a cursos fluviais e lagoas. Abaixo (foto - outubro de 2002), um dos canais do Baixo Ivinhema.

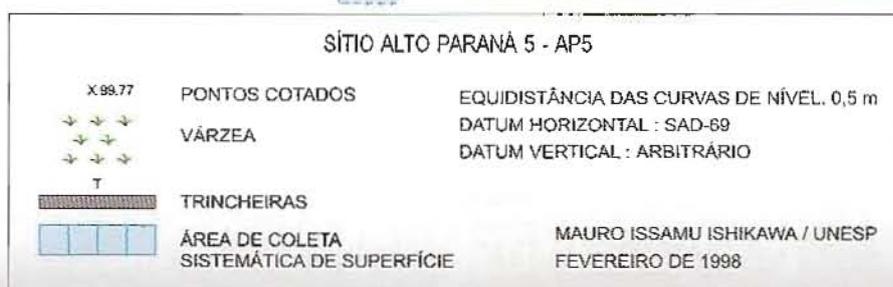




A Unidade Rio Paraná, segundo Stevaux et al. (1997), é composta, na base, por depósito fluvial de alta energia (“cascalho polimítico arenoso”, com intercalações de areias médias a grossas e blocos de cascalho limonitizados ressedimentados). Posteriormente, sob fluxo de menor energia, depositou-se “areia estratificada e seixosa”, tanto no canal quanto na planície de inundação e, em superposição à “lama arenosa”, cuja base foi datada em 4.250 anos A.P.

Os vestígios arqueológicos são encontrados, em grande parte, nas camadas arenosas que depois se superpuseram à *lama arenosa*. Isso sugere a intensificação do povoamento do Alto Paraná a partir do Ótimo Climático.

Situados nas margens contíguas aos canais fluviais, os diques marginais possuem elevação topográfica mais acentuada, advinda de deposição da fração mais grossa dos sedimentos transportados em suspensão nas águas das cheias, bem como pelo perfil topográfico assimétrico, uma vez que as frações mais finas, transportadas pelas cheias, decantam no limite entre planície e terraço, com declividade suave e paralela à face abrupta desse dique no seu contato com o canal fluvial. Os segmentos mais elevados dos diques foram muitas vezes ocupados pelas populações do passado.

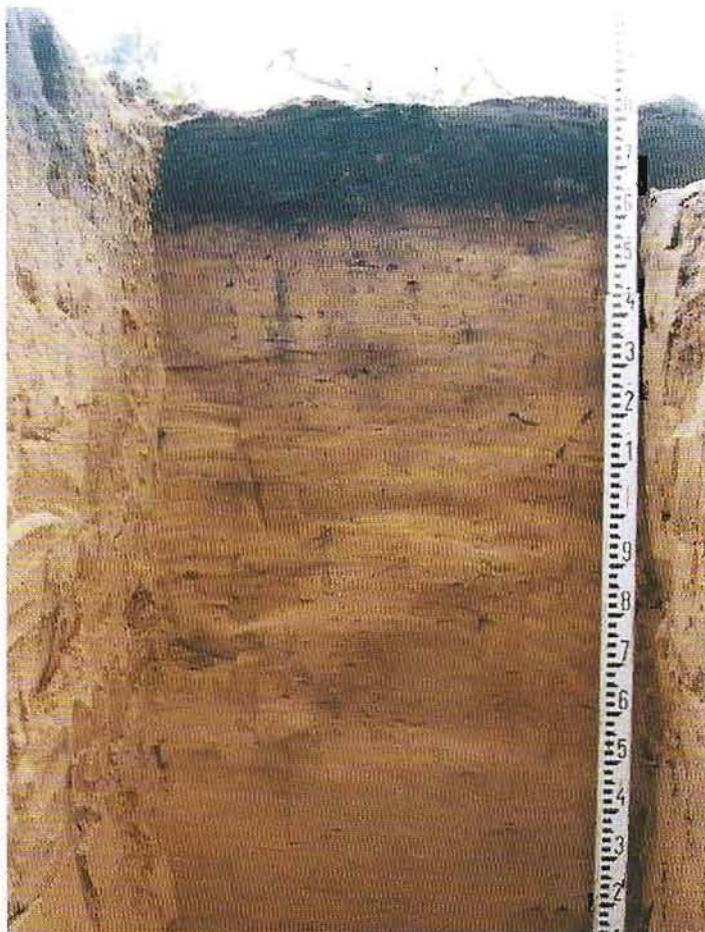


O sítio arqueológico Alto Paraná 5 situava-se no dique marginal do Alto Paraná, ao lado da foz do ribeirão Quiterói (foto - fevereiro de 1998). A topografia de detalhe desse sítio (carta topográfica ao lado) permite a visualização da declividade do terreno, da margem até a várzea no interior do terraço fluvial. Os vestígios de carvões arqueológicos desse sítio situaram a data de ocupação humana do local há cerca de 1.500 anos.

Dessa forma, desde cerca de 1.500 anos atrás, estabeleceram-se as condições paleoambientais quentes e úmidas que se estendem até a atualidade no Alto Paraná, conforme se observa pelo incremento de matéria orgânica nos depósitos sedimentares. Esse paleoambiente quente e úmido proporcionou o desenvolvimento de solos e as expansões da Floresta Estacional Semidecidual aluvial e das faunas.

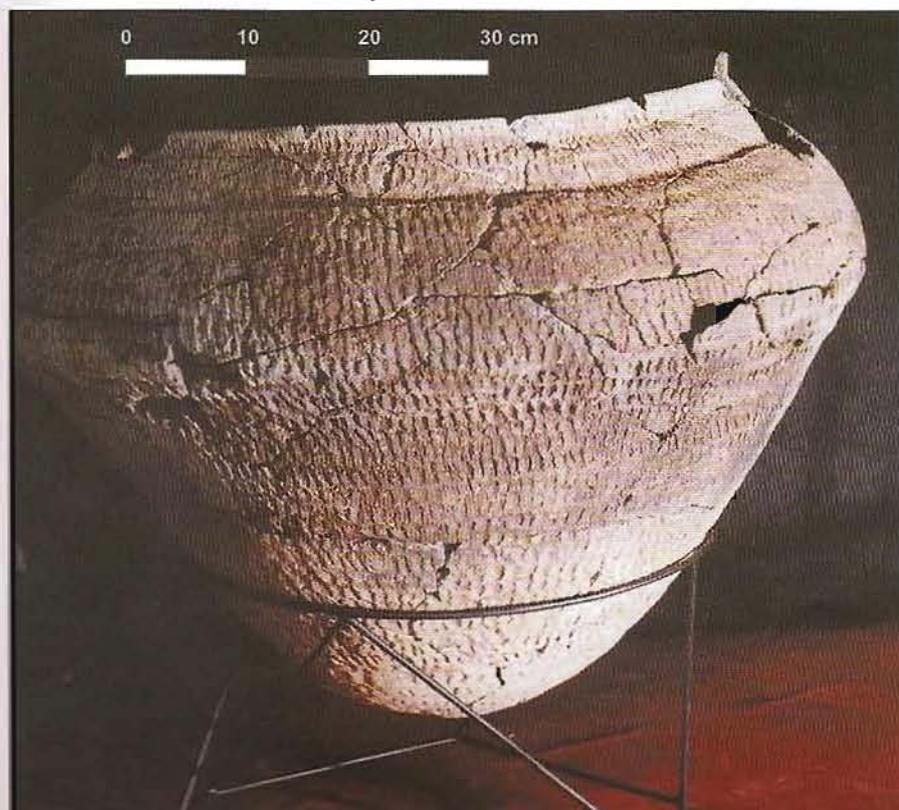
Com os recursos naturais caracterizados por solos bem desenvolvidos e abundância de flora e fauna, há cerca de 1.200 anos os povos agricultores ceramistas, principalmente os Tupiguarani, se tornaram hegemônicos na área, ocupando terraços e diques marginais, onde antes se estabeleciam os caçadores-coletores.

As datações obtidas indicam esse povoamento Tupiguarani no intervalo entre 1.600 ± 200 anos A.P. (Fatec-259, sítio Brasilândia 11, situado na margem do rio Paraná) e 240 ± 30 anos A.P. (Gif-10038, sítio Bataguaçu 4, localizado na margem do rio Pardo). Vários desses sítios apresentam a terra preta antropogênica, originada da matéria orgânica de áreas de habitação e/ou de descarte dos Tupiguarani.



A escavação da trincheira 1 no sítio arqueológico Rio Baía 1, até 1,80 m de profundidade, permite visualizar a camada de terra preta antropogênica Guarani nos 0,20 m superficiais do solo (foto acima - abril de 2005). Nessa camada marcada pelos vestígios orgânicos, encontram-se numerosos fragmentos de cerâmica. As camadas subjacentes, amareladas, correspondem a depósitos sedimentares anteriores, cabendo-se destacar que no fundo da trincheira, a 1,80 m de profundidade, encontram-se instrumentos, tais como pontas líticas, que testemunham a existência de um antigo acampamento de caçadores-coletores-pescadores neste local.

A foto ao lado ilustra uma urna cerâmica guarani coletada no sítio Rio Ivinhema 1.



O AMBIENTE RECENTE

Nos 400 km do seu alto curso, o rio Paraná exibe uma bacia de superfície suavemente inclinada rumo ao canal principal, passando na sua vertente esquerda de 700 para 270 m de altitude, em virtude do processo de epirogênese positiva atuante nas bordas dessa bacia. A drenagem dos afluentes principais, adaptada a essa inclinação das camadas, possui padrão semiparalelo, dissecando as formas de relevo.

Na margem direita do rio Paraná, no Estado de Mato Grosso do Sul, predominavam, antes da formação da UHESM, extensos terraços fluviais que alcançavam 12 km de largura, compostos de solos "Glei", aluviais e Areias Quartzosas. Rumo ao alto curso dos afluentes, predominam os latossolos.

O Alto Paraná situa-se na transição de dois ecossistemas hoje bastante alterados pela agropecuária: o setentrional da Floresta Estacional Semidecidual e o meridional dos Cerrados. O traçado do rio Pardo, afluente do rio Paraná na latitude de 21°30", constitui o limite aproximado desses dois ecossistemas.

Cabe destacar que antes da formação do reservatório da UHESM, este era também o limite do rio Paraná com traçados diferenciados. Ao norte da foz do rio Pardo, o canal do rio Paraná possuía inflexões bruscas e maior encaixamento caracterizado por margens elevadas com mais de 5 m em relação ao leito fluvial e os afluentes possuíam grande porte. Nesse



A foto ao lado (em outubro de 1997) ilustra o terraço elevado na margem direita do Alto Paraná, ao norte de sua confluência com o rio Pardo. Os vestígios cerâmicos da ocupação Tupiguarani do passado, encontrados no alto desse terraço, permitiram caracterizá-lo como sítio arqueológico (Sítio Alto Paraná 8).



segmento, antes da expansão da agropecuária, a Floresta Estacional Semidecidual aluvial do rio Paraná dava lugar à cobertura de Cerrado, em clima regional controlado predominantemente pela posição da Zona de Convergência Intertropical. A extensão setentrional desse segmento era habitada, até o século XIX, pelos índios Kayapó do Sul.

O leito do Alto Paraná ao norte da confluência com o rio Pardo era encaixado, navegável e com jazidas de argila, fatos que favoreceram as atividades econômicas da área no século XX. A atividade oleira de cerâmica vermelha, combinada à pesca e ao transporte, foi essencial para o desenvolvimento das localidades sul-mato-grossenses de Porto João André e, na foz do rio Pardo, de Porto XV de Novembro. Com a iminente inundação dos ambientes ribeirinhos pelo reservatório da UHESM, as populações dessas localidades foram transferidas para novos centros urbanos, construídos pela CESP no terraço coluvial.

Ao sul de sua confluência com o rio Pardo, a vegetação das margens do rio Paraná passava gradualmente de Cerrado para Floresta Estacional Semidecidual, com clima marcado pelo predomínio de massas de ar tropicais e polares.

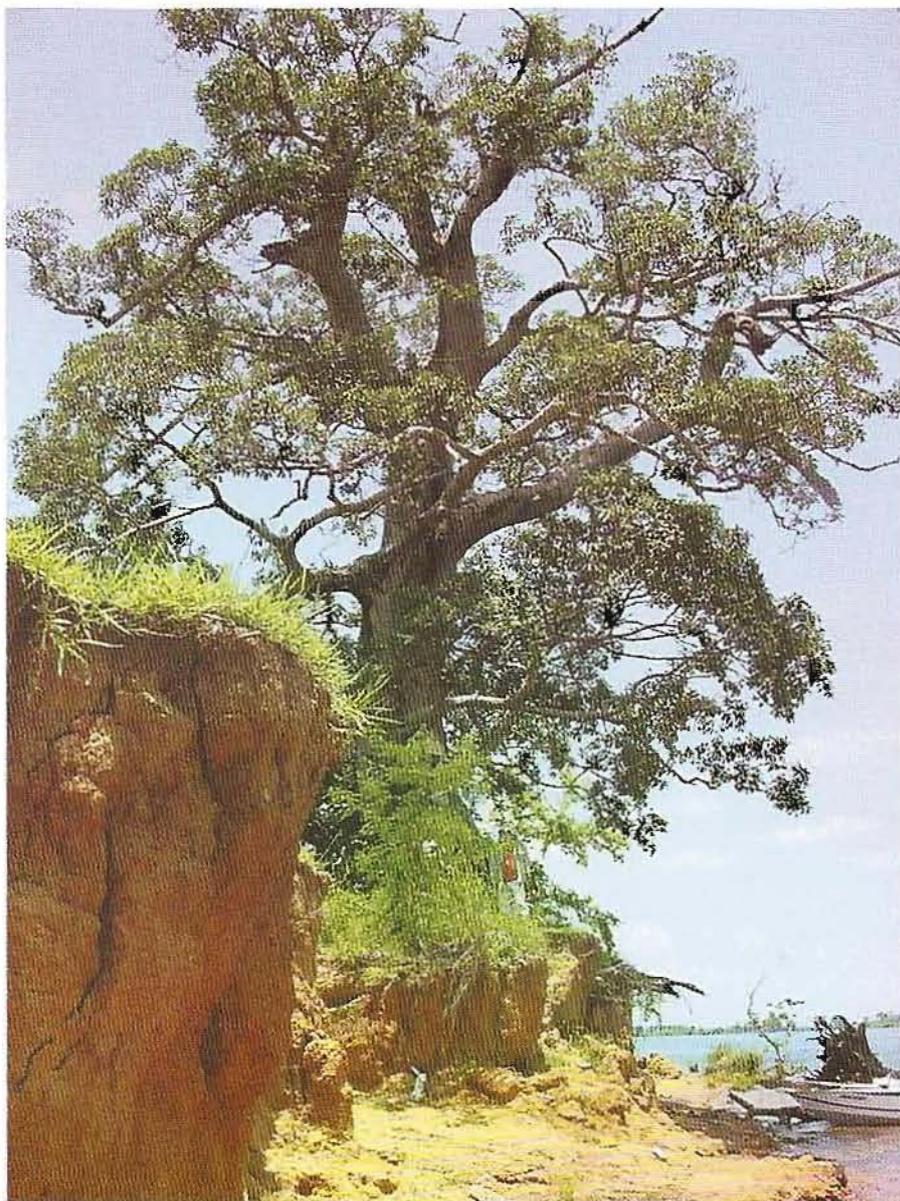
Nesse trecho, antes da formação do reservatório da UHESM, esse segmento do rio Paraná apresentava traçado mais retilíneo e menos encai-

Ao sul da confluência com o rio Pardo, a margem direita do rio Paraná era pouco elevada. Na foto (em outubro de 1997), o sítio arqueológico Alto Paraná 5, com margens baixas e sujeitas às inundações periódicas.

As margens do Alto Paraná à montante de sua confluência com o rio Verde, não foram inundadas pela formação do reservatório da UHESM. Entretanto, a elevação do nível das águas acelerou a erosão das margens, num processo que gradualmente causa o solapamento do terraço de Porto Independência (sítio arqueológico Três Lagoas 1) e também compromete a sobrevivência da imponente figueira, remanescente vegetal hoje raro no Alto Paraná (foto ao lado - fevereiro de 2005). Com a erosão dos sítios, o material arqueológico deposita-se nas margens e no leito fluvial e, muitas vezes, acaba sendo acidentalmente retirado durante atividades de exploração de areia e cascalho (foto abaixo - maio de 2005).

EROSÃO DAS MARGENS

As variações de nível das águas do Alto Paraná provocam a erosão lateral das margens e a consequente destruição de sítios arqueológicos situados nesses locais. Este processo é intensificado, na atualidade, pelo desmatamento das margens e ilhas e pelas operações de controle fluvial das barragens implantadas no Alto Paraná.



xado, com margens mais baixas e, portanto, mais sujeitas às inundações periódicas; os afluentes eram de menor porte. Essas características geomorfológicas favorecem, atualmente, a **erosão das margens** des-

matadas; no passado, influíram no padrão de ocupação pretérita dessa área, inicialmente pelos caçadores-coletores-pescadores e posteriormente pelos Guarani.

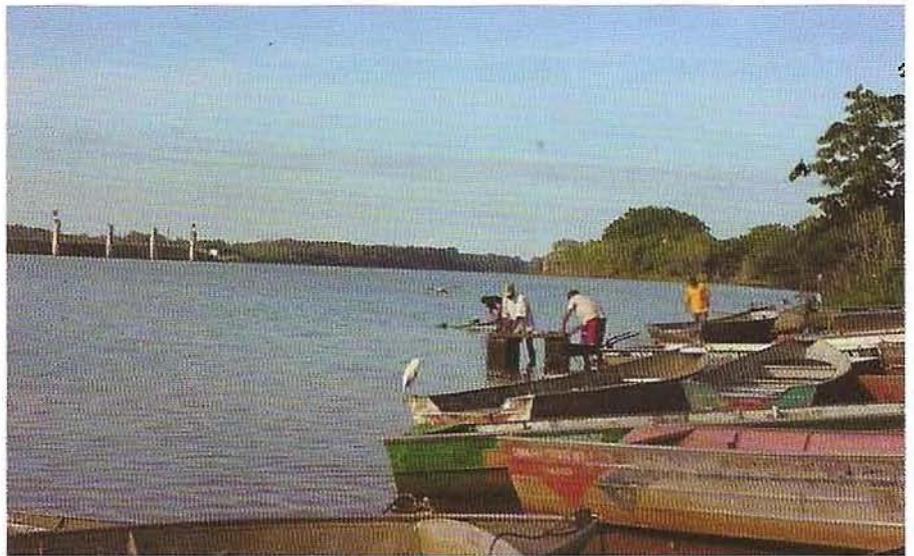
Na margem esquerda, o Alto Paraná possuía terraços alçados com mais de 20 m de altura em relação ao nível das águas anterior à formação do reservatório da UHESM. Esses terraços eram estruturados sobre o Arenito Caiuá, substrato regional de latossolos e podzóis



que, antes da instalação da agropecuária, eram recobertos pela Floresta Estacional Semidecidual, sob condições climáticas de zona transicional de massas de ar polares e tropicais conforme denominação de Zavatini (1992).

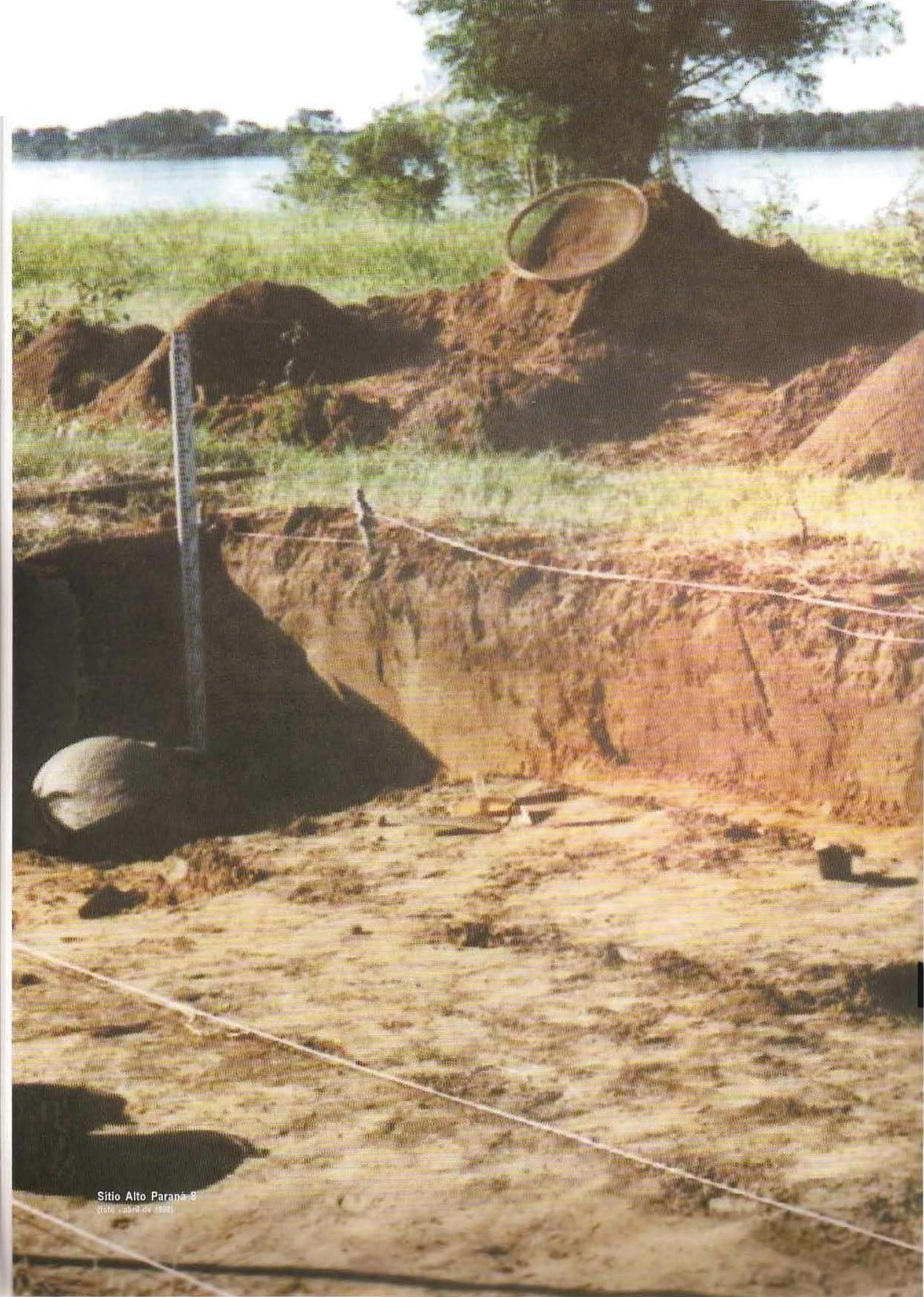
A partir da década de 1950 houve, no Alto Paraná, intensa atividade portuária de escoamento de madeiras nobres. Na margem paranaense do Alto Paraná, localidades como Porto São José, ainda servem para a travessia fluvial, apesar das pontes construídas sobre o rio Paraná ou sobre o aterro da UHESM.

A topografia elevada da margem esquerda do Alto Paraná favoreceu o desenvolvimento de cidades paulistas como Paulicéia, Panorama e Presidente Epitácio, com atividades econômicas ligadas à indústria cerâmica (telha e tijolo), pesca e transporte de carga. O turismo às margens do Alto Paraná também propiciou a expansão de cidades como Presidente Epitácio e Porto Rico (PR) que, assim como os demais municípios impactados pela construção do reservatório da UHESM almejam ampliar atividades do turismo para incrementar o desenvolvimento local.



Apesar da diminuição da piscosidade, o Alto Paraná continua atraindo moradores ribeirinhos ou turistas para a atividade de pesca. As fotos (em junho de 2005) ilustram pescadores cortando peixes na margem desse rio em Jupia (Três Lagoas) e, abaixo, a concentração de turistas pescando na ponta norte da Ilha Comprida, um dos locais mais piscosos do entorno, defronte ao sítio arqueológico Alto Paraná 40.

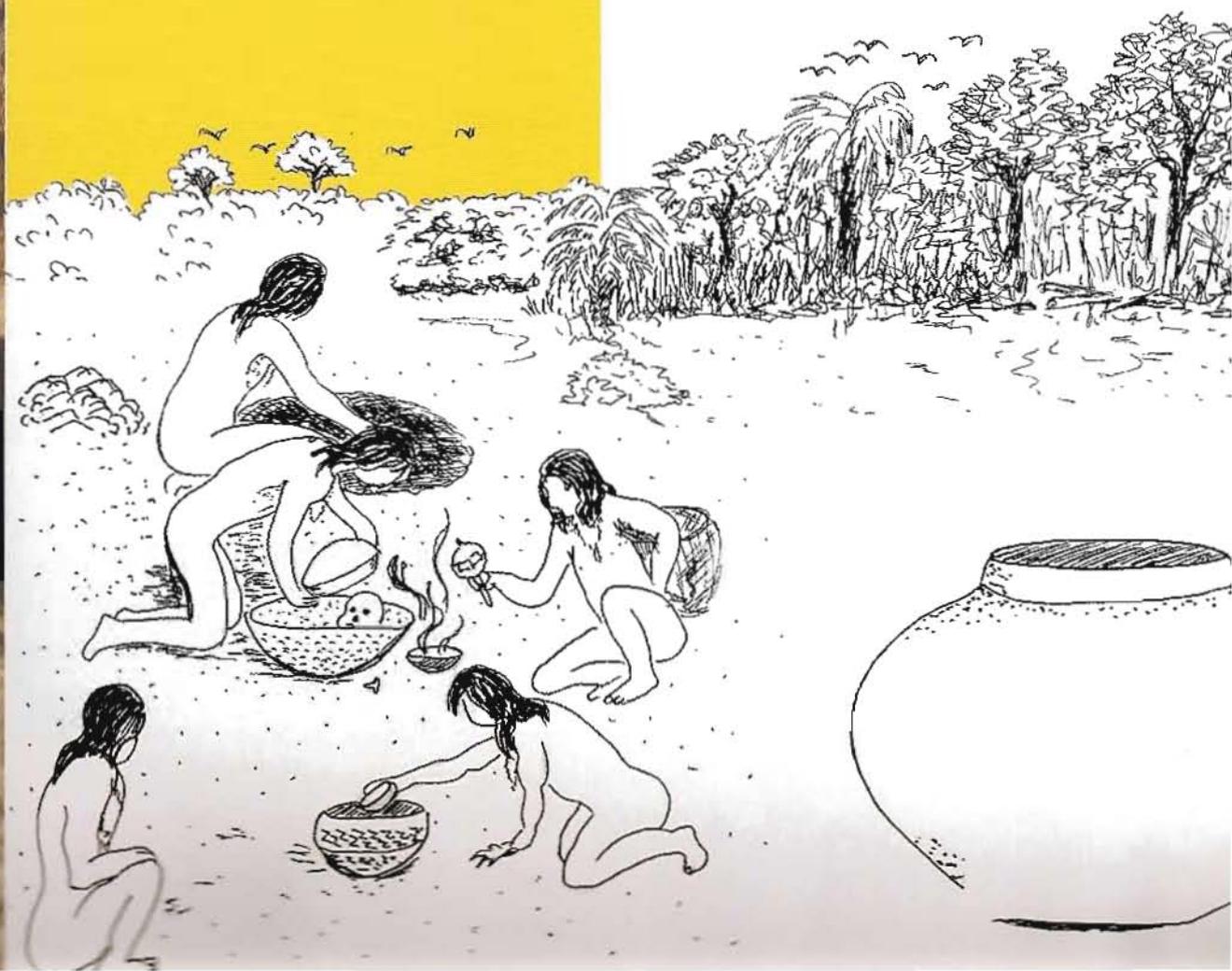




Sítio Alto Paraná 8
(foto - abril de 1952)

Desde, pelo menos, 6 mil anos, caçadores-coletores-pescadores acamparam nas margens do Alto Paraná e há 1.500 anos a presença dos agricultores-ceramistas tornou-se hegemônica na área.

O ALTO PARANÁ ARQUEOLÓGICO: 6 MIL ANOS DE POVOAMENTO HUMANO DAS MARGENS DO GRANDE RIO



A análise dos vestígios arqueológicos, em conexão com as informações da etno-história regional permite a elaboração de interpretações relativas aos caçadores-coletores-pescadores e aos agricultores ceramistas do Alto Paraná.

Quando a região do Alto Paraná recebeu os primeiros seres humanos é uma questão para a qual a ciência ainda não tem uma resposta precisa. No entanto, pelos dados coletados pela Arqueologia, já é possível levantar algumas hipóteses.

Partindo-se de uma análise geográfica/ambiental, o Alto Paraná pode ser considerado um curso fluvial de envergadura continental. É o segundo maior rio do Brasil em extensão e volume hídrico: suas águas percorrem o continente na direção norte-sul e banha os estados brasileiros de





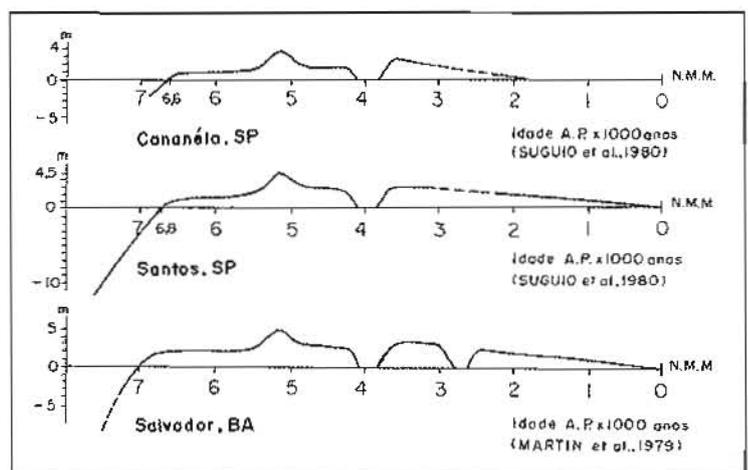
Na margem direita do Alto Paraná localiza-se o sítio arqueológico Brasilândia 8 (foto - julho de 2005), cujo solo arenoso possui, entre as profundidades de 1,40 e 1,80 m, uma alta densidade de vestígios líticos lascados, os quais incluem várias pontas de projéteis indicativas do modo de vida caçador-coleto-pescador que, após o Ótimo Climático se estabeleceu no local. As mudanças climáticas dos últimos 7.000 anos se refletiram em variações de nível do mar, conforme Suguio (1983/94), ilustradas nos gráficos abaixo: o aumento da temperatura desse Estágio Hipsitémico pode ser visualizado pelas elevações do nível do mar registradas em três localidades do litoral brasileiro.

Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná, e os países vizinhos Paraguai, Uruguai e Argentina, desaguando no Oceano Atlântico, entre Buenos Aires e Montevidéu. O seu delta é tão extenso que é conhecido como Mar del Plata.

É claro que tal configuração hidrográfica não passaria despercebida pelas primeiras levas humanas migratórias que povoaram pioneiramente a América do Sul em tempos pré-históricos.

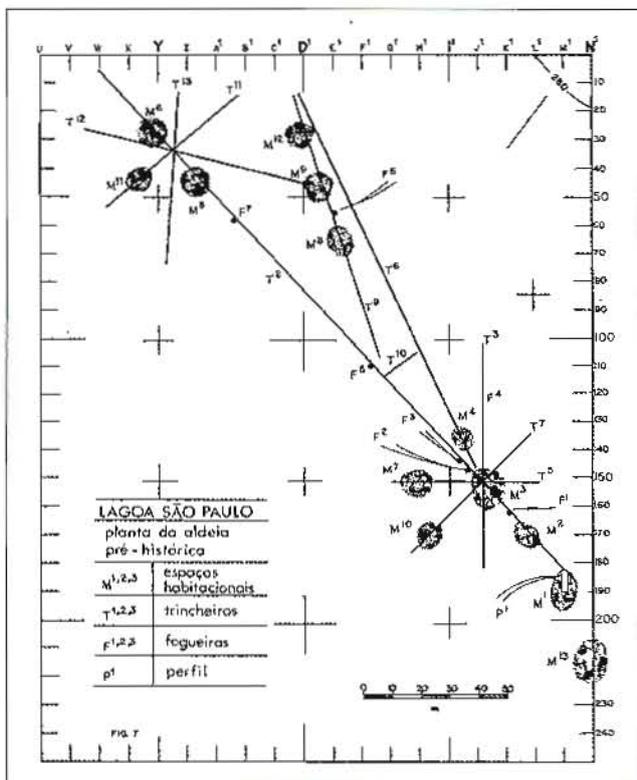
A história do uso cultural do Alto Paraná caracterizou-o, sobretudo, como um sistema viário de longa extensão, integrando o litoral com o interior do continente e vice-versa. O povoamento do Alto Paraná deve ser contextualizado no do Brasil Central, pois esse rio perpassa, em seu alto curso, ambientes tropicais aos subtropicais.

Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Oeste Paulista sugerem que a presença do homem no Brasil Central projeta-se, pelo menos, ao final do Pleistoceno. No sítio arqueológico Santa Elina, aproximadamente a 150 km ao noroeste de Cuiabá, os pesquisadores da missão Franco-Brasileira (VIALOU; VIALOU, 2005) registraram vestígios arqueológicos com mais de 20.000 anos. Em Mato Grosso do Sul, na área da cabeceira do rio Sucuriú, que deságua no rio Paraná nas proximidades da cidade de Três Lagoas, arqueólogos do Instituto Anchieta de Pesquisas coletaram amostras de carvões de uma fogueira arqueológica datada em 10.480 ± 70 anos A.P. (VERONEZE, 1987)



Em Serranópolis, no sul de Goiás, não muito distante da cabeceira do rio Paraná, a mesma equipe descobriu vestígios arqueológicos datados em 8.500 anos (SCHMITZ et al, 2004). Na bacia do Paraná, no médio Paranapanema, o nível lítico do sítio Brito foi datado em cerca de 7.000 anos, segundo Vilhena-Vialou (1983/84). Somam-se a esses dados as datações arqueológicas mais antigas obtidas durante a execução do Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS que confirmam a presença do homem nessa região, de forma indiscutível, há pelo menos 6.000 anos.

Os antigos espaços habitacionais dos Tupiguarani nos rios Paranapanema e Paraná foram pesquisados por Pallestrini (respectivamente 1984; 1978); a figura abaixo ilustra as manchas de terra preta evidenciando vestígios de aldeia – sítio Lagoa São Paulo 1, na margem do ribeirão Bandeirantes, afluente do Alto Paraná; abaixo, umas cerâmicas no sítio Alves, Médio Paranapanema.



Pouco se sabe sobre as origens dos diversos povos indígenas atualmente existentes no Brasil Central, porém uma questão está hoje mais clara: devem ter havido, nos últimos 4.000 anos, diferentes processos culturais que se desenrolaram por meio de mecanismos adaptativos às

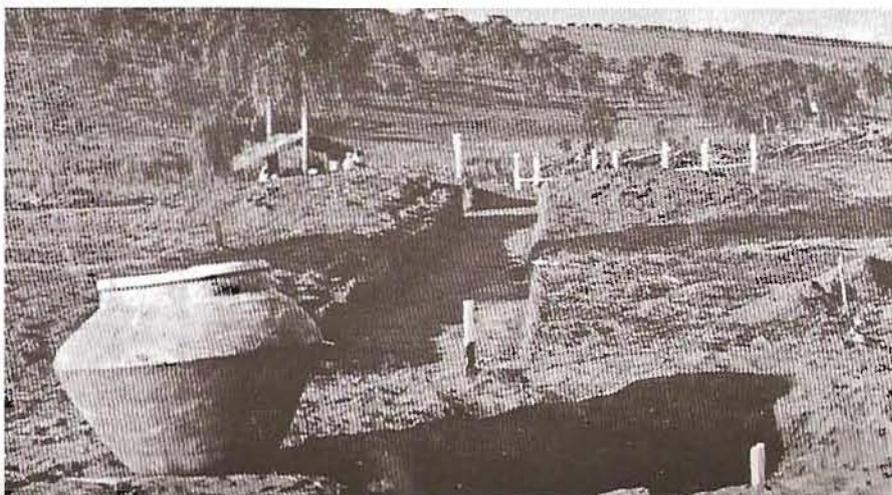
dinâmicas das feições ambientais aí predominantes, ou seja, o sul-amazônico, os Cerrados, a planície do Alto Paraná e o Pantanal. A Etno-história regional e a Arqueologia, ao observarem a diversidade de grupos indígenas que existiram na região, levantaram a perspectiva de visualização de diversos movimentos de grupos humanos, no tempo e no espaço, adventícios e intra-regionais, os quais forjaram as culturas indígenas registradas cientificamente pelos pesquisadores.

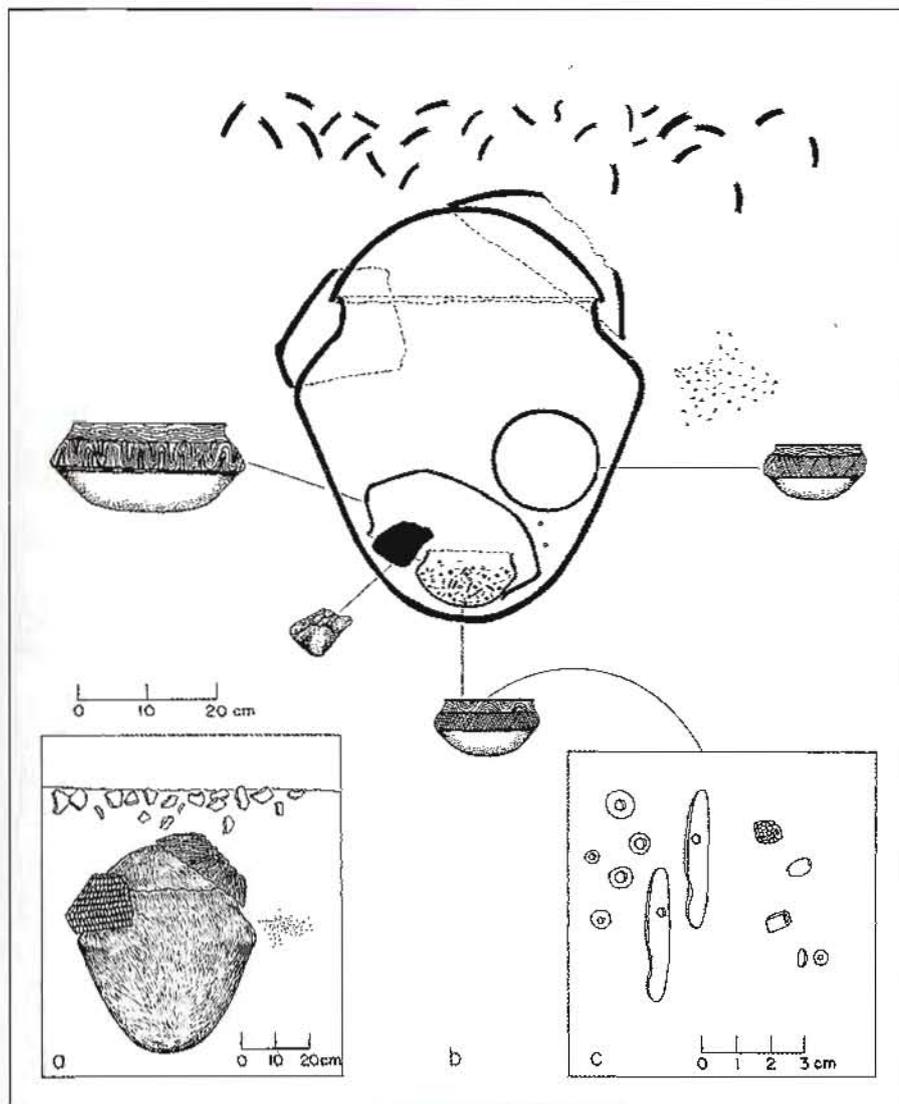
Como ponto de partida para a compreensão do papel do Alto Paraná na questão da origem do homem na América do Sul, pode-se pensá-lo como uma das principais rotas migratórias de caçadores-coletores-pescadores pré-históricos.

A origem, o perfil cultural e o físico desses primeiros habitantes são algo para o qual a ciência arqueológica ainda busca respostas. Para que elas sejam obtidas, é

necessário o aprofundamento das pesquisas, o que deverá ocorrer nos próximos anos.

As primeiras abordagens científicas sobre a arqueologia da Bacia Alto-Paranaense foram realizadas na década de 1970. Pesquisadores da Universidade de São Paulo estudaram diversos pontos do rio Paranapanema, que contribuíram, de forma indireta, para a compre-





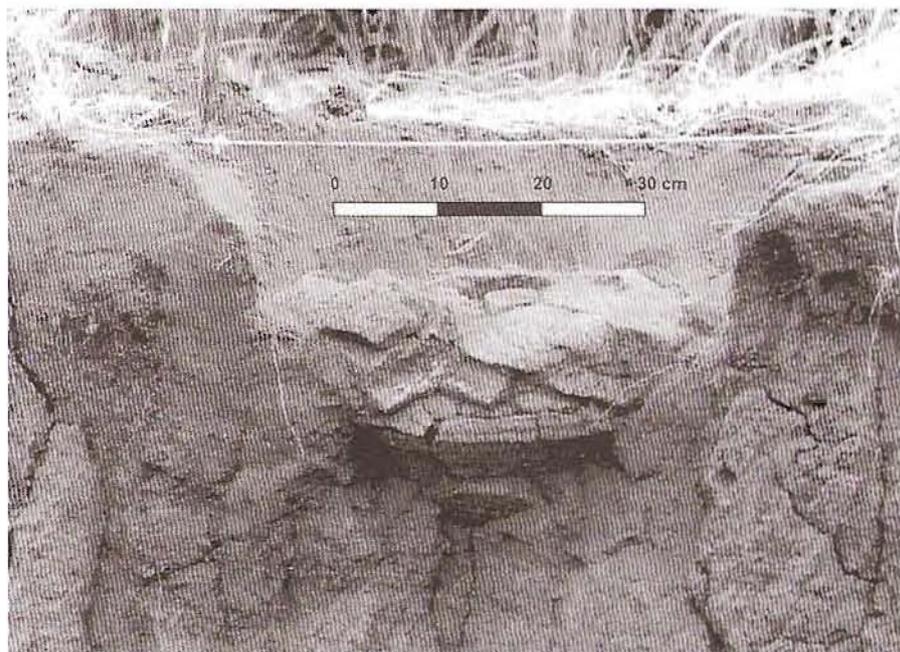
Os rios Paranapanema e Paraná foram pesquisados por Chmyz, em especial na década de 1970, com registros de numerosos sítios arqueológicos e vestígios indicativos das distintas ocupações pré-históricas e históricas da Província do Guairá. A ilustração (CHMYZ, 1979) apresenta um conjunto funerário tupiguarani, com peças cerâmicas compondo urna, tampas e três outras vasilhas em seu interior; a vasilha que estava no fundo da urna abrigava em seu interior contas de colar de concha, de osso, assim como de vidro de origem européia, indicando tratar-se de um grupo contemporâneo à presença espanhola na região.

ensão da complexidade arqueológica do Alto Paraná. Somaram-se a esses dados, os resultados obtidos com o desenvolvimento dos trabalhos de resgate arqueológico na área depois inundada pelo reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu, os quais foram executados pela equipe de arqueólogos da Universidade Federal do Paraná (CHMYZ, 1979).

Entre as pesquisas realizadas pela equipe da USP (PALLESTRINI, 1984) destaca-se aqui a do sítio Lagoa São Paulo 1, no município paulista de Presidente Epitácio. Nessa ocasião, os arqueólogos registraram que, anterior às ocupações indígenas ceramistas pré-coloniais, outros horizontes culturais existiram (nível lítico, entre 0,80 e 1,10 m de profundidade, datado em 2.500 ± 70 anos A.P.). Esses testemunhos evidenciaram realidades arqueológicas que remetem a modelos culturais anteriores ao Guarani. Essas ocupações líticas referem-se aos grupos de caçadores-coletores-pescadores pré-históricos.

A partir dessas abordagens, surgiram, mesmo que em caráter preliminar, os primeiros esboços explicativos sobre os processos arqueológicos de povoamento humano da Bacia Alto-Paranaense. Com base nessa

A extensiva ocupação Tupiguarani no rio Paranapanema deixou testemunhos em vários sítios, tais como o Itororó, localizado na margem direita do Baixo Paranapanema, alguns quilômetros à montante da Redução de Santo Inácio (situada na margem esquerda desse rio). O conjunto funerário evidenciado no sítio Itororó era composto por 2 urnas cerâmicas, onde foram sepultados neonatos. A foto, ao lado (em 1989), ilustra uma peça cerâmica durante sua evidenciação.



cultura material remanescente, predominantemente composta por cerâmico e lítico lascado, percebeu-se no solo a sobreposição de sistemas culturais que evidenciaram o desaparecimento dos grupos de caçadores-coletores pioneiros do local e a expansão dos grupos indígenas ceramistas, provavelmente também adventícios, que começaram a ocupar a região há cerca de 2.000 anos.

Na década de oitenta do século XX, além da pesquisa na Lagoa São Paulo, os estudos arqueológicos do Alto Paraná pouco evoluíram em relação à década anterior. Merecem destaque as iniciativas científicas engendradas pelo então embrionário núcleo de pesquisadores sediado no *campus* da FCT/UNESP (Presidente Prudente), embora as atenções prioritárias dele estivessem voltadas para o oeste paulista e para o Baixo Paranapanema (KUNZLI, 1987; FACCIO, 1992; KASHIMOTO, 1992). Noelli (2003) continuou as pesquisas arqueológicas nas margens paranaenses.

O impulso aos estudos arqueológicos alto-paranaenses deu-se com o incremento das obras da UHESM, a partir de 1990. Em atendimento à legislação de proteção ao patrimônio arqueológico, a CESP contratou duas equipes científicas para a realização dos trabalhos de mitigação dos impactos desse empreendimento sobre os sítios arqueológicos existentes nesse trecho do Alto Paraná, ficando uma encarregada da margem paulista e a outra da margem sul-mato-grossense coordenadas, respectivamente, pela FCT/UNESP (Projeto de Salvamento Arqueológico de Porto Primavera, SP) e LPA/DHI/CPAq/UFMS (Projeto Arqueológico Porto Primavera-MS).

Desde então, o conhecimento desse contexto arqueológico aprofundou-se, permitindo uma compreensão maior das características pretéritas das experiências culturais aí ocorridas, bem como o surgimento de novas hipóteses científicas.

CAÇADORES-COLETORES-PESCADORES

A paisagem das margens do Alto Paraná mudou substancialmente após o fenômeno ambiental conhecido como Ótimo Climático (ou Estágio Hipsitérmico), ocorrido entre cerca de 6 e 4.000 mil anos. A largura e a profundidade do rio aumentaram significativamente, bem como surgiram centenas de novas lagoas nas planícies de inundação ribeirinhas. Um exemplo dessa radical mudança na fisionomia ambiental marginal é o complexo lacustre conhecido como lagoa São Paulo, na margem esquerda do Alto Paraná, no município paulista de Presidente Epitácio. O mesmo pode-se dizer dos pantanais na margem sul-mato-grossense no entorno do rio Pardo no município de Bataguassu, do rio Baía, no município de Anaurilândia, ou ainda do rio Ivinhema, em Naviraí.

PERÍODO ARCAICO

O período arcaico engloba os acontecimentos relacionados com o cotidiano de grupos de caçadores-coletores nômades e portadores de uma cultura nitidamente pré-histórica, isto é, não indígena: não construíam aldeias, não possuíam hierarquia social, não confeccionavam recipientes de cerâmica, produziam suas ferramentas de trabalho e armas essencialmente por meio do lascamento de rochas.

Abaixo, pontas líticas evidenciadas nas escavações no Alto Paraná, testemunhas da ocupação regional por caçadores-coletores-pescadores do passado: no alinhamento superior, da esquerda para a direita, três pontas de projéteis do sítio Lagoa do Custódio 1 e duas do sítio Brasilândia 8; no alinhamento inferior, da esquerda para a direita, duas pontas do sítio Brasilândia 8, uma da Lagoa do Custódio 1 e uma do sítio Rio Baía 1.

As principais inferências da pesquisa do PAPPMS forneceram a possibilidade de construção de um modelo explicativo preliminar sobre os tipos de sistemas culturais que caracterizavam essa região no passado pré-colonial. Observou-se, de um modo geral, a existência de duas grandes realidades arqueológicas. A primeira referente aos níveis mais profundos, geralmente com vestígios hoje situados em profundidades superiores a 1,5 m da superfície. Refere-se a vestígios humanos de 4 a 6.000 anos atrás, quando o modo de vida pôde ser conceituado como pré-histórico (**período arcaico**). Isso significa que os comportamentos econômicos, sociais e culturais integravam-se em um padrão arqueológico, classicamente denominado de caçadores-coletores-pescadores.

Com o termo acima, a Arqueologia pretende tipificar sociedades que possuíam estratégias de captação de recursos naturais e de sobrevivência ancoradas em gestos essencialmente predatórios. Os bandos caçadores-coletores-pescadores eram, em média, compostos por algumas dezenas de

pessoas cada um. Os bens consumidos por eles eram obtidos conforme as disponibilidades naturais/sazonais. Então, essas populações não possuíam uma economia produtiva, mas natural: dependiam da disponibilidade ambiental de alimentos animais e vegetais, sem praticar a agricultura e o pastoreio. Assim, seus assentamentos espaciais eram acampamentos, caracterizados pela curta permanência. A rotatividade permanente, por áreas extensas, era um fator de construção de territorialidade, em outras palavras, um típico fenômeno de nomadismo.



A maior parte dos sítios arqueológicos localizados na margem direita do Alto Paraná situava-se na porção mais alta dos diques marginais aos cursos fluviais, bem como nas margens de lagoas que integravam a planície de inundação desse rio. Em grande parte desses locais, ou nas proximidades, ocorriam afloramentos de cascalheiras que foram visitadas por esses caçadores-coletores para a obtenção de matéria-prima para o abastecimento da indústria lítica (calhaus e seixos), a qual fornecia os artefatos necessários ao processamento dos produtos da caça, pesca e da coleta de alimentos e outros bens de uso, como armas e armadilhas.

Artefatos oriundos dos níveis de ocupação de 4.000 anos, tais como pontas de projéteis e raspadores, alguns com visíveis sinais de utilização, foram coletados durante os trabalhos de levantamento e escavações do PAPPMS, evidenciando um domínio de tecnologias líticas clássicas na pré-história da humanidade. Esses artefatos demonstram claramente a existência de gestos culturais seletivos das propriedades petrográficas (características minerais) e tecnológicas (morfologia dos cascalhos selecionados em função de suas formas, que são aptas, no sentido ergométrico, à prensão).

O sítio Lagoa do Custódio 1 é um exemplo desses acampamentos de caçadores-coletores-pescadores no Alto Paraná, localizado em margem elevada de lagoa e, portanto, protegida da inundação, sobretudo no ambiente do Ótimo Climático: a ocorrência de abundantes vestígios líticos nos horizontes de 0,91 a 1,80 m de profundidade indica momentos de intensificação das atividades/ocupação do local desde, pelo menos, 4.000 anos. A presença de mós, nessas camadas, testemunha o consumo de vegetais, provavelmente raízes e frutos silvestres, por esses povos caçadores-coletores.

A área do sítio arqueológico era de cerca de 10 mil m², dos quais 1.766 m² foram escavados até a profundidade de 3,10 m. Os bandos de caçadores-coletores-pescadores deixaram instrumentos líticos utilizados para perfurar, bater, raspar e/ou cortar. Esse material foi produzido a partir do lascamento/talhe de cascalho, predominantemente de arenito silicificado, silixito, quartzo e quartzito, originando artefatos, percutores, numerosas lascas, fragmentos e resíduos de lascamento.

As escavações no Alto Paraná revelaram diferenciados níveis estratigráficos os quais foram elaborados sob ambientes variados e de longa duração, característicos da primeira e da segunda metade do

Moradores navegam na lagoa do Custódio (foto - fevereiro de 1980). Os vestígios arqueológicos localizados nessa margem, mais de duas décadas depois, motivaram a denominação do local como sítio arqueológico Lagoa do Custódio 1.





Considerando-se que o sítio Lagoa do Custódio 1 seria inundado pelo reservatório da UHESM, realizaram-se escavações intensivas no local, por meio de abertura de trincheiras e áreas de decapagem, totalizando uma área escavada de 1766 m², onde foram atingidas profundidades de até 3 m: a foto acima (em junho de 1998) ilustra a área de decapagem 2, cuja cronologia é detalhada na página seguinte. Os limites entre os horizontes dos povos caçadores-coletores-pescadores e os dos agricultores na área também está sendo pesquisado: por exemplo, o nível com fogueiras e líticos lascados do sítio Alto Paraná 7 (foto abaixo - outubro de 1997) corresponde a uma ocupação de agricultores ou dos seus antecessores?



Holoceno (últimos 10.000 anos). É muito provável que diversos e distintos sistemas culturais de caçadores-coletores-pescadores aí se desenvolveram ao longo dos últimos 6.000 anos. A aparente padronização da indústria lítica, apesar de ainda pouco estudada, pode testemunhar um fenômeno de transculturalidade tecnológica, já que instrumentos como *choppers* e alguns tipos de raspadores, quando confeccionados sobre seixos e calhaus, são semelhantes aos já produzidos, havia centenas de milhares de anos, no denominado período Paleolítico nos continentes do Velho Mundo.

Até agora não foram localizados vestígios de estruturas de sepulta-

mentos humanos e remanescentes esqueléticos, desses antigos caçadores-coletores, sobretudo porque os solos ácidos dessa região não são favoráveis à conservação de restos orgânicos. Por isso, no momento, a Arqueologia não dispõe de dados para discutir a anatomia desses remotos povoadores da região alto-paranaense.

Uma interrogação automática é colocada para a Arqueologia responder: teria havido um processo de evolução cultural local, durante o qual essas milenares gerações de caçadores-coletores-pescadores teriam originado as culturas indígenas ceramistas que os sucederam nesse espaço a partir de, pelo menos, 2.000 anos atrás? Tal questão surge quando do registro da posição dos vestígios arqueológicos nos perfis estratigráficos dos sítios pesquisados durante os trabalhos do PAPPMS, sobretudo considerando-se a presença de líticos e de fragmentos de recipientes cerâmicos.

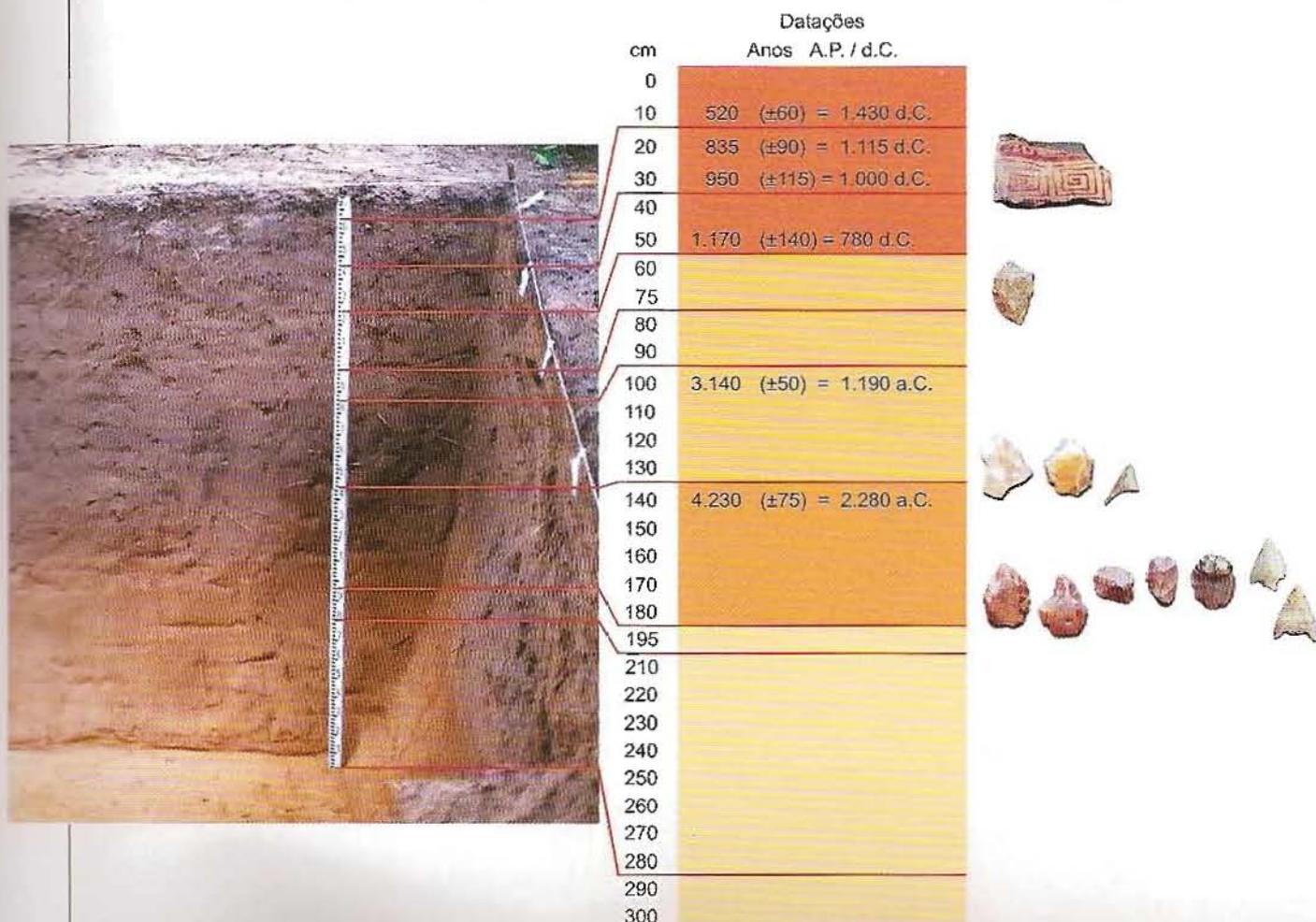
Da mesma forma que até agora os dados disponíveis são insuficientes para elucidar a origem dos caçadores-coletores-pescadores, isto é, quando e por onde penetraram os primeiros seres humanos na região Alto-paranaense, embora seja forte a hipótese que esse fenômeno arqueológico tenha ocorrido há mais de 10.000 anos, também não está claro como e quando eles desapareceram. Entretanto, para a Arqueologia, já é visível a hegemonia espacial de grupos ceramistas na área a partir de cerca de 1.500 anos.

Com certeza, a continuidade e o aprofundamento das pesquisas, nos próximos anos, apresentarão respostas satisfatórias para tais questões. Por isso, é fundamental que políticas permanentes de preservação dos sítios arqueológicos sejam viabilizadas de forma a garantir a integridade dos dados a serem analisados pelas próximas gerações de arqueólogos.

SÍTIO LAGOA DO CUSTÓDIO 1 COMPROVAÇÃO DA PRESENÇA DE CAÇADORES-COLETORES-PESCADORES NO ALTO PARANÁ

O perfil do solo do sítio Lagoa do Custódio 1, da base ao topo, demonstra uma variação das características do solo mineral. A camada da base, de tonalidade amarelada, com esparsas lascas e fragmentos (3,10 a 1,96 m de profundidade), foi recoberta, até a profundidade de 1,81 m, por uma camada arenosa de cor amarelo bruno, sugerindo uma mudança paleoclimática em direção ao Ótimo Climático. Dessa profundidade até 0,91 m (camada bruno amarelada recoberta pela bruno amarelada escura), há um acentuado aumento na quantidade de vestígios líticos indicando uma intensa atividade de lascamento realizada por caçadores-coletores-pescadores que aí se estabeleceram sob condições de biostasia (abundância de formas de vida), há mais de 4.000 anos. Esparsos vestígios líticos continuam presentes nas camadas superiores desse perfil, acima de 0,91 m. Destacam-se, entre 0,40 m de profundidade e a superfície do solo, vestígios cerâmicos que testemunham a ocupação desse local por agricultores ceramistas Guarani, ocorrida, predominantemente, entre 1.200 e 500 anos A.P.

SÍTIO LAGOA DO CUSTÓDIO 1: vestígios cerâmicos e líticos encontrados nas diversas camadas do solo



Dessa forma, as ocupações de caçadores-coletores são aí caracterizadas pela produção de peças líticas: pontas de projétil, pontas, *choppers*, lascas retocadas, percutores líticos, mó/polidor. Uma referência de idade é a datação da camada 1,35 m de profundidade que resultou em 4.230 ± 75 anos A.P. (Gif 11218). No horizonte superior, entre 0,90 a 1,00 m de profundidade, não foi detectada a presença de pontas de projétil; entretanto, a datação de 3.140 ± 50 anos A.P. (Gif 11217) sugere a presença dos caçadores-coletores-pescadores na área. As demais camadas não apresentaram amostras de carvão passíveis de serem submetidas ao processamento de datações e, portanto, ainda não possuem referências cronológicas.

Assim, nos horizontes entre 0,91 e 1,80 m de profundidade, intensificou-se o lascamento, o que foi testemunhado pela localização de 86 artefatos. A ocorrência dos tipos de artefatos por camada é apresentada na tabela abaixo. Não se configurou uma nítida distinção entre os tipos de peças líticas produzidas nas diferentes camadas de ocupação dos caçadores-coletores-pescadores: nelas foram encontrados artefatos confeccionados sobre calhaus e seixos – tais como pontas de projétil, *choppers*, plainas, percutores, mós e/ou polidores e lascas retocadas. Com exceção das pontas de projétil, as demais peças possuem semelhanças com outras evidenciadas nos horizontes superiores desse perfil, sugerindo-se tratar de técnicas de lascamento/talhe praticadas por distintas culturas com objetivos similares.

Instrumentos líticos evidenciados no sítio Lagoa do Custódio 1, fotos abaixo: pontas de projéteis, pontas, *choppers* (cascahos talhados), mós/polidores, e percutores sobre calhaus.



Ocorrência dos tipos de artefatos líticos no sítio Lagoa do Custódio 1

CD1-Profundidade da camada (cm)	Mó e/ou Polidor	Percutor	Chopper	Ponta	Ponta de Projétil
100-110	○				
110-120			○	○	
120-130	○	○	○		○
130-140	○		○		
140-150			○		
150-160		○	○	○	
160-170	○	○	○		○
170-180		○	○	○	
180-190				○	
190-200					
200-210					

ÍNDIOS-AGRICULTORES-CERAMISTAS

Os estudos arqueológicos, até agora desenvolvidos, relativos à indústria lítica alto-paranaense, especialmente dos últimos 2.000 anos de ocupação, sugerem a existência de uma padronização tecnotipológica dos artefatos e produtos de debitagem.

Centenas de artefatos líticos, tais como percutores, raspadores, plainas, facas, machados manuais, talhadores (*choppers* e *chopping tools*) já foram localizados na área, especialmente nos sítios arqueológicos onde havia afloramentos de conglomerados de seixos e cascalheiras. Apresentando uma tipologia e funcionalismo diversificado, os estudos sugerem que muitas dessas ferramentas estavam associadas à confecção de canoas, girais e adornos, assim como ao processamento de pescados, tão abundantes nesse curso fluvial (no Alto Paraná já foram identificados 148 tipos de peixes diferentes), bem como da fauna ribeirinha: antas, capivaras, cervos, catetos, répteis (tartarugas) e aves.

Esses artefatos, confeccionados a partir do talhe de cascalho corresponderiam ao ápice da produção lítica dos povos caçadores-coletores-pescadores? Seriam vestígios de povos protoceramistas ou dos próprios povos que dominavam a técnica ceramista? O que se tem como certo é que a tecnologia de talhe/lascamento de calhaus e seixos perdurou até os povos agricultores portadores de cerâmica que se instalaram nesses terraços.



FOTO: GILSON R. MARTINS

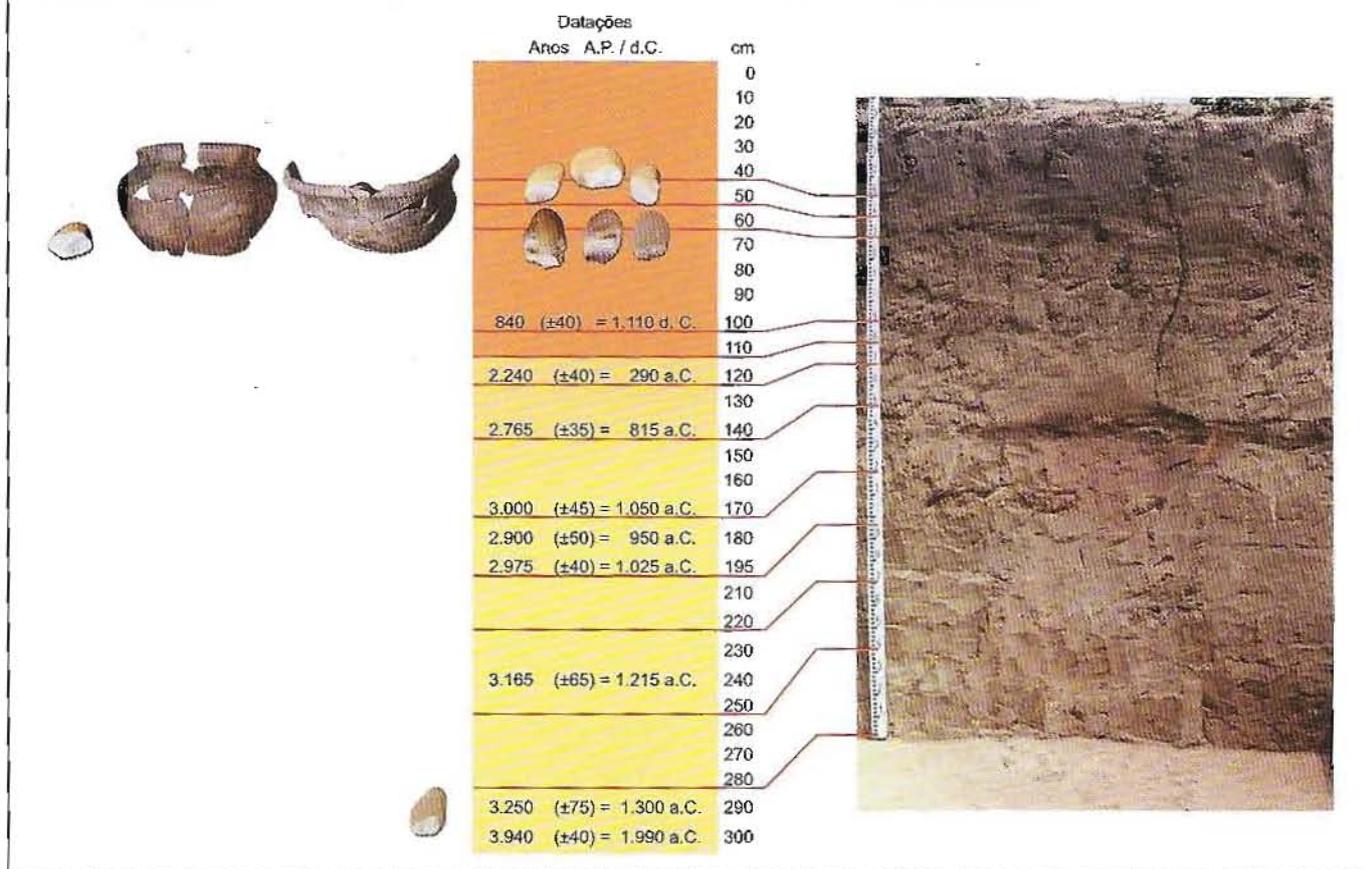


A escavação da área de decapagem 1, no sítio Brasilândia 3, permitiu o registro de peças líticas até a profundidade de 3 m; observa-se sua localização no terraço da margem direita do Alto Paraná (foto ao lado - novembro de 1998).

A foto acima ilustra os *choppers* (calhaus talhados) com morfologias similares, coletados em diferentes sítios arqueológicos do Alto Paraná.

No alto, uma outra forma de utilização de rocha identificada no segmento setentrional do Alto Paraná – polimento e gravação de linhas – seriam manifestações dos caçadores-coletores-pescadores ou de antigos agricultores Macro-Jê?

SÍTIO BRASILÂNDIA 3: vestígios cerâmicos e líticos lascados encontrados nas diversas camadas do solo



No sítio Brasilândia 3, área de decapagem 1 (foto - novembro de 1988), o material cerâmico ocorria até 1,10 m de profundidade; as camadas abaixo daquela possuem líticos lascados desde cerca de 4.000 anos (datações obtidas a partir de amostras de carvão das várias camadas, processadas pelo método do C_{14}). Vestígios arqueológicos mais raros na região são os de restos de alimentação: a foto abaixo (em março de 1999) ilustra vértebras de peixe evidenciadas na área de habitação do sítio tupiguarani denominado Brasilândia 11 (localizado na margem leste da Ilha Verde, Alto Paraná, defronte à foz do rio Verde).



Dessa forma, a estratigrafia pedológica/arqueológica na margem sul-mato-grossense do Alto Paraná revela que sobrepostos aos níveis arqueológicos de caçadores-coletores-pescadores, geralmente situados em profundidades superiores a 1,5 m, encontravam-se essas camadas com numerosos artefatos líticos que, por sua vez, eram recobertas pelas camadas contemporâneas aos povos agricultores ceramistas localizadas, basicamente, em profundidades inferiores a 1,0 m. As espessuras das camadas podem variar em função dos distintos índices de sedimentação nos relevos ribeirinhos.

Nesses horizontes de agricultores pretéritos, a frequência de vestígios cerâmicos aumenta proporcionalmente na medida em que se aproxima da superfície atual. Nesta, o material lítico continua aparecendo, porém, em menor quantidade, indicando um progressivo desuso das tecnologias complexas de produção do ferramental lítico.

Tais fatos sugerem uma substituição de hábitos culturais indicando o advento de novas estratégias de sobrevivência, o que quer dizer também novas relações homem/meio ambiente.

Há pelo menos 1.500 anos, a vegetação arbórea expandiu-se de forma exuberante, ampliando a floresta ciliar por algumas dezenas de quilômetros das margens. Em condições ambientais tão favoráveis, a fauna

terrestre e aérea multiplicou-se geometricamente, construindo cenários paradisíacos para os habitantes pretéritos desse compartimento geográfico.

Essa exuberante configuração ambiental funcionou como um forte estímulo ao crescimento demográfico endógeno, o que é evidenciado pela multiplicação de sítios arqueológicos. No entanto, essa paisagem tão rica em recursos naturais também foi um atrativo para populações exógenas ao vale alto-paranaense, como os Tupiguarani.

Por enquanto, a Arqueologia ainda não é capaz de responder se a revolucionária prática da agricultura foi desenvolvida *in loco* ou se foi introduzida nessa região por grupos adventícios; o mesmo pode-se dizer sobre o domínio das tecnologias ceramistas, bem como da produção das lâminas de machado líticas polidas, associadas ao desbaste de troncos de árvores para a instalação dos roçados e outras atividades. Parece que a segunda hipótese é a mais plausível, pois as evidências arqueológicas cerâmicas denotam que os mais antigos sítios ceramistas da porção setentrional do Alto Paraná são depositários de fragmentos, cujas características tecnológicas pressupõem um razoável domínio da técnica ceramista, já era praticada desde longa data.

As datações das amostras de cerâmica coletadas nos níveis estratigráficos mais profundos datam de 2.100 anos, especificamente no sítio arqueológico Brasilândia 11. Os recipientes desse período eram de pequeno porte com capacidade para um volume cúbico médio de 5 litros, paredes finas, sem decoração interna ou externa. Por enquanto, não foi possível associar essa tecnologia cerâmica a alguma das tradições ceramistas já classificadas pela Arqueologia brasileira. A quantidade de fragmentos coletados nos sítios mais antigos é pequena, sugerindo que nesses horizontes formativos, a cultura material dessas populações atravessava um período de transição, provavelmente com sociedades portadoras de uma horticultura incipiente em que a caça, a pesca e a coleta deveriam ainda ser preponderantes.



Lâminas polidas de machado líticas localizadas ao longo do Alto Paraná.

TUPIGUARANI

Os Tupiguarani confeccionavam peças que se tornaram características: fragmentos cerâmicos decorados com pintura policrômica (linhas vermelhas sobre engobo branco - foto abaixo, à direita) ou técnica digital (corrugado - foto abaixo, à esquerda).





FOTO: PAULO ROBSON

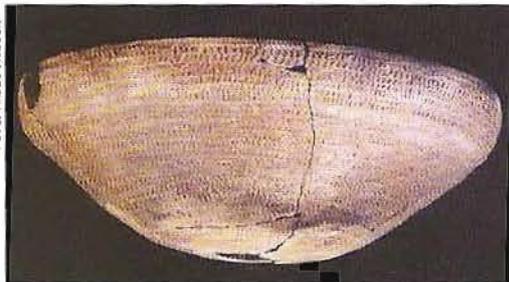


FOTO: PAULO ROBSON

Estrutura funerária tupiguarani evidenciada na escavação do sítio Alto Paraná 8 (foto - abril de 1998). Nos detalhes, fotos das vasilhas cerâmicas, da esquerda para a direita, *cambuchi* corrugado, sobre o qual foram localizados fragmentos de crânio e um *tembetã* de resina (adorno labial masculino - foto); *yapépô* corrugado que tampava o crânio; *yapépô myri* corrugado; *cambuchi caguâbã* com pintura externa (linhas pretas sobre engobo vermelho) e interna; *yapépô* com pintura policrômica (linhas vermelhas sobre engobo branco). A nomenclatura guarani das vasilhas segue o registro de Montoya (1875).

Entre a superfície e a profundidade de 0,60 m da maioria dos sítios pesquisados, os vestígios arqueológicos predominantes eram fragmentos de cerâmica com características tipológicas e decorativas predominantemente filiadas à tradição arqueológica Tupiguarani, com destaque para a subtradição Guarani.

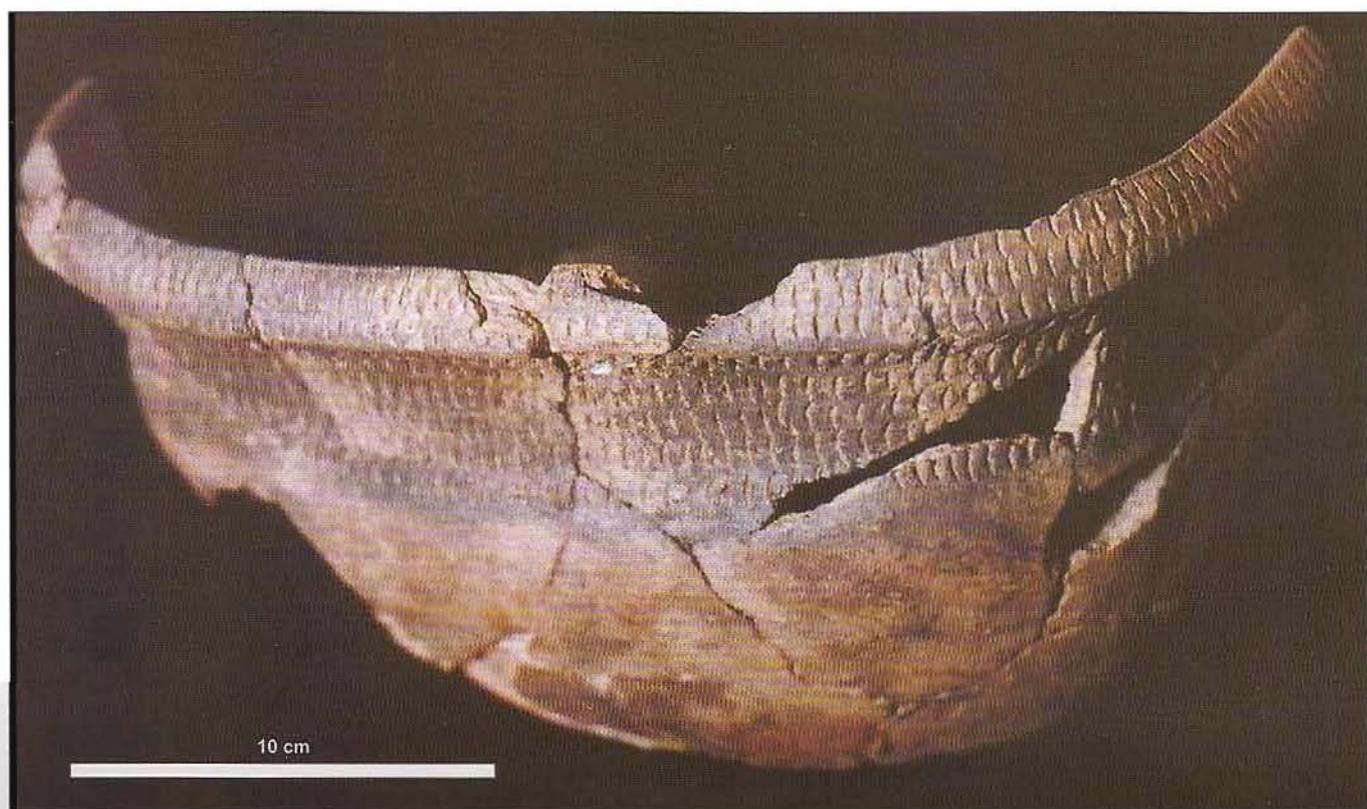
A tradição ceramista Tupiguarani nessa área nos leva a pensar que existiram fronteiras étnicas nesse horizonte cultural, tendo o rio Pardo aproximadamente, como limite geográfico latitudinal natural. O rio Pardo é um marco ambiental que representa o final dos Cerrados e o início da paisagem de transição para a predominância da Floresta Estacionada.

Semidecidual e, ao que parece, o vale desse rio e as áreas adjacentes definiam também o limite setentrional do território indígena pré-colonial tipicamente Guarani.

Ao norte do rio Pardo, até a área do município de Três Lagoas, os sítios arqueológicos ceramistas continuam sendo tipificados, em sua maioria, pela presença de cerâmica da tradição Tupiguarani, porém é notória a variação no padrão decorativo e morfológico das peças, como no sítio Brasilândia 3. Embora existam diversos fragmentos com pinturas na parte externa e interna, que reproduzam ainda o estilo Tupiguarani, a diferença é clara se compararmos os motivos decorativos empregados ao sul do



Fragmentos de cerâmica (foto - novembro de 1998) sendo evidenciados do horizonte tupiguarani do sítio Brasilândia 3 e, após a reconstituição, observa-se, na foto abaixo, sua borda com formato quadrangulóiide e decoração com impressões de pontas de unha (ungulada).



rio Pardo. Possivelmente, aqueles vestígios ao norte do rio Pardo foram produzidos por outras etnias Tupi que não a Guarani.

As escavações arqueológicas revelaram que esse segmento do Alto Paraná, entre o rio Pardo e o rio Sucuriú, tributário da margem direita que deságua no rio Paraná próximo à cidade de Três Lagoas, sedia alguns sítios que possuíam tipos de cerâmica cujas características não se incluem naquelas do universo Tupiguarani. Possivelmente, esses sítios são representativos das inclusões de indígenas pré-coloniais que aí teriam chegado percorrendo rios como o Verde e o Sucuriú, em direção aos baixos cursos fluviais.

Com certeza, às vésperas do “descobrimento” do Brasil, em 1500, a margem sul-mato-grossense do Alto Paraná era hegemonicamente habitada por índios produtores de cerâmica arqueológica tupiguarani.

Não se sabe ao certo quando os primeiros indígenas arqueologicamente classificados como Tupiguarani chegaram ao Alto Paraná, porém as datações até agora obtidas permitem-nos estimar que essa realidade remonta há, pelo menos, 1.500 anos. Outra incerteza é o roteiro migratório seguido pelos primeiros índios desse horizonte arqueológico até chegarem ao vale do Alto Paraná. As possibilidades mais verossímeis não sugerem a direção ocidente/oriente, embora essa hipótese, por enquanto, não possa ser de todo descartada no que se refere às décadas iniciais do século XVI.

Quando os primeiros colonizadores europeus ou seus descendentes, chegaram ao vale do Alto Paraná, essa região estava densamente povoada, sobretudo por índios Guarani, distribuídos em diversas aldeias, como

na **foz do rio Ivinhema**. Algumas delas reuniram várias centenas de pessoas, as quais se comunicavam pelo rio Paraná e seus afluentes, que eram caminhos singrados num fluxo de canoas. É muito provável que, nessa época, a demografia indígena no vale alto-paranaense fosse, ao menos, equivalente à população não-indígena que hoje habita os municípios sul-mato-grossenses localizados nesse vale. Como produto de uma história de fulminantes conflitos interétnicos, infelizmente, no presente, não mais existem índios Guarani autóctones habitando nas margens do Alto Paraná.

FOZ DO RIO IVINHEMA

Sítios arqueológicos estão sendo pesquisados no Alto Paraná, podendo conter indícios do contato dos Guarani com os espanhóis no século XVI, especificamente na foz do rio Ivinhema (sítio rio Ivinhema 1). Vestígios tais como sepultamentos humanos e uma colher de prata, localizados nesse sítio, corroboram tal hipótese.

Na evidenciação de uma das urnas cerâmicas do sítio Rio Ivinhema 1 (foto - janeiro de 2006), observam-se ossos longos e uma peça cerâmica que cobria um crânio, apresentado (no detalhe) durante os trabalhos laboratoriais.



FOTO: SÍLVIA CRISTINA PIEDADE

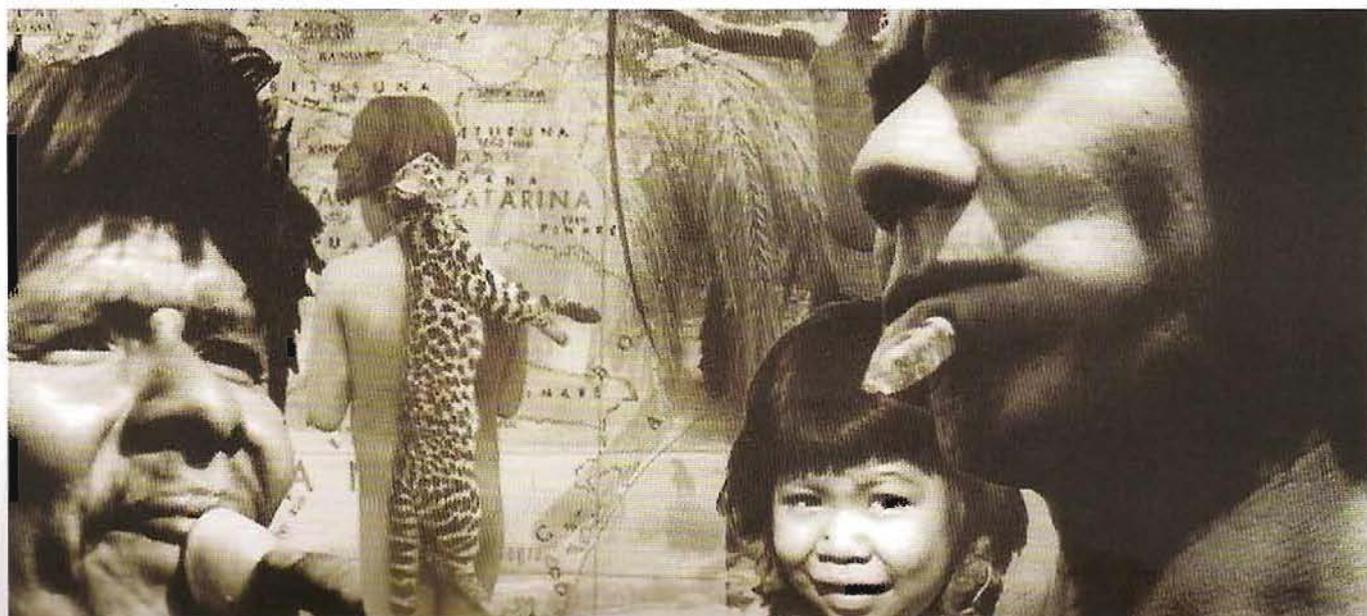
OS INDÍGENAS PÓS-DESCOBRIMENTO

Em 1500, os índios, em Mato Grosso do Sul, eram várias centenas de milhares, distribuídos por mais de uma dezena de etnias. Hoje são apenas sete etnias que, juntas, somam cerca de 55.000 pessoas. Os atuais índios da área são herdeiros de um processo histórico próprio que acumula milênios de experiências humanas múltiplas e, geralmente, bem sucedidas nas relações homem/meio ambiente. Embora houvesse profundas diferenças entre as etnias do período colonial e do pré-colonial, esses índios compartilhavam entre si o hoje espaço estadual, transformando a paisagem sem, porém, dizimá-la.

A partir do século XVI, uma intensa reacomodação espacial e étnica pode ser observada tanto pela História como pela Arqueologia. A pressão exercida pelas diversas frentes colonizadoras — platinas e atlânticas —, no interior do continente sul-americano, forçou o deslocamento de grandes contingentes indígenas de seus espaços tradicionais, o que implicou, muitas vezes, o acirramento das tensões interétnicas, com o conseqüente desaparecimento de muitas etnias e a fusão de processos culturais em novos sistemas.

Entretanto, cabe observar a continuidade, até a década de 1950, da técnica de lascamento/talhe de seixos e calhaus pelos Xetá, caçadores-coletores seminômades da Serra de Dourados, margem esquerda do rio Paraná (LAMING-EMPERAIRE, 1978). Até essa época, esses Xetá ainda produziam e usavam *choppers* e *chopping-tools* para cortar ramos e troncos pequenos, além de “lesmas” (instrumento lítico) para dar acabamento na madeira de arcos e flechas. Logo após o contato com a sociedade agropastoril, a tecnologia lítica foi abandonada por esse povo.

Fotos dos Xetá, no registro de Kozák et al. (2000): observa-se a caça ao felino, utilização do arco e flecha e do *tembetá* (adorno labial).



A RESISTÊNCIA OFAIÉ

"D. Ramon Coimbra soube que um dos bugreiros achou num rancho um objeto que ele reconheceu como propriedade do defunto João Nogueira, e que ele tomou como prova que os Kaiuá tinham assassinado este morador. A verdade, penso eu, será talvez que os bugreiros saíram, resolvidos de matar quantos índios que encontrassem e de acabar com a bicharia, fosse lá qual fosse a nacionalidade. Não satisfeitos com estas barbaridades, seguiram ainda em rumo Leste para o Rio Samambaia, atravessaram-no e deram numa rancharção dos Ofaié do lado de lá, matando todos que nela estavam. A água onde se deu o morticínio chama-se até hoje Ribeirão do Combate".

Relatório sobre os Xavante de Mato Grosso em 1913, por Nimuendajú (1993, p. 104)

O passado e o modo de ser dos índios Ofaié antes do contato com o colonizador europeu são desconhecidos. Não há pesquisas arqueológicas e etno-históricas que revelem esse panorama. As primeiras informações concretas sobre a etnografia desses índios surgem em meados do século XIX, quando a expansão da fronteira agropastoril brasileira em terras do então sul de Mato Grosso já era uma realidade irreversível. Assim, pressupõe-se que, no período retrocitado, a tensão interétnica já deveria ter acarretado significativas alterações no modo de ser dos Ofaié, sobretudo no que diz respeito às manifestações da cultura material desse povo. Por inferência etnográfica, baseada esta nos relatos dos primeiros contatos, os Ofaié, antes do contato, poderiam ser classificados como uma sociedade integrante do tronco lingüístico Macro-Jê, portadora de um modelo econômico baseado quase que exclusivamente na caça, pesca e coleta de vegetais silvestres. Daí terem um comportamento espacial, sobretudo itinerante, obedecendo à sazonalidade dos recursos naturais disponíveis.

A etno-história dos índios Ofaié é parcialmente conhecida. Os estudos até agora realizados, embora apresentem esclarecimentos satisfatórios para alguns aspectos do passado recente desse povo, ainda são insuficientes para esclarecer muitas questões temáticas ligadas a esse grupo indígena, entre elas a visualização objetiva da sua trajetória espacial nos últimos séculos.

Na condição de um grupo silvícola caçador-coletor, os Ofaié eram seminômades. Com os dados disponíveis, pode-se deduzir que antes da segunda metade do século XIX, eles viviam na área hoje compreendida entre os municípios de Rio Brillante e Campo Grande, MS. A partir da ocupação dessa área por fazendas, após a Guerra do Paraguai (1864/70), esses índios foram paulatinamente obrigados a procurar refúgios em outras áreas ainda não impactadas pela expansão da fronteira agropastoril.

Essas circunstâncias fizeram com que os índios Ofaié, nas décadas seguintes, protagonizassem um verdadeiro êxodo de seu território tradicional. Buscavam refúgios distantes da atritosa relação com a sociedade envolvente. Abrigavam-se em ambientes ainda preservados do quadro natural da margem direita do Alto Paraná, entre o baixo curso dos rios Ivinhema e Verde. Essa região era, até então, restritamente incorporada ao modelo econômico brasileiro da época.

Foi por isso que, principalmente durante a primeira metade do século XX, os índios Ofaié adotaram a prática do deslocamento permanente errante, não se fixando por muito tempo em nenhum lugar. Isso, porém

Ofaié com equipamento de caça em ilustração de Freundt (1947, in: DUTRA, 2004).



não lhes subtrai o direito de, hoje, terem um lugar para se recompor.

Somente no começo do século XX, com a ação de Rondon e de técnicos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), especialmente de Curt Nimuendaju, é que surgem os primeiros testemunhos confiáveis sobre as características étnicas dos Ofaié. Nessa época, por causa dos contatos conflituosos, cada vez mais constantes com elementos da sociedade agropastoril envolvente, o grupo encontrava-se em franco processo de desintegração étnica.

A análise dos episódios históricos que marcaram a busca, pelo povo Ofaié, por um espaço étnico vital, registra que no início do século XX esses índios já foram possuidores de uma área no Alto Paraná, reservada por ato público e legal. Essa área foi estabelecida, a partir de gestões do extinto SPI, nas margens do rio Samambaia, pelo Decreto nº 683, de 20 de novembro de 1924, do Governo do extinto Estado de Mato Grosso, abrangendo uma extensão de 3.600 ha. A perda desse direito histórico, por parte dos índios, com certeza não foi voluntária. Por trás desse acontecimento deviam estar interesses inescrupulosos que agiram sob a cobertura de ineficientes autoridades públicas da época, cabendo, portanto, a estas as responsabilidades pelos desdobramentos seguintes.

Na metade do século XX, a União Federal readquiriu imensas extensões de terras localizadas na margem direita do Alto Paraná, em Mato Grosso do Sul, que estavam, há anos, improdutivamente sob a posse de grandes grupos econômicos estrangeiros. Os critérios para essas concessões foram nebulosos perante a História. Paradoxalmente, essa era uma situação favorável aos índios Ofaié pois, enquanto esses extensos latifúndios permaneceram inexplorados, os “santuários” ecológicos abrigavam e ocultavam os índios. Ainda nômades, esses foram preservados, protelando; dessa forma, o impacto dos não-índios sobre eles.

Na época, funcionários do SPI alertaram as autoridades sobre a necessidade de uma definição fundiária para os Ofaié antes que fosse tarde, já que, por volta de 1950, era notória a tragédia que afligia os remanescentes desse povo e também era irreversível a expansão da fronteira econômica sobre essa porção territorial. No entanto, nenhuma medida foi tomada, nem mesmo a recuperação da área especificada no Decreto nº 683/1924, então ainda não revogado.

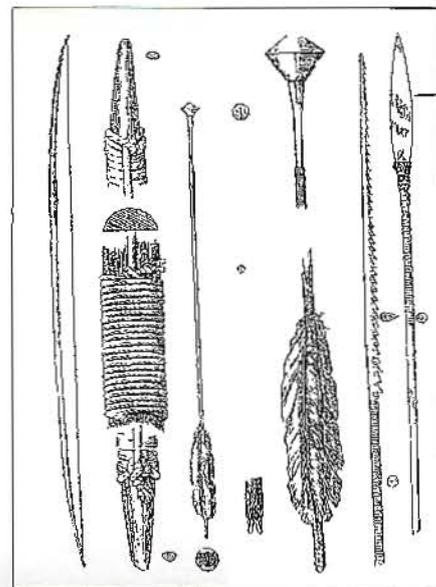
Toda a área compreendida entre os rios Taquarussu e Verde, em MS, foi posta à venda pela União Federal, por meio de leilão público, sem

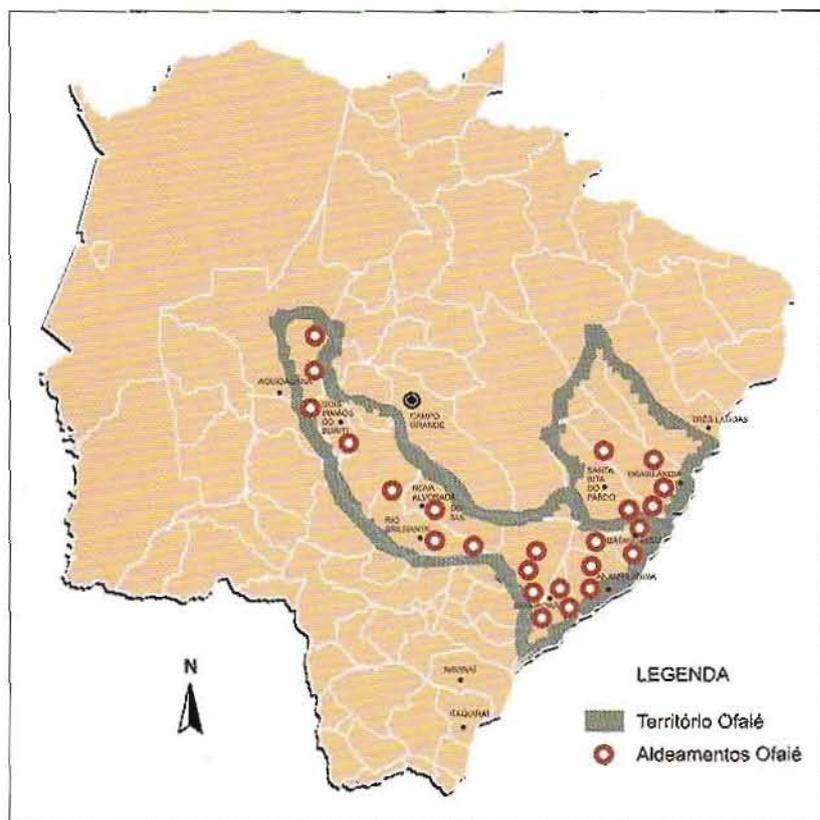


Presença Ofaié, em 1924, no Porto XV de Novembro, área da foz do rio Pardo (MALAN, 1929; in: DUTRA, 2004).

Habitação Ofaié no rio Pardo (FREUNDT, 1947; in: DUTRA, 2004).

As flechas e os arcos dos Ofaié foram ilustrados com detalhes por Ribeiro (1976). Nota-se que as duas flechas centrais são associadas à caça aos pássaros.





Área tradicional que foi ocupada em diferentes momentos pelos Ofaié (adaptado de DUTRA, 1994).

Paraná, entre os rios Ivinhema e Verde. A maior parte dos locais onde houve assentamentos Ofaié está hoje submersa com a conclusão do reservatório da UHESM. Em vista disso, as opções espaciais dos índios ficaram ainda mais reduzidas.

Nas últimas décadas, com a degradação ambiental acentuada pelo modelo econômico em vigor, a oferta de produtos naturais (caça, pesca e coleta) foi drasticamente reduzida, o que obrigou os Ofaié a substituírem seu padrão tradicional de subsistência por formas típicas da sociedade envolvente, ou seja, sobretudo a pequena agricultura e o trabalho assalariado em fazendas da região.

Os índios Ofaié estão parcialmente adaptados aos costumes dos não-índios, isto por força das circunstâncias que a eles foram impostas pelo modelo econômico regional vigente nas últimas décadas, o que, no entanto não significa que o grupo perdeu sua identidade étnica. Valores culturais de primeira grandeza na caracterização de uma sociedade diferenciada da envolvente estão presentes no grupo, tais como a língua, a religião, a mitologia e a auto-identificação enquanto comunidade indígena distinta das demais existentes na geografia humana nativa de Mato Grosso do Sul.

A hoje pequena sociedade indígena Ofaié, excepcionalmente, sobreviveu ao contato conflituoso com a sociedade envolvente. O modelo econômico brasileiro, expandindo sua fronteira agropastoril em direção ao Oeste do país, ocupou o espaço imemorialmente utilizado por populações nativas para sua reprodução étnica.

levar em consideração os índios que sobreviviam, no interior dela, em uma economia natural de caça, pesca e coleta. Assim, o setor público brasileiro cedeu ao expansionismo econômico "atropelando", dessa forma, os direitos indígenas e protelou para o presente a solução do impasse no convívio entre "brancos" e índios.

Entre outras conseqüências desse processo, pode-se destacar, na primeira metade do século XX, a instabilidade dos assentamentos, seja no tempo e/ou espaço, evidenciada, principalmente, pela mobilidade constante em busca de refúgios ambientais provisórios. Sabe-se que, nas primeiras décadas desse século, os índios Ofaié viveram dispersos em pequenos grupos, por toda a margem direita do Alto

O ressarcimento pelos danos historicamente causados aos índios é uma obrigação da atual geração brasileira que não pode alegar ignorância sobre o seu próprio passado. A responsabilidade é de uma dinâmica coletiva e histórica: portanto, os instrumentos compensadores da injustiça étnica cometida contra os Ofaié devem ser institucionais e jamais particulares ou isolados pois, do contrário, não se estará fazendo justiça e sim caridade com recursos alheios. Assim, a superfície estabelecida pelo grupo de trabalho constituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para demarcar um território para essa comunidade indígena é, talvez, uma forma apenas simbólica e insuficiente de resgate, mas que foi aceita com resignação, humildade e serenidade por parte dos quase derradeiros protagonistas da saga de um povo cujo passado se perde na realidade da Arqueologia brasileira.

O que eles necessitam para se recuperar como povo diferenciado no interior da sociedade brasileira atual é o reconhecimento formal e institucional de sua existência, assim como a satisfação das condições mínimas para que tenham a perspectiva de sua reprodução e perpetuação, como índios, garantidas.

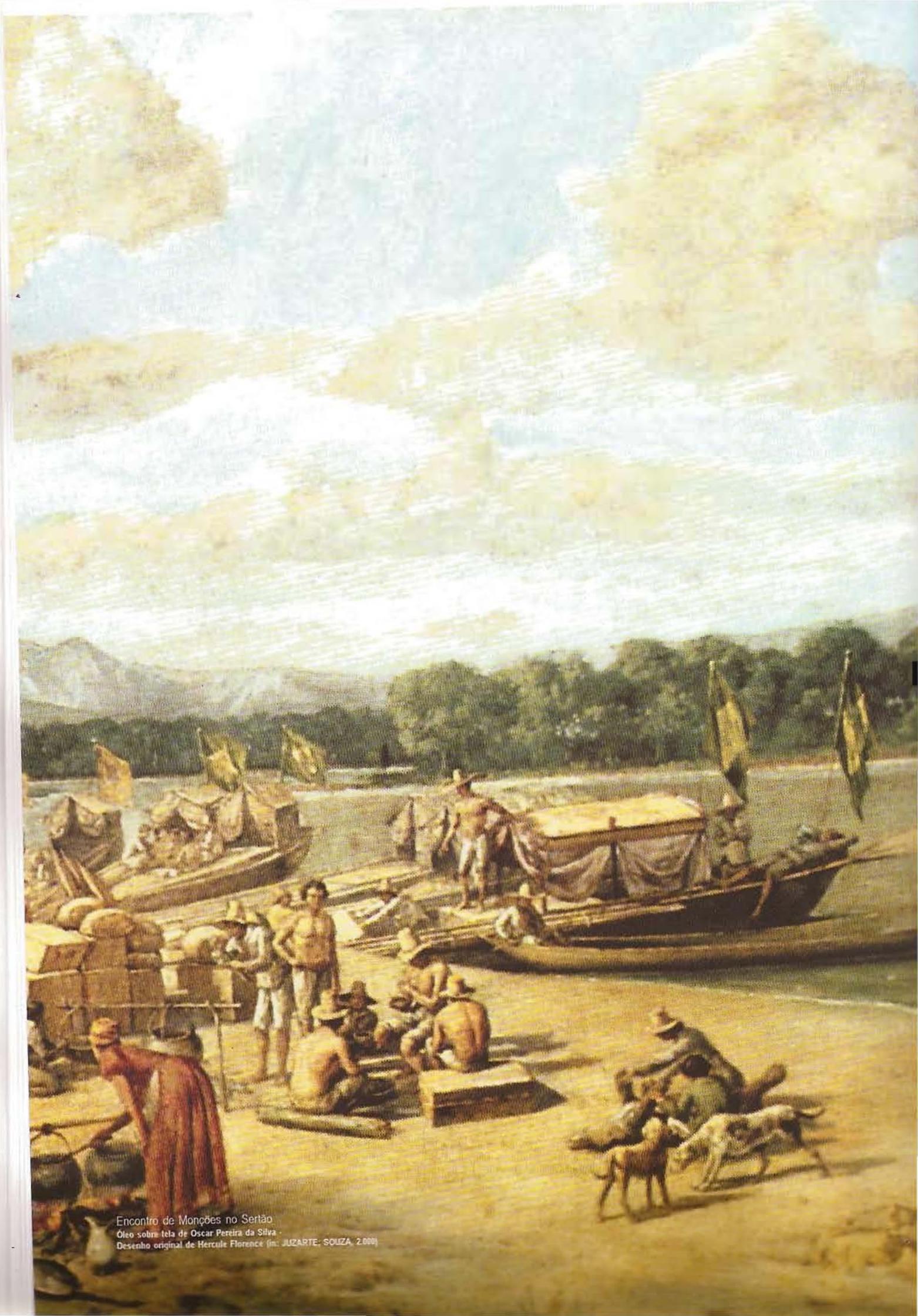
Hoje, é internacionalmente consagrado o princípio do Direito que estabeleceu que um povo, uma etnia, seja qual for sua expressão demográfica, sob nenhum pretexto e de nenhuma forma, pode ser exterminado. Quando isso acontece, significa o desaparecimento de uma fração única e exclusiva da humanidade. O valor dessa perda, para o conjunto e futuro das gerações humanas, é incalculável. A possibilidade de que tal venha a acontecer com a nação indígena Ofaié é concreta e inaceitável.

A análise do passado histórico recente e do presente da comunidade Ofaié levanta fortes indícios de que se não forem tomadas, por parte dos setores públicos responsáveis, providências imediatas, o que presenciamos pode ser entendido como a aurora de uma cultura tradicional.

Ataide Francisco Rodrigues – Xehitá-ha, líder Ofaié, em foto de Bill Gann (1992; in: DUTRA, 1996).

Face à iminente formação do reservatório da UHESM, os Ofaié, então habitando a área da foz do rio Verde, foram transferidos para o interflúvio do Ribeirão Boa Esperança (em foto de 2000).





Encontro de Monções no Sertão
Óleo sobre tela de Oscar Pereira da Silva -
Desenho original de Hercule Florence (in: JUZARTE, SOUZA, 2000)

Nos últimos 500 anos houve uma drástica transformação nos ambientes ribeirinhos e no povoamento indígena tradicional, extinto das margens do grande rio.

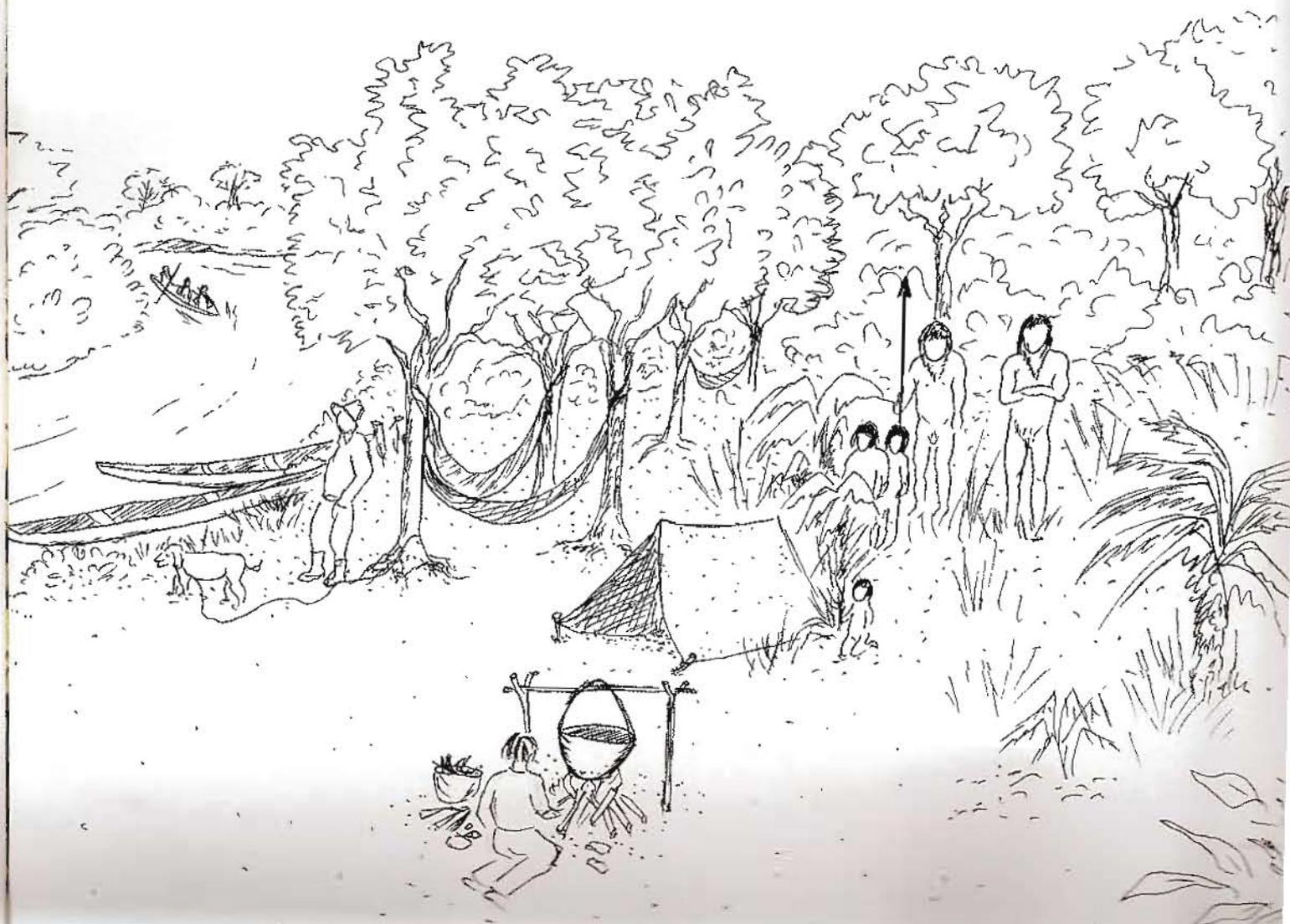
A história nos revela os processos de ocupação colonial do Alto Paraná.

O ALTO PARANÁ HISTÓRICO: FRONTEIRA E NAVEGAÇÃO



Situado na fronteira dos domínios espanhol e português, a partir do século XVI, o Alto Paraná foi cenário de navegações e ocupações estratégicas de domínio de fronteira. A formação dos reservatórios descaracterizou grande parte dos seus cenários ambientais e de ocupação.

A região do Alto Paraná, durante os séculos XVI, XVII e primeira metade do XVIII, pelo que determinava o Tratado de Tordesilhas, estava inserida na área colonial paraguaia/castelhana e subordinada administrativamente à Assunção. A descoberta e o reconhecimento do baixo curso do rio Paraná deu-se nas três primeiras décadas do século XVI, quando a expedição conquistadora/colonizadora, comandada pelo fidalgo espanhol, Pedro de Mendoza, explorou esse trecho do rio em busca de metais preciosos. Nessa época, a cobiça colonizadora espanhola era esti-





MITO DA SERRA DE PRATA OU EL DORADO

Esse mito teve sua origem quando os primeiros conquistadores castelhanos aportaram em terras meridionais do litoral brasileiro, no início do século XVI, e verificaram que os índios Guarani, habitantes do litoral de Santa Catarina, utilizavam adornos confeccionados em prata. Interrogados pelos conquistadores sobre como os haviam obtido, os índios informaram que havia sido por meio de trocas interétnicas e que eles se originavam de um lendário reino indígena localizado no ocidente sul-americano além da bacia Platina. Sem conhecer com precisão o local e a realidade etnográfica chaquenha/andina, estavam referindo-se ao Império Inca. Foi desse fato que se originou o nome dessa bacia hidrográfica. Na verdade, a prata utilizada na confecção desses adornos era extraída da Serra de Potosí, no contraforte oriental dos Andes bolivianos. A notícia da existência de metais preciosos na América do Sul alimentou de forma extraordinária o imaginário dos europeus, envolvidos em uma expansão comercial sem precedentes, de tal forma que esse fato provocou uma verdadeira "febre do ouro", popularizada por narrativas fantásticas sobre a existência de civilizações opulentas cercadas de riquezas e luxo.

mulada pelo "Mito da Serra de Prata ou El Dorado", isto é, as fabulosas jazidas de prata de Potosí, localizadas no território da Bolívia atual. Nessa época, o Império Inca, cuja capital era Cuzco, no Peru, estendia seus domínios por uma vasta extensão na cordilheira andina e partes do Centro-Oeste da América do Sul, podendo-se considerar que, em alguns pontos, a sua **fronteira oriental** aproximava-se da Bacia Platina. Nesse momento, o reconhecimento geográfico do rio Paraná à montante do baixo curso foi impedido pelas intransponíveis corredeiras e cachoeiras existentes no médio curso, na altura da atual cidade argentina de Corrientes, o que fez com que o processo colonizador ibérico nessa área ficasse adiado para o final do século XVI.

Acima, a Vila Imperial de Potosí, Bolívia, em foto de Bultrich (1943).

Abaixo, fragmentos de cerâmica inca identificados na pesquisa arqueológica do Gasoduto Bolívia-Brasil (DAMES & MOORE, INC., 2001).

FRONTEIRA ORIENTAL

Durante os trabalhos de construção do Gasoduto Bolívia-Brasil, no trecho boliviano, no final do século XX, os arqueólogos bolivianos, encarregados dos trabalhos de proteção ao patrimônio arqueológico passível de ser impactado pelas obras, encontraram um sítio arqueológico, onde foram coletados diversos fragmentos de cerâmica Inca, a apenas algumas dezenas de quilômetros do rio Paraguai, na latitude da cidade sul-mato-grossense de Corumbá.





da em 1554, em local incerto. Segundo a mesma tendência histórica, em 1593, **Ruy Diaz de Guzmán** fundou na margem esquerda do Baixo Ivinhema, a cidade de **Santiago de Xerez**, a qual pode ser considerada a primeira a ser fundada no território sul-mato-grossense. Essa povoação colonial teve, nesse local, duração efêmera, pois, em 1600, foi trasladada para a região da bacia dos rios Miranda/Aquidauana, na área não inundável do Pantanal sul-mato-grossense.

Logo após a expedição de Aleixo Garcia, no ano de 1542, o célebre conquistador espanhol **Alvar Nuñez Cabeza de Vaca**, com a missão de assumir o cargo de Adelantado do Rio da Prata, cuja sede era a cidade de Assunção, retomando o percurso percorrido por Aleixo Garcia, cruzou o rio Paraná, na altura das cachoeiras de Sete Quedas, registrando em seus relatórios manuscritos essa descoberta topográfica.

RUY DIAZ DE GUZMÁN

Célebre colonizador paraguaio, nasceu em Assunção. Era filho de Domingos Martínez Irala, o fundador do Paraguai colonial. Guzmán foi o autor da primeira crônica histórica sobre a conquista e colonização da bacia Platina e é considerado por vários autores como o "pai" da História da Bacia Platina/Paraguai. Sua obra, *La Argentina* (produzida no século XVII) é pioneira e indispensável para os estudos históricos do início da colonização dessa bacia hidrográfica.

ALVAR NUÑEZ CABEZA DE VACA

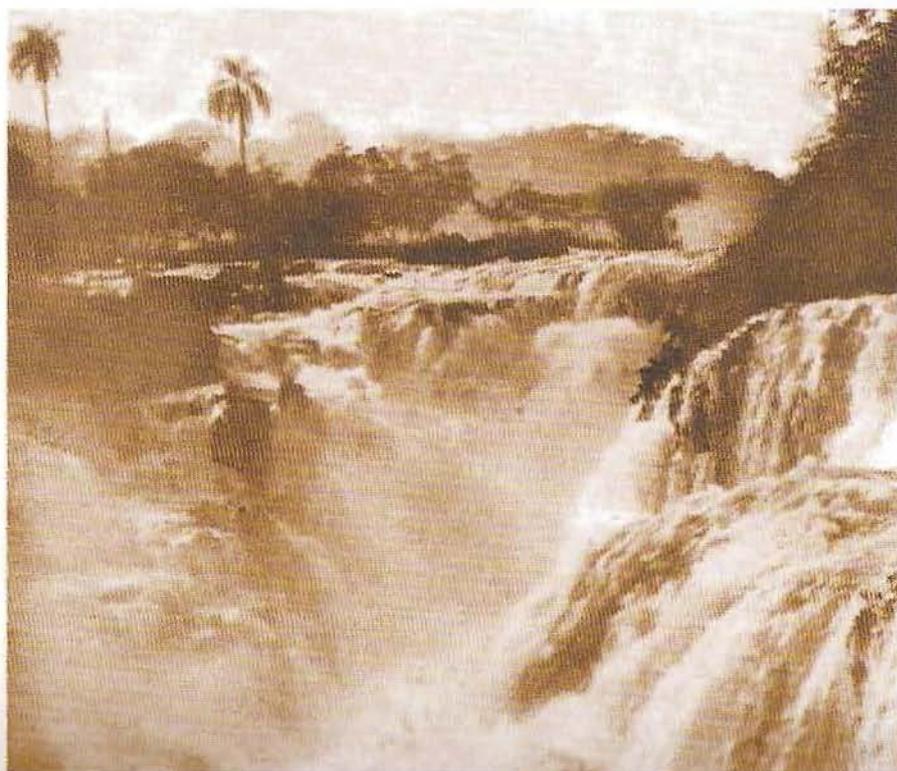
Cabeza de Vaca é um dos mais renomados descobridores/conquistadores espanhóis do início das grandes viagens marítimas de descobrimento geográfico. Entre outros feitos a ele é atribuído o descobrimento dos Estados Unidos, quando após naufragar no Caribe conseguiu chegar pioneiramente à península da Flórida.

As espetaculares corredeiras/cachoeiras das Sete Quedas foram submersas por ocasião da formação do lago da UHE de Itaipu, na década de 1970. Ao lado, foto de Andrade (1941) registra uma das quedas.



SANTIAGO DE XEREZ

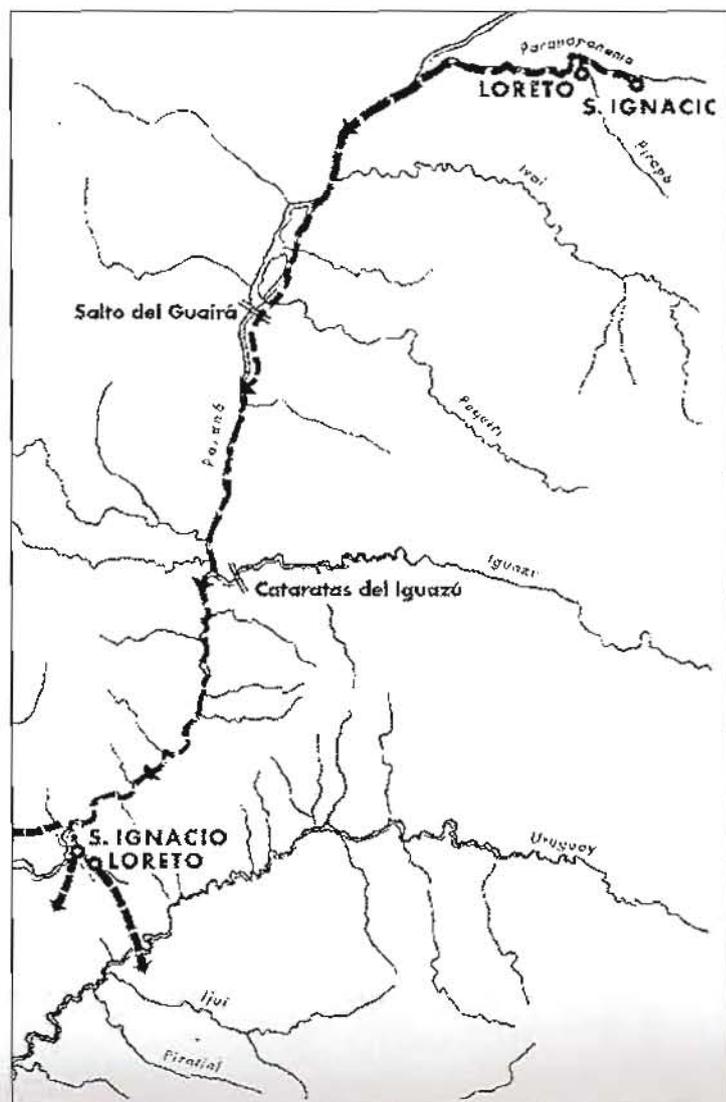
A localização exata da primeira Xerez ainda não está bem definida pela Arqueologia Histórica, porém é certo que ela se situava em algum ponto da margem direita do Baixo Ivinhema, no atual território municipal de Navirai, MS. Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Projeto Arqueologia da Paisagem das Várzeas dos Rios Ivinhema e Paraná sugerem que o local da primeira Xerez seja o Porto Peroba (nas imediações da confluência de um dos canais do rio Ivinhema no rio Paraná, vista na foto acima, em setembro de 2003). Para tal contribuiu a informação cartográfica (detalhe acima, onde Xerez é por nós destacada por seta) produzida no início do século XVII, pelo governador colonial do Paraguai, Luis Céspedes Xeria.



AS MISSÕES JESUÍTICAS E AS INCURSÕES DOS BANDEIRANTES

Com a implantação do modelo colonial castelhano no extremo oeste paranaense houve a necessidade de estruturar a região no sentido socioeconômico. A população européia era rigorosamente insuficiente para atender às exigências da economia agrícola colonial por força de trabalho, o que determinou a busca por soluções alternativas. O recurso encontrado foi o emprego da mão-de-obra indígena, disponível em larga escala na região, sobretudo nos grandes aldeamentos guarani, entretanto era preciso submetê-los para tal. Por causa do desequilíbrio quantitativo entre “brancos” e índios, o uso da força seria ineficaz, o que levou os colonizadores a adotarem estratégias persuasivos para a “domesticação” dos nativos. A conversão dos índios Guarani ao catolicismo foi a ferramenta utilizada pelo modelo colonizador ibérico para colocar os índios a serviço do projeto metropolitano.

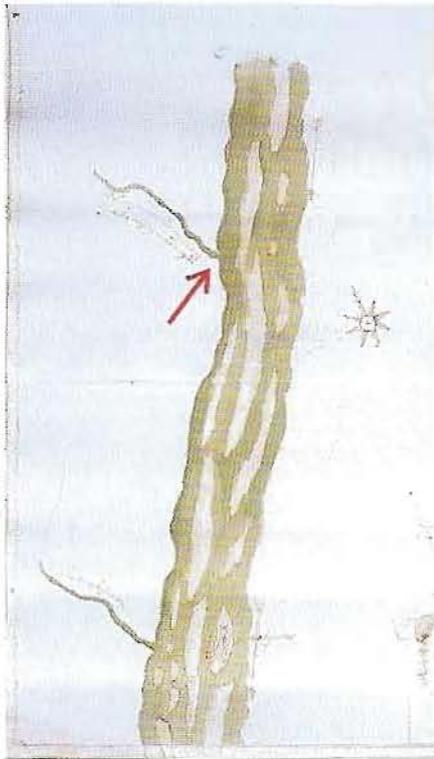
Rota de fuga dos Guarani, do rio Parapanema ao médio Paraná (BRUNO, 1967; in: ARRÓSPIDE, 1997).



Nos primeiros anos do século XVII chegaram à área colonial do Guairá, enviados pelo Colégio Jesuíta de Assunção, os primeiros padres missionários, destacando-se entre eles o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya. Em poucos anos, milhares de índios Guarani foram catequizados e reduzidos nas mais de duas dezenas de missões implantadas no extremo oeste paranaense, geralmente próximos aos principais tributários da margem direita do rio Paraná, tais como o Paranapanema, o Ivaí, o Piquiri entre outros menores. Também na margem sul-mato-grossense houve a presença da ação

ANTONIO RUIZ DE MONTOYA

O padre Montoya ocupa um lugar de destaque na História do Alto Paraná: em primeiro lugar, pelo seu sucesso nos trabalhos evangelizadores; em seguida, por ter produzido e publicado um dos mais completos estudos sobre a língua falada pelos índios Guarani coloniais (Tesoro de la Lengua Guarani, 1639) e ainda por ter liderado o êxodo de milhares de índios missionários do Paraná para o Rio Grande do Sul, em local que, posteriormente, no século XVIII, passou a ser conhecido como Sete Povos das Missões. Esse êxodo assumiu um caráter épico, pois esse traslado deu-se por via fluvial, rio Paraná abaixo, e os índios fugitivos foram transportados por um comboio de centenas de canoas. Esse episódio inspirou o filme longa-metragem "A Missão" que, embora seja uma obra de ficção científica, retrata de forma muito próxima da realidade a história dessa época.



O Alto Paraná foi minuciosamente mapeado, em 1769, por Juzarte (in: JUZARTE; SOUZA, 2000). Na imagem à esquerda observa-se esse rio e a confluência do canal, posteriormente denominado rio Ivinhema. Na foz desse rio (sítio arqueológico rio Ivinhema 1) foi localizada uma colher de prata com insígnia jesuíta.



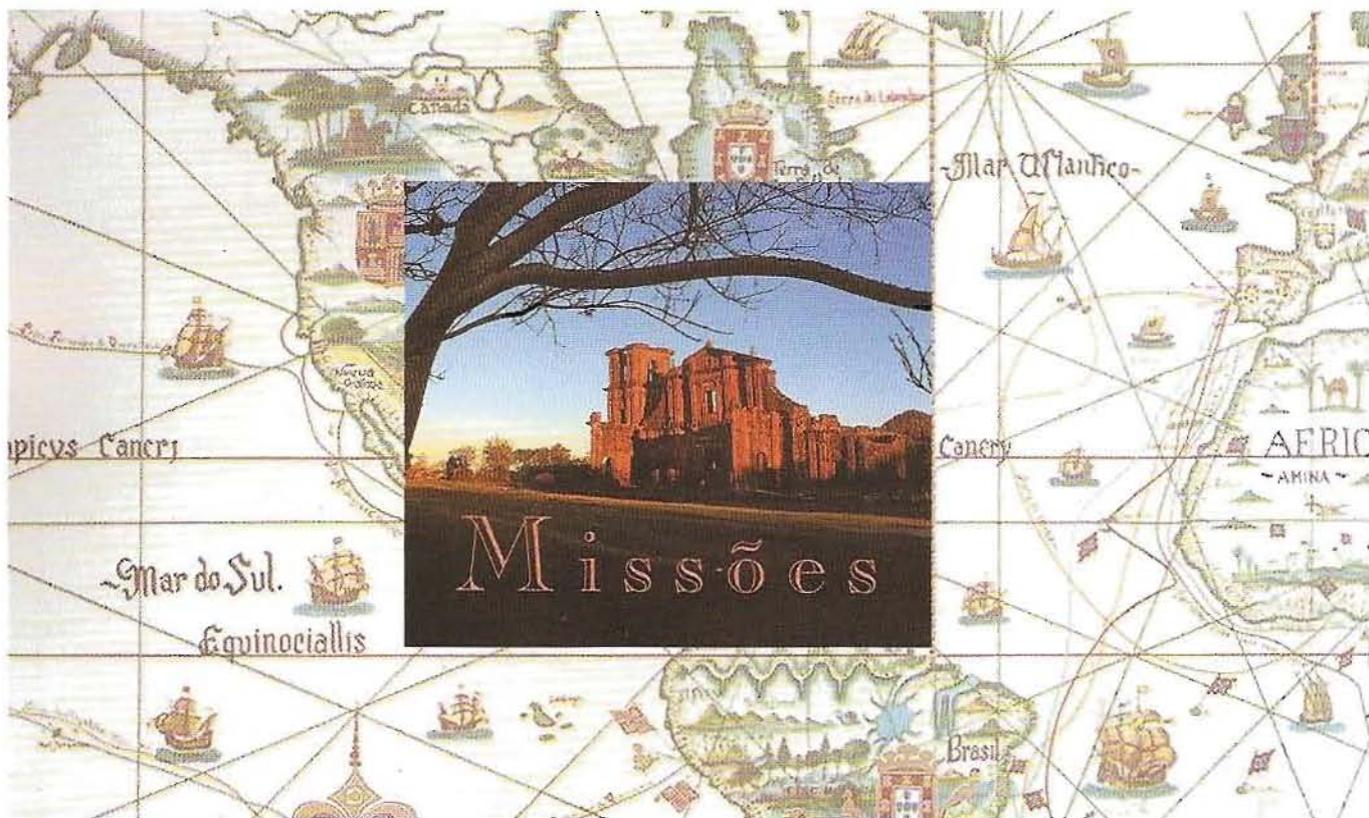
missioneira, porém, não com a mesma dimensão da margem paranaense. Um testemunho desse fato é atestado pela descoberta arqueológica de uma pequena colher de prata com a insígnia jesuíta, coletada durante as escavações num sítio localizado na margem direita da foz do rio Ivinhema (sítio Rio Ivinhema 1).

Paralelamente à implantação colonial castelhana na porção setentrional da bacia platina, no decorrer do século XVI, o núcleo colonial luso-paulista também se consolidava, sobrevivendo por meio de um modelo agrícola, economicamente modesto, voltado para a própria subsistência, mas também com alguma inserção no abastecimento regular do mercado interno da colônia portuguesa no Brasil, sobretudo para o nordeste açucareiro. O esgotamento dos estoques de mão-de-obra indígena disponíveis no entorno de São Paulo de Piratininga, fundada em 1554, após as primeiras décadas de colonização, levou os colonos luso-paulistas a buscarem braços indígenas em áreas cada vez mais distantes do litoral atlântico, em um movimento espacial de alargamento territorial denominado na História como Bandeirismo de Apresamento. Contribuiu para esse fenômeno, o fato de Portugal, em 1580, ter sido anexado aos domínios dos reis espanhóis da dinastia dos Habsburgos, contexto que se alongou até o ano de 1640, período que ficou sendo conhecido historicamente como União Ibérica. Essa conjuntura política transformou toda a América do Sul em uma única colônia espanhola, flexibilizando assim as limitações fronteiriças impostas pelo Tratado de Tordesilhas.

Sob a influência da conjunção desses fatores, no início do século XVII, os bandeirantes paulistas voltaram suas expedições de captura de índios

SÍTIO RIO IVINHEMA 1

As escavações arqueológicas no sítio Rio Ivinhema 1 estão sendo realizadas no âmbito do Projeto Arqueologia da Paisagem das Várzeas dos Rios Ivinhema e Paraná: Registro e Preservação do Patrimônio Cultural.



Representação cartográfica das Reduções Jesuítico-Guarani vindo-se, no detalhe, as ruínas da Catedral de São Miguel Arcanjo, capital dos Sete Povos das Missões do Rio Grande do Sul (montagem sobre imagens de TAVARES et al., 1999). Abaixo, assinatura de Raposo Tavares e ilustração de dois bandeirantes elaborada e apresentada por Belmonte (1980).



para a região alto-paranaense, sobretudo a Província do Guairá, de onde se apropriaram, pela força, de milhares de índios guarani, valorizados no mercado colonial de mão-de-obra compulsória, por estarem parcialmente “aculturados” para o trabalho agrícola nas plantações coloniais.

As sucessivas investidas bandeirantes sobre o Guairá, destacando-se as bandeiras comandadas por Manoel Preto e Raposo Tavares entre 1629 e 1632, acarretaram em drástica redução da demografia indígena na região alto-paranaense, inclusive na destruição das cidades coloniais paraguaias/castelhanas fundadas em meados do século anterior. Como conseqüência também se pode apontar o êxodo em massa dos indígenas sobreviventes, os quais foram guiados pelos missionários até refúgios distantes, como o Rio Grande do Sul, Paraguai e sul de Mato Grosso do Sul. Contudo, mesmo assim, continuaram sendo implacavelmente perseguidos pelos bandeirantes.

O fenômeno bandeirante de apresamento influenciou todos os acontecimentos na área da Bacia do Alto Paraná até meados do século XVII, quando, após o término da União Ibérica, a reação paraguaia e a crise na economia colonial lusa, que se seguiu à Restauração Portuguesa, entraram em refluxo progressivo até a sua extinção no início do século XVIII.

O CICLO DAS MONÇÕES

O movimento espacial do bandeirismo de apresamento, por causa de suas características, tanto na ida dos bandeirantes de São Paulo para os redutos indígenas na região das missões do Guairá, quanto no retorno deles com suas presas indígenas, mobilizava milhares de pessoas, o que implicava que ele seguisse por caminhos terrestres. No entanto, em 1626, um expressivo comboio fluvial, partindo de São Paulo, desceu o rio Tietê, adentrou pelo Paraná a jusante e, em seguida, subiu o rio Ivinhema até a sua cabeceira. Essa expedição teve por objetivo transportar o Governador do Paraguai, recém-empossado no cargo, e sua comitiva até Assunção. Essa foi a primeira vez que a bacia hidrográfica do Alto Paraná foi utilizada como sistema viário, antecedendo em 100 anos a sua função histórica típica do século XVIII, como se vê a seguir. É interessante destacar que a crônica histórica produzida durante essa viagem gerou um dos primeiros produtos cartográficos da região enquanto suporte para o transporte fluvial.

No final do século XVII, com o colapso do bandeirismo de apresamento, os paulistas, a essa

O rio Pardo foi a via de interligação das monções, no século XVIII, no trajeto dos rios Tietê/Paraná ao Paraguai/Cuiabá; o cotidiano das noites passadas nas margens do rio Pardo pode ser vislumbrada abaixo (imagem inferior) na tela *Pouso no Sertão (Rio Pardo)* (de provável autoria de Aurélio Zimmermann, a partir do desenho original de Hercule Florence - 1804-1879; in: JUZARTE; SOUZA, 2000). Esse baixo curso do rio Pardo e sua foz no rio Paraná, com seus meandros e várzeas existentes antes do represamento pela UHESM, é visualizado na foto aérea abaixo, obtida em 1979.



altura dos acontecimentos, profundos conhecedores dos sertões do Centro-Oeste brasileiro, passaram a dedicar-se à busca de metais preciosos. Em 1718, obtiveram sucesso nessa empreitada quando Pascoal Moreira Cabral descobriu ouro nos arredores da atual cidade de Cuiabá, em Mato Grosso.

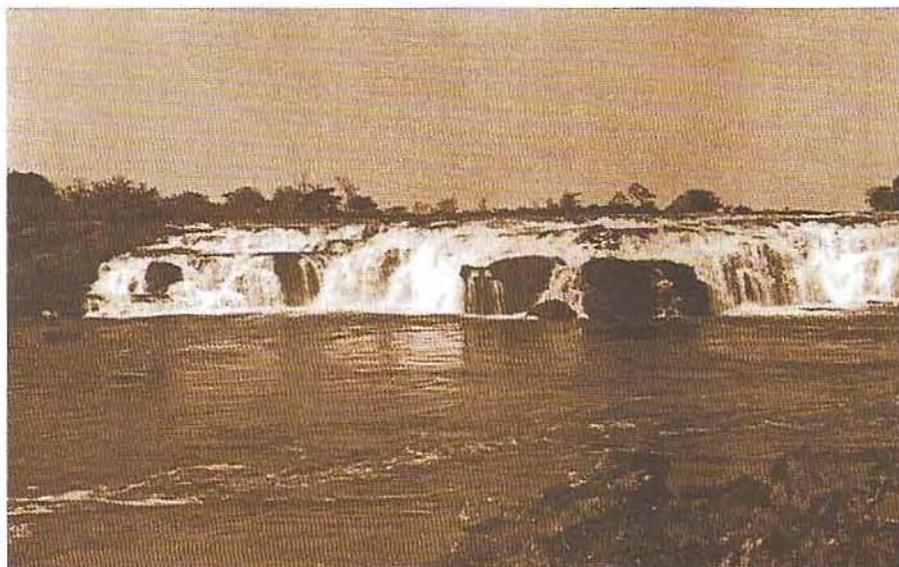
A “febre do ouro” mobilizou boa parte da população da capitania paulista que via no garimpo a solução para a crise socioeconômica que perdurava desde as últimas décadas do século XVII. A necessidade de abastecer regularmente os garimpos em Mato Grosso fez com que as autoridades coloniais estruturassem um sistema regular de transporte de pessoas e mercadorias por via fluvial, já que as longas distâncias entre São Paulo e Mato Grosso, associadas à travessia de territórios de indígenas hostis, tais como os Guaicuru e os Kayapó, eram obstáculos, até então, intransponíveis para o empreendimento minerador. Esse contexto histórico passou a ser conhecido pela História como Ciclo das Monções e desenrolou-se até o final do século XVIII.

O roteiro definido reproduzia parcialmente o caminho experimentado por Luis Céspedes Xeria 100 anos antes. A partir de 1725, uma vez por ano, aproximadamente, após celebrações religiosas e festas de despedidas, os comboios fluviocomerciais, compostos de dezenas de canoas monóxilas, algumas com até 30 metros de comprimento, capazes de trans-

A partida da Monção
(autoria de José Ferraz de Almeida Junior - 1850/1899; in: JUZARTE; SOUZA, 2000).



portar mais de uma tonelada de cargas, partiam de Porto Feliz, localidade no rio Tietê, próximo à Sorocaba, descendo esse rio até sua foz no rio Paraná, poucos quilômetros a montante da cachoeira de Jupia (posteriormente Três Lagoas/MS). Depois de vencidos inúmeros obstáculos naturais do rio Tietê, na época denominado Anhembi, tais como cachoeiras, corredeiras, chuvas torrenciais, mosquitos, assédio de indígenas ocultos nas matas

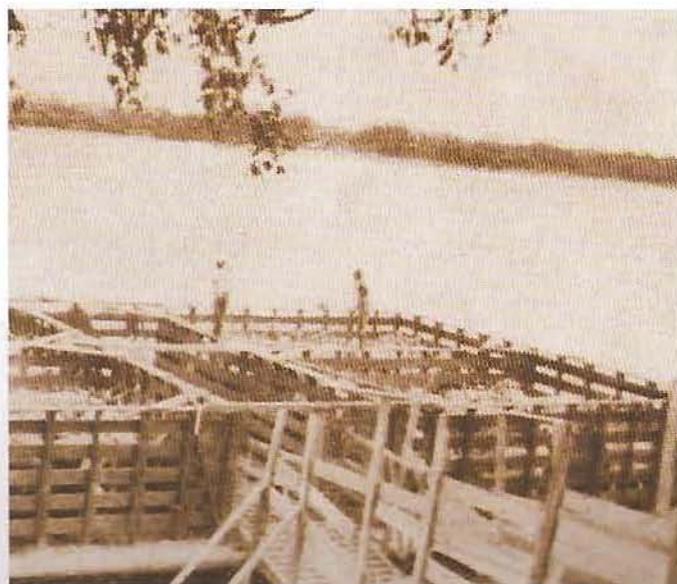


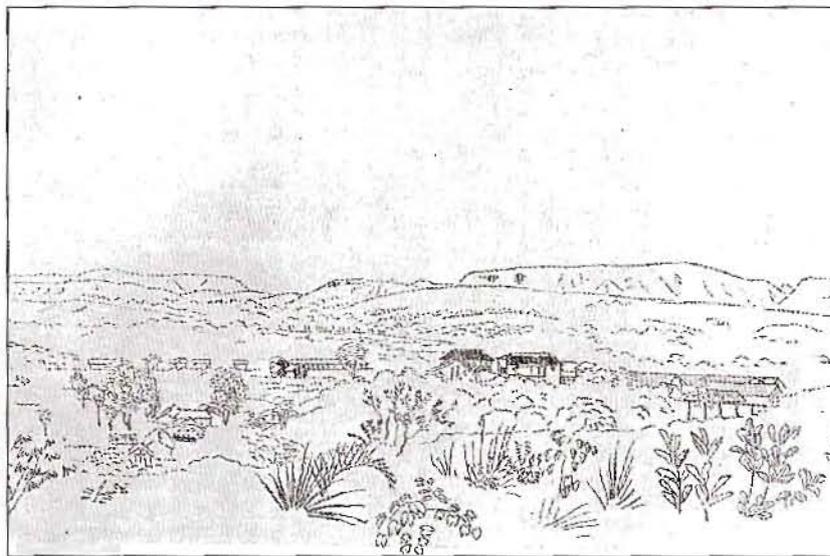
ciliares, antes de ingressarem no curso do rio Grande (nome do Paraná na época), faziam uma escala para a recomposição das energias em um local, na barra do Anhembi, denominado Porto Itapura.

Ao entrar no rio Paraná, nova rodada de perigos rondava os comboios monçoeiros, tais como rebojos, corredeiras e outros, mas nada igualável à cachoeira de Jupia e o grande rebojo que se formava a jusante, onde eram costumeiros os naufrágios com grandes perdas humanas e materiais.

Transposto esse obstáculo, nos primeiros anos do ciclo, o movimento monçoeiro experimentou, entre os tributários da margem direita do Alto Paraná, algumas alternativas fluviais direcionadas ao Oeste, entre elas o rio Sucuriú, o Verde e o Ivinhema. Porém, a melhor opção configurou-se no rio Pardo. À sua margem, na foz no rio Paraná, existia um arranchamento permanente, onde a flotilha de canoas monçoeiras fazia escala antes de enfrentar as dificuldades naturais e o freqüente espreitamento dos indígenas Kayapó em todo o percurso à montante de sua barra.

Cachoeira de Jupia (foto apresentada por LEVORATO, 1999), antigo obstáculo natural à navegação no Alto Paraná, hoje está recoberta pelo reservatório da UHE Jupia. Nas fotos abaixo, observa-se o Alto Paraná, a partir de sua margem esquerda: junto à balsa para gado em Presidente Epitácio (ANDRADE, 1941) e a área da antiga Porto XV (vista a partir da margem esquerda do rio Paraná antes da formação do reservatório da UHESM - foto 1998).





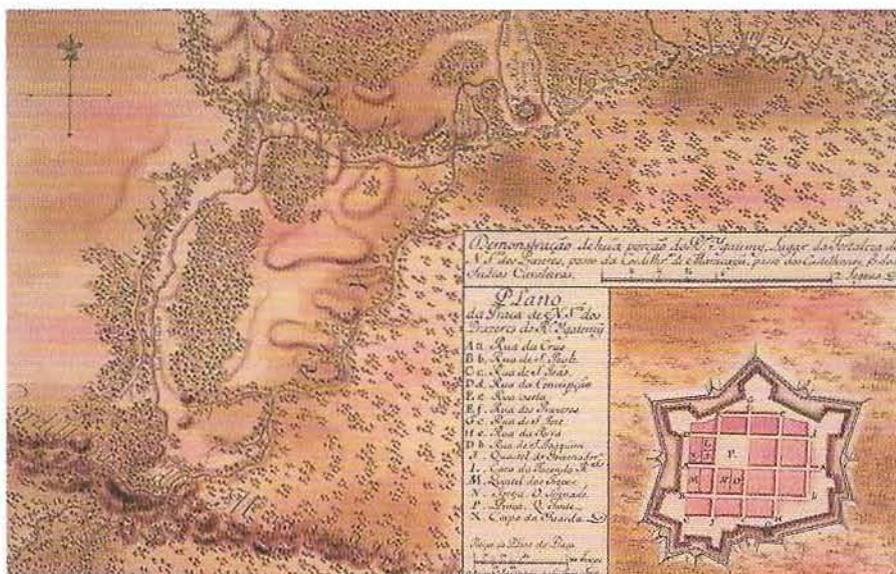
A ilustração acima é de Camapuã, local de parada das monções (FLORENCE, 1977) cujo destino final, Villa de Bom Jesus de Cuiabá (em 1790) foi apresentada por Reis (2000).

Ao atingir a cabeceira do Pardo, tinham a seguir um varadouro terrestre por alguns quilômetros antes de, por meio do rio Coxim, adentrar em águas da bacia do Paraguai. Nesse local, na metade da viagem entre São Paulo e Mato Grosso, existia uma grande fazenda que oferecia um pouco de conforto e os suprimentos necessários para a segunda etapa dessa epopéia, a Fazenda Camapuã, dos irmãos Dias Leme, bem estruturada, com capela, bois, plantações e dezenas de escravos negros.

A crônica histórica do ciclo das monções foi registrada em milhares de documentos manuscritos e atas das Câmaras Municipais de São Paulo e Cuiabá, os quais se transformaram em fontes fundamentais e detalhadas das paisagens ciliares e da geografia humana nativa. Entre os documentos produzidos por autoridades coloniais merecem destaque os relatos de viagem de D. Antonio Rolim de Moura, quando na metade do século XVIII, saiu de São Paulo para assumir o Governo da recém-criada Capitania de Mato Grosso, bem como o relatório de viagem de Teotônio José Juzarte (JUZARTE; SOUZA, 2000) que, após navegar o curso quase completo do rio Tietê, desceu o Alto Paraná, até a foz do Iguatemi, e depois navegou à montante até quase a cabeceira deste, onde assumiu o posto de comandante do Forte Iguatemi, cujas ruínas, hoje, se encontram no município sul-mato-grossense de Amambai.

Nas últimas décadas do século XVIII, o esgotamento do ouro de aluvião no entorno de Cuiabá e a descoberta de novos garimpos na região da cabeceira do rio Guaporé, integrante da bacia Amazônica, levou as autoridades coloniais a transferirem a sede da Capitania de Cuiabá para Vila Bela da Santíssima Trindade, localizada na margem do Alto Guaporé. Com isso, o sistema fluvial, implantado na Bacia Platina setentrional, perdeu seu significado e eficiência, sendo substituído pelo trajeto fluvial Guaporé, Madeira, Amazonas até Belém do Pará.

No início do século XIX, toda a infra-estrutura logística, com o fim do Ciclo das Monções, sofreu acentuado declínio. Locais, como a outrora majestosa Fazenda Camapuã, regrediram ao ponto de se tornarem ruínas e locais desabitados.



O rio e o Forte Iguatemi, ilustrados por José Custódio de Sá e Faria (1774; in: REIS, 2000) e as atuais ruínas da igreja de Vila Bela da Santíssima Trindade (em foto de 1999)



O SÉCULO DA PECUÁRIA

O Alto Paraná, pela sua feição geográfica, sempre foi uma fronteira natural que separava, quase como uma “muralha fluvial”, o Brasil oriental do ocidental, o Brasil português do Centro-Oeste castelhano. No entanto, o expansionismo territorial bandeirante, em suas duas fases, nos séculos XVII e XVIII, criou os fatos fronteiriços/territoriais que fundamentaram as reivindicações diplomáticas da coroa portuguesa, isso no sentido de fazer “letras mortas” o que determinava o Tratado de Tordesilhas e incorporar o Oeste brasileiro à colônia luso-brasileira. O *start* desse processo se deu com a criação da Capitania de Mato Grosso, em 1748. A partir de então, escorada no princípio jurídico do *uti possidetis*, a diplomacia metropolitana, tendo como seu mentor Alexandre de Gusmão, provocou a discussão de um tratado substitutivo ao Tratado de Tordesilhas, o que resultou na assinatura pelas duas coroas ibéricas do Tratado de Madri, em 1750.

Embora questões fronteiriças residuais entre as duas colônias tenham persistido após as metrópoles firmarem o novo tratado, a partir desse momento, a incorporação da região alto-paranaense ao Brasil ficou irreversível. Mesmo durante a Guerra do Paraguai, entre 1864-1870, as pretensões territoriais lopistas estendiam sua leitura cartográfica apenas para a área influenciada pela Bacia do Paraguai, isto é, reconheciam a serra de Maracaju, divisor de águas da Bacia Platina setentrional, como a fronteira política e natural aceitável.

Incorporada definitivamente ao território brasileiro, assim constituído após 1822, com o fim do Ciclo das Monções, a região alto-paranaense amargou, nas primeiras décadas do século XIX, acentuado isolamento político-econômico associado a um quadro demográfico de quase deserto. A região voltou a caracterizar-se como um sertão longínquo, silvestre e povoado, basicamente, pelos remanescentes das populações indígenas.

Ilustração da extensiva pecuária no Alto Paraná do século XX, na foto de Andrade (1941).



As turbulências políticas do I Reinado, do período Regencial e da crise da maioria de Dom Pedro II, fizeram com que o recém-criado Estado brasileiro concentrasse suas ações no sentido de, inicialmente, consolidar-se no cinturão urbano/rural atlântico.

Se a primeira década do século XIX foi marcada por sucessivas e contínuas crises políticas, sociais e até separatistas, todavia,

a economia imperial encontrou seu prumo por meio da vertiginosa expansão da agricultura cafeeira.

A nova ordem econômica nacional, indiretamente, vai ser o fator responsável pela lenta, mas progressiva reincorporação do território alto-paranaense ao quadro sociopolítico do país. O avanço da lavoura cafeeira, a partir do início do II Reinado, em direção ao oeste paulista e ao triângulo mineiro, pressionou a rústica pecuária aí desenvolvida a buscar novas áreas, menos valorizadas e não cobiçadas pelo expansivo setor cafeeiro. Assim, quase que espontaneamente, sem incentivos governamentais, criadores do sul-mineiro e oeste paulista ultrapassaram o Alto Paraná com seus rebanhos e passaram a ocupar as devolutas áreas do oriente sul-mato-grossense.

Dessa forma, o Alto Paraná volta a ter sentido geográfico e histórico, não ainda como eixo fluvial para o transporte longitudinal, mas como uma espécie de “ponte”, onde as balsas cruzavam as duas margens, interligando as estradas boiadeiras paulistas e sul-mato-grossenses. Foi nesse contexto que os pontos de val transformaram-se em rústicas instalações portuárias, das quais, algumas, anos mais tarde, deram origem a diversas cidades alto-paranaenses. Com o mesmo efeito histórico pode-se somar à pecuária a extração de madeira das exuberantes florestas tropicais que bordejavam as duas margens do rio.

No final do século XIX, uma nova função é agregada ao Alto Paraná. Com o fim da Guerra do Paraguai, o trecho do rio Paraná, a jusante do Paranapanema, bem como das Sete Quedas, passou a sediar instalações portuárias e a circulação embarcada do escoamento da produção da **erva nativa** do sul de Mato Grosso do Sul.

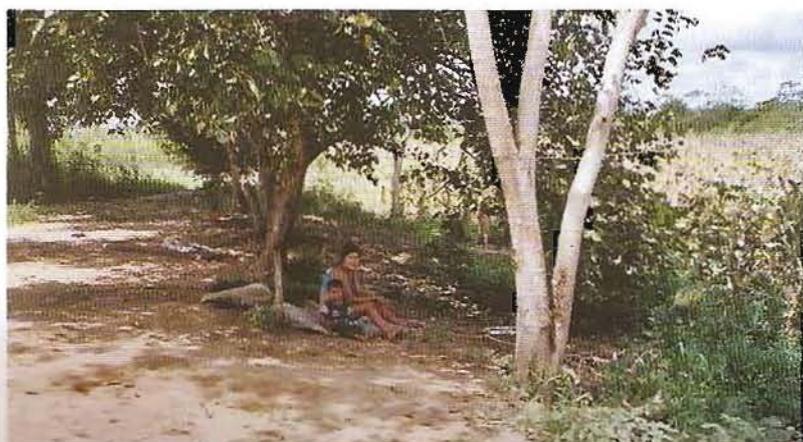
Foi também no século XIX que ocorreu a extinção dos últimos remanescentes das populações indígenas Guarani oriundas do período colonial. No final desse século, apenas famílias indígenas isoladas, bastante descaracterizadas cultural e etnicamente, sobreviveram na condição de “índios de fazenda”, das quais, ainda hoje, é possível encontrar, vivendo em pequenos ranchos ribeirinhos, a jusante da barra do Ivinhema, eventuais descendentes. Apesar do tempo passado, algumas dessas pessoas ainda preservam aspectos da memória de seus antepassados e afirmam serem descendentes de índios.



ERVA NATIVA

Acima, índios “mineiros” (trabalhadores) do beneficiamento da erva mate no Alto Paraná, junto ao rancho com “barbaqua” ou “carijo” (girau convexo sob o qual o ar quente da fomalha crestava a erva) em foto de Andrade (1941).

Remanescentes Guarani habitavam as proximidades da foz do rio Ivinhema, como Dona Cantalicia da Silva (foto central - setembro de 2003), que se declara de origem paraguaia tendo migrado para a região para trabalhar nos ervais. Outros descendentes indígenas continuam habitando o Alto Paraná, como a moradora ao sul da Ilha Bandeirantes (foto inferior - janeiro de 2003).





As várzeas do rio Ivinhema, semelhantes a um pequeno Pantanal (foto - setembro de 2003). Essa área apresenta raros remanescentes da Floresta Estacional Semidecidual aluvial. A floresta foi intensamente suprimida da região, como ilustra a foto abaixo do desmatamento (em 1978) nas proximidades do sítio arqueológico Lagoa do Custódio 1.



FOTO: BENEDITO GONDIRO

Com a progressiva ocupação das margens do Alto Paraná, pela pecuária, pela extração de madeiras e o início de um incipiente processo de urbanização, a cobertura vegetal original, nas décadas seguintes, foi devastada, restando pequenos bosques da mata original, em áreas menos favoráveis para essas atividades, como é o caso, por exemplo, do pequeno Pantanal existente nas planícies de inundação do rio Baía que se ligam ao Baixo Ivinhema. A partir de então, acelerada degradação

ambiental instalou-se na região alto-paranaense comprometendo não só a flora e a fauna, como também provocando acelerado processo de desestruturação das margens com a conseqüente erosão Alto Paraná e a diminuição de sua profundidade. Nesse processo de desequilíbrio ambiental, diversos sítios arqueológicos que estavam instalados em diques fluviais e pequenos terraços coluviais nas margens desse rio e de seus tributários foram destruídos, desestruturando os perfis estratigráficos e provocando o carreamento, pelas águas, de vestígios arqueológicos. Essa situação foi claramente observada no levantamento arqueológico realizado durante o desenvolvimento dos trabalhos de mitigação dos impactos sobre o patrimônio arqueológico por ocasião da construção da UHESM, isso tanto na margem paulista quanto na sul-mato-grossense.

Foram nesses refúgios ambientais, nas margens dos rios Paraná, Quiterói, Três Barras, Pardo, Taquarussu, Verde, nos córregos Combate, Boa Esperança e outros que, durante a segunda metade do século XIX, em ondas radiais, os índios Ofaié-Xavante, perseguidos em seu território tradicional, no planalto Maracaju-Campo Grande, buscaram proteger-se da perseguição sistemática empreendida pelos representantes do modelo da economia pecuária que, nessa época, expandia suas fronteiras para as porções centrais de Mato Grosso do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O HOMEM MUDA O RIO E O RIO MUDA O HOMEM”

Os rios são caminhos que andam
e que nos levam aonde queremos ir.

*Pascal (1623-1662)
Pensamentos*

Nos vales dos grandes rios floresceram culturas tradicionalmente ligadas aos seus ambientes de vida, estabelecendo conteúdos simbólicos para os elementos da natureza, conjugados à apropriação cultural dos recursos alimentares e matérias-primas. Parte dessas populações também utilizou os canais fluviais como vias de circulação, assim como para ações de conquistas e defesas nos momentos de conflitos interétnicos. Nesse sentido, as culturas tradicionais do passado aprimoraram, portanto, tecnologias para suas realizações, as quais são testemunhadas, em parte, por itens da cultura material remanescente. No caso das ocupações arqueológicas, esses testemunhos são, predominantemente, as ferramentas de pedra lascada e os utensílios cerâmicos.

No Alto Paraná, algumas práticas tradicionais reproduzidas nos ambientes ribeirinhos continuam sendo praticadas até hoje por alguns segmentos das comunidades locais. As olarias utilizam o restante dos estoques de argila constituídos antes da inundação das várzeas pelo reservatório da UHESM, sem plenas perspectivas de continuidade de geração de emprego e renda a longo prazo.

O Alto Paraná, cada vez mais assemelhado a um mar, em decorrência da formação dos reservatórios das usinas hidrelétricas, continua estimulando a

NOVA PORTO XV

A inauguração do reassentamento de Nova Porto XV, no ano de 1995, foi presenciada pela equipe que então escavava o sítio arqueológico Bataguçu 3, localizado nas proximidades desse reassentamento. Essa escavação atingia a profundidade de 1,5 m, na camada onde se encontravam vestígios líticos de um acampamento de caçadores-coletores que ali se estabeleceu há cerca de 6.000 anos.

Antes da mudança para esse reassentamento, a comunidade de Porto XV habitava a margem direita do Alto Paraná, posteriormente inundada pelo reservatório da UHESM. O reassentamento foi construído no terraço coluvial, 13 km distante da antiga margem desse rio. As novas edificações de alvenaria trouxeram a esperança de progresso material e melhoria de condições de vida apesar de possuir estruturas, tais como muros e quintais pequenos, distintas daquelas construídas por essa comunidade em seu ambiente ribeirinho de origem.

Essa mudança implicou também a pouca viabilidade de práticas tradicionais de pesca e olaria nas proximidades da área de habitação, pois canais fluviais e fontes de argila inexistiam no entorno do reassentamento; a formação do reservatório da UHESM aproximou o corpo d'água a essa área. A tradicional festa de Nossa Senhora dos Navegantes, cujo ponto alto era o cortejo fluvial que atravessava o canal do rio Paraná, da antiga Porto XV a Presidente Epitácio, também foi alterada com a formação desse reservatório. Outras comunidades de pescadores da antiga margem desse grande rio, como a de Porto João André (Brasilândia), passaram por processos semelhantes de construção de novos ambientes habitacionais na expectativa do incremento do desenvolvimento local.

pesca, porém com o ingrediente adicional de se constituir, essencialmente, numa atividade de lazer, em especial para os habitantes do interior paulista e paranaense (estados mais densamente povoados que Mato Grosso do Sul). A formação desses reservatórios, aliada à intensa atividade pesqueira já praticada nesse grande rio, alteraram os ambientes aquáticos e prejudicam a piracema, resultando em estoques pesqueiros cada vez menores. A formação do reservatório implicou o reassentamento de comunidades como Nova Porto XV.

Com essa diminuição na quantidade de peixes e o avanço do processo de assoreamento dos canais fluviais, hoje as cidades ribeirinhas do Alto Paraná voltam-se ao grande rio para algumas atividades econômicas tais como travessias de passageiros e extração de cascalho/areia do leito fluvial. Entretanto, no conjunto prevalece a expectativa geral de incremento do turismo, com a pesca esportiva associada a esportes náuticos, como atividade geradora de renda e de melhorias de qualidade de vida local.

Sete anos após o início da formação do reservatório da UHESM, observa-se o avanço do processo erosivo nas margens e a conseqüente continuidade de destruição de sítios arqueológicos. No Alto Paraná nota-se a descaracterização de outros sítios provocada pelo fato de neles haver a sobreposição de obras atuais tais como edificações, estradas, pontes e áreas de cultivo. Assim como nós, as populações tradicionais do passado pré-colonial seguiam referenciais universais para o bem-estar humano instalando, dessa forma, seus acampamentos e aldeias nas margens fluviais elevadas, não inundáveis, e com solos férteis.

As pesquisas de mitigação desses impactos sobre o patrimônio arqueológico possibilitaram a constituição de expressivos acervos arqueo-





TRABALHOS DE CAMPO

Algumas centenas de pessoas já participaram dos trabalhos de campo e de laboratório nesses 12 anos de pesquisas arqueológicas no Alto Paraná. Trabalhadores braçais, como a equipe de Anaurilândia (foto - junho de 1998), pesquisadores, alunos e técnicos vivenciaram os ambientes, a evidência dos vestígios culturais, no conjunto das atividades da pesquisa.

RECONHECIMENTOS PAISAGÍSTICOS

O ribeirão Quiterói era o único canal fluvial do entorno, desde o rio Pardo até o rio Baía, que interligava os altos terraços às várzeas e desaguava no rio Paraná. Moradores do local diziam que esse ribeirão foi outrora empregado para escoamento da erva mate ao grande rio. No momento da pesquisa arqueológica, há décadas não mais navegado, esse ribeirão era dominado pela vegetação.

Explorando esse canal em 1994, desde a ponte da Reta 1, observou-se a morfologia do terraço fluvial: eram visíveis os locais com sítios arqueológicos, terraços elevados como o do sítio Ribeirão Quiterói 1, desmatado para a agropecuária (foto abaixo - março de 1998).

lógicos e dados científicos, além de vivências profissionais nos **trabalhos de campo** e de laboratório e de **reconhecimentos paisagísticos**.

Os dados obtidos indicam que a ocupação dos sítios arqueológicos, em estreita relação com os ambientes onde se inseriram, abrangeu os caçadores-coletores-pescadores açampados nas barrancas do Alto Paraná, desde 6.000 anos, utilizando as fontes de cascalho locais. Quais horizontes culturais se sucederam nas ocupações dos 4.000 anos poste-



TRABALHOS DE LABORATÓRIO

Nos laboratórios, as peças são higienizadas, numeradas, analisadas e acondicionadas nas reservas técnicas. O trabalho continuado de processamento dos dados e análise das peças, proporcionará novos elementos para a caracterização dos horizontes culturais pretéritos do Alto Paraná.



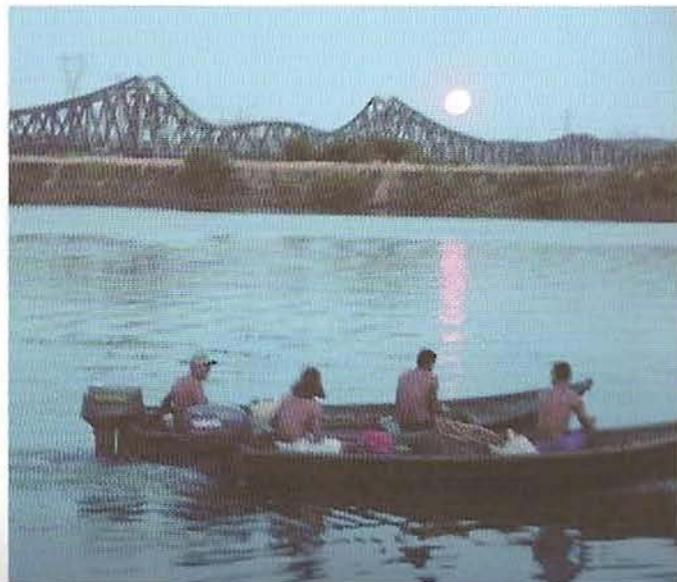
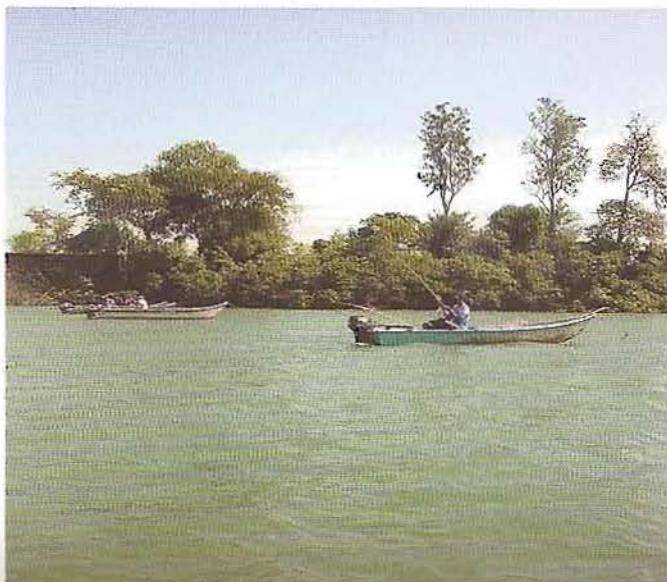
riores? Quando teria se originado e difundido a cerâmica na área? Como se configuraram as fronteiras antigas no passado, entre os Tupiguarani e os outros povos Macro-Jê? Com a conclusão da análise dos dados, espera-se detalhar esse conhecimento.

Com relação aos dois últimos milênios de ocupação do Alto Paraná, sabe-se da hegemônica presença Guarani nas latitudes subtropicais. Em sentido norte ao grande rio, rarefazem-se os vestígios do repertório cerâmico correspondente, percebendo-se a pretérita existência de uma gradual zona de fronteira Tupiguarani (não Guarani) com outros grupos indígenas nesses ambientes ribeirinhos.

A edificação do conhecimento do passado arqueológico do Alto Paraná, a partir dos trabalhos de laboratório e de campo, subsidia a análise diacrônica acerca da diversidade das manifestações culturais af

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Os locais mais piscosos no Alto Paraná são os mesmos, no passado e no presente, como se observa pela concentração de pescadores de frente aos sítios arqueológicos: a foto abaixo (em maio de 2005) ilustra a concentração de barcos no canal da ponta norte da Ilha Comprida. Atualmente, os turistas pescam durante o dia, sob o sol, enquanto os moradores ribeirinhos da comunidade de Jupia (Três Lagoas) embarcam ao anoitecer para a pesca em maior escala (foto-fevereiro de 2005).



vividas nos últimos milênios. Esse conhecimento auxilia na ampliação das referências científicas dos antigos territórios constituídos nos cenários pretéritos do Alto Paraná, bem como se soma às expectativas atuais de preservação do ambiente remanescente, enquanto ecossistema vivo, sucedâneo das múltiplas experiências culturais vividas no passado e palco daquelas a serem experienciadas pelas futuras gerações.

A pesquisa pode contribuir no reconhecimento do patrimônio arqueológico enquanto testemunhos de processos culturais que nos são necessários, para nosso auto-reconhecimento, e passíveis de preservação, junto com seu ambiente envolvente. Nesse sentido, **patrimônio cultural e ambiente** são indissociáveis, cabendo a preservação integrada de ambos para a manutenção do legado cultural pretérito às gerações vindouras. É o que se busca com a continuidade das pesquisas no Alto Paraná.

PATRIMÔNIO CULTURAL E AMBIENTE

Vista do Alto Paraná represado, ao lado da área da anterior confluência com o rio Verde. O represamento desse rio pela UHESM inundou ilhas e margens, porém as manifestações de vida encontram soluções de continuidade no ambiente remanescente (foto maior abaixo - julho de 2005). No tocante às informações arqueológicas da área, organizam-se exposições itinerantes para comunicação dos resultados das pesquisas (foto abaixo, na Biblioteca da UCDB, em outubro de 2004).



**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CITADOS
E RESPECTIVAS COORDENADAS GEOGRÁFICAS**

Rio Maracai 1	23°25'41" S 53°58'13" W
Rio Ivinhema 1	23°14'40" S 53°42'53" W
Córrego Mirim 1	23°07'51" S 53°43'09" W
Rio Baía 1	22°41'39" S 53°15'41" W
Lagoa do Custódio 1	22°23'04" S 52°52'08" W
Ribeirão Quiterói 1	22°12'26" S 52°37'41" W
Alto Paraná 5	22°08'52" S 52°25'27" W
Santa Rita do Pardo 1	21°45'29" S 52°10'02" W
Bataguçu 3	21°43'35" S 52°14'25" W
Alto Paraná 7	21°38'46" S 52°03'11" W
Alto Paraná 8	21°37'53" S 52°03'30" W
Alto Paraná 11	21°35'09" S 52°04'58" W
Alto Paraná 12	21°32'28" S 52°06'21" W
Brasilândia 3	21°30'40" S 51°59'30" W
Brasilândia 8	21°15'40" S 51°51'34" W
Brasilândia 11	21°12'34" S 51°52'40" W
Três Lagoas 1	20°57'58" S 51°42'54" W
Rio Verde 10	21°10'08" S 51°57'17" W
Rio Verde 15	21°09'56" S 51°58'11" W
Ilha Água Limpa 1	21°07'05" S 51°49'26" W
Ilha Comprida 7	20°55'57" S 51°39'59" W
Ilha Comprida 8	20°55'53" S 51°37'22" W
Alto Paraná 40	20°53'19" S 51°38'22" W

GLOSSÁRIO

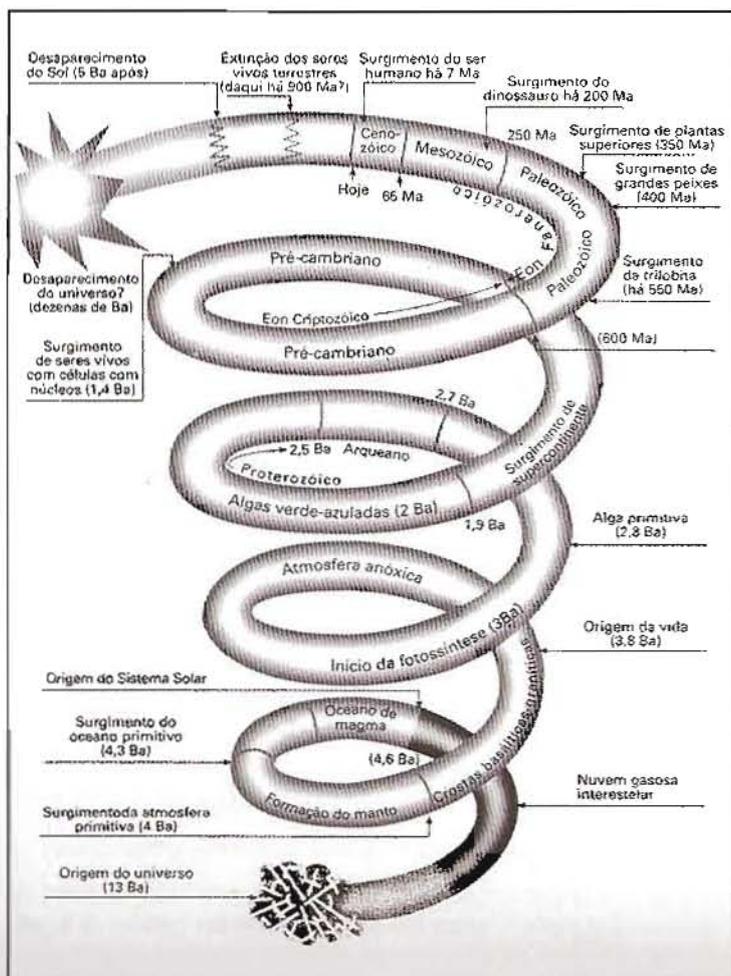
ALUVIAL: processo de deposição fluvial de sedimentos e fragmentos detriticos nas margens dos rios e outros corpos d'água.

ÁREA DE DECAPAGEM: área selecionada em um sítio arqueológico para ser escavada sistematicamente.

ARTEFATOS: objetos e instrumentos confeccionados com finalidades específicas tais como armas, ferramentas, recipientes, adornos, etc.

A duração das Eras geológicas e formas de vida marcantes da história da Terra são ilustradas na figura abaixo

Fonte: Suguio, Liko, 2003.



CAÇADORES/COLETORES/PESCADORES: termo utilizado pela Antropologia e pela Arqueologia para designar um tipo de sociedade humana, composta por poucas dezenas de pessoas (bandos), nômade e portadora de uma economia natural, isto é, não produtora de alimentos, apenas apropriando-se do que era oferecido e disponível na natureza.

CALHAUS: rochas ou minerais cujas superfícies são polidas e arredondadas pelo transporte fluvial, caracterizados por dimensões entre 64 e 256 mm (segundo a escala de Wentworth, 1922).

CHOPPER: artefato de pedra lascada trabalhado em uma única face, cujo gume é formado pela junção da face lascada com o córtex natural do seixo ou calhaus, conservando boa parte de sua integridade. A função do *chopper* era cortar/talhar, carnes, peixes, vegetais, etc.

CHOPPING-TOOL: artefato de pedra lascada, confeccionado sobre calhaus ou seixos, cujo gume é formado pelo contato de faces opostas lascadas; sua função era muito semelhante à do *chopper*.

COLÚVIO: depósitos de sedimentos provenientes de partes mais altas do terreno (não fluvial).

DERRAME VULCÂNICO: extravasamento de lavas provenientes do interior da crosta terrestre, consolidando-se à superfície.

ERA CENOZÓICA: intervalo de tempo entre 65 milhões de anos até o presente, que se subdivide nos períodos Terciário e Quaternário.

ERA MESOZÓICA: intervalo de tempo entre 230 e 65 milhões de anos atrás, que se subdivide nos períodos Triássico, Jurássico e Cretáceo.

ESTRATIFICAÇÃO: propriedade de sobreposição de camadas de sedimentos, em planos definidos pelo tamanho das partículas e composição mineralógica.

- FALHAMENTOS:** fraturas geológicas em superfícies rochosas.
- FLOTILHA DE CANOAS:** conjunto de canoas utilizadas no comércio fluvial, durante os séculos XVIII e XIX. As canoas podiam ser armadas ou para transporte de cargas ou pessoas.
- HOLOCENO:** subdivisão do período Quaternário que abrange o intervalo de tempo dos últimos 10.000 anos, posterior ao final da última glaciação no Hemisfério Norte.
- INTEMPERISMO FÍSICO:** fragmentação das rochas e superfícies sob a variação de temperatura ou outra ação mecânica. Quando a decomposição das superfícies é incrementada pela ação de bactérias e matéria orgânica, sob condições de elevada umidade e temperatura, caracteriza-se o intemperismo químico.
- LASCAS RETOCADAS:** lascas de rochas que apresentam, em uma de suas bordas, pequenos lascamentos seqüenciais para reforço e delineamento do seu gume
- LÍTICOS LASCADOS:** objetos, fragmentos de artefatos e resíduos provenientes da confecção de ferramentas de pedra lascada.
- MÓ:** artefato (bigorna) de rocha que possui superfície plana ou ligeiramente côncava utilizada para esmagar sementes ou grãos.
- MONÇÃO:** expedições flúvio/comerciais que faziam o abastecimento e o transporte de mercadorias e pessoas, entre São Paulo e Cuiabá, durante o Século XVIII.
- PALEOCLIMAS:** condições climáticas de longa duração, que perduraram no passado e que podem ser identificados em indicadores encontrados nos solos, rochas, etc.
- PEDOGENIZAÇÃO:** processo de formação de solos.
- PERCUTORES LÍTICOS:** "martelos" de pedra utilizados para confeccionar ferramentas de pedra lascada.
- PLAINA:** ferramenta de pedra lascada que servia para raspar e alisar superfícies de madeira, couro, etc
- PLEISTOCENO:** subdivisão do período Quaternário que abrange o intervalo de tempo dos últimos 1,8 milhão de anos até cerca de 10.000 anos (início do Holoceno). Caracteriza-se por mudanças paleoclimáticas que produziram os estágios glaciais e interglaciais.
- PONTAS DE PROJÉTIL:** objetos de pedra lascada que eram confeccionados para serem a extremidade ativa/perfurante de lanças e flechas.
- PRÉ-COLONIAL:** período que compreende os séculos que antecederam a "descoberta" da América.
- PRÉ-HISTÓRICO:** período anterior à formação das sociedades indígenas.
- RASPADORES:** ferramenta de pedra lascada cuja função era raspar couros, madeiras, etc.
- REBOJO:** "rodamoinhos" nos rios.
- SEIXOS:** rochas ou minerais cujas superfícies são polidas e arredondadas pelo transporte fluvial, com dimensões entre 4 a 64 mm (segundo a escala de Wentworth, 1922).
- SERTÃO:** áreas do interior brasileiro não atingidas pela fronteira agro-pastoril.
- SÍTIO ARQUEOLÓGICO:** local onde houve atividade humana no passado, o que é evidenciado pela presença de vestígios materiais tais como, lascas, fragmentos de cerâmica, carvões, esqueletos, etc.
- TERRAÇO FLUVIAL:** superfícies geralmente planas, nas margens dos rios, pouco sujeitas à inundações
- TRINCHEIRA:** escavação arqueológica cujo formato é longitudinal visando localizar estruturas arqueológicas no solo.
- TUPIGUARANI:** termo técnico utilizado pela Arqueologia para denominar uma tipologia de cerâmica arqueológica (essencialmente com pintura policrômica ou com impressão digital-ungueal) semelhante àquela produzida por povos da família lingüística Tupi-Guarani do século XVI.
- VALE FLUVIAL:** depressão geomorfológica longitudinal caracterizada pelas planícies fluviais.
- VESTÍGIO ARQUEOLÓGICO:** qualquer tipo de objeto (inteiro ou fragmentado) de pedra ou cerâmica, bem como outros produtos humanos inteiros ou fragmentados (carvões de fogueiras, ossos provenientes de animais caçados, vegetais utilizados), grafismos e outros sinais não-naturais encontrados em sítios arqueológicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Theophilo. **O Rio Paraná no roteiro da marcha para o oeste**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti-Zelio Valverde Editores, 1941.

ARRÓSPIDE, José L. R. **Antonio Ruiz de Montoya y las reducciones del Paraguay**. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 1997.

BELMONTE. **Nos tempos dos bandeirantes**. São Paulo: Governo do Estado, 1980.

BRUNO, Cayetano. **Historia de la iglesia en la Argentina II**. Buenos Aires, 1967.

BULLRICH, Eduardo J. (Org.). **La Villa Imperial de Potosi**. Buenos Aires: publicaciones de la Academia Nacional de Bellas Artes de la República Argentina, 1943. (Documentos de Arte Colonial Sudamericano, Cuaderno 1)

CARDOZO, Ramón I. **El Guairá: história de la antigua provincia 1554-1676: (la antigua Provincia del Guairá y la Villa Rica del Espiritu Santo)**. Asunción: El Arte, 1970.

CHMYZ, Igor. **Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real de Guairá**. *Cadernos de Arqueologia*, ano 1, v. 1, p. 7-103, 1976.

_____. **Projeto arqueológico Itaipu (Convênio Itaipu-Iphan): quarto relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1978/79)**. Curitiba, 1979.

DAMES & MOORE, INC. (Org.) **East of the Andes, South of the Amazon. Archaeological discoveries in the dry lowland forest of Bolivia**. A study sponsored by Gas TransBoliviano S.A. A study for the planning and construction of the Bolivia-to Brazil Gas Pipeline 1997-1999. Santa Cruz de la Sierra: Imprenta Ladívar S.R.L., 2001.

DUTRA, Carlos A. dos S. **Ofaié: morte e vida de um povo**. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1996.

_____. **O território Ofaié pelos caminhos da história: reencontro e trajetória de um povo**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Campus de Dourados, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

FACCIO, Neide B. **O estudo do sítio arqueológico Alvim no contexto do Projeto Paranapanema**. 1992. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: de 1825 a 1829**. São Paulo: Editora Cultrix/EDUSP, 1977.

FREITAS, Afonso A. **Vocabulário Nheengatu**: vernaculizado pelo português falado em São Paulo, língua tupi-guarani. Publicação póstuma dirigida por Afonso de Freitas Júnior. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasília-INL, 1976. (Brasília, v. 75)

FÚLFARO, Vicente J.; SUGUIO, Kenitiro. O cenozóico paulista: gênese e idade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 3., 1974, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Geologia, 1974. p. 91-101

FÚLFARO, Vicente J. et al. Compartimentação e evolução tectônica da bacia do Paraná. **Revista Brasileira de Geologia**, v. 12, n. 4, p. 590-611, 1982.

GUZMÁN, Ruy D. **La Argentina**. Madri: *História* 16, 1986.

JABUR, Issa C. **Análise paleoambiental do Quaternário Superior na Bacia do Alto Paraná**. 1992. Tese (Doutorado) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Rio Claro, 1992.

JOUKOWSKY, Martha. **A complete manual of field archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists**. New York: Prentice Hall Press, 1980.

JUZARTE, Teotônio J.; SOUZA, Jonas S. (Org.) **Diário da navegação**. São Paulo: EDUSP, 2000. (Uspiana-Brasil 500 anos)

KASHIMOTO, Emília M. **Geoarqueologia no Baixo Paranapanema: uma perspectiva geográfica de estabelecimentos humanos pré-históricos**. 1992. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. **Variáveis ambientais e arqueologia no Alto Paraná**. 1997. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997.

KASHIMOTO, Emília M.; MARTINS, Gilson R. Archaeology of the holocene in the upper Paraná River, Mato Grosso do Sul State, Brazil. **Quaternary International**, v. 114, p. 67-86, 2004.

KOZÁK, Vladimir et al. **Quem são os Xetá?** Curitiba: Museu Paranaense; Secretaria de Estado da Cultura; Companhia de Informática do Paraná, 2000.

KUNZLI, Ruth. Arqueologia regional: primeiros resultados das pesquisas realizadas na área de Presidente Prudente, SP. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 32, n. 5, p. 223-247, 1987.

KUNZLI, Ruth. et al. **Mapa do Projeto de Salvamento Arqueológico de Porto Primavera, SP**. Não publicado.

LAMING-EMPERAIRE, Annette et al. **O trabalho de pedra entre os Xetá da Serra de Dourados, Estado do Paraná**. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1978. Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, 2.

LEROI-GOURHAN, André. **Le fil du temps**. Paris: Fayard, 1983.

LEVORATO, Adão V. **Três Lagoas: Dama em Preto e Branco (1918-1964)**. Três Lagoas: Graf Set Ltda., 1999.

MARTINS, Gilson R. **Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande**. Brasília; Campo Grande, MS: Secretaria de Desenvolvimento do Centro-Oeste; UFMS, 2003. (Coleção Centro-Oeste de estudos e pesquisas, 2).

MARTINS, Gilson R. et al. Datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 9, p. 73-93, 1999.

MONTOYA, Antonio R. **Tesoro de la lengua Guarani**. Madrid, 1639.

_____. **Arte de la língua Guarani, ô mas bien Tupi. Vocabulário y tesoro**. Viena; Paris, 1875.

MORAIS, José L. **A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima.** São Paulo, 1983. (Coleção Museu Paulista, série de Arqueologia, 7).

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará.** Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

NOELLI, Francisco S. Pesquisas arqueológicas no rio Paraná, entre os rios Paranapanema e Piquiri. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 12, 2003, São Paulo. **Cadernos de resumos...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

PALLESTRINI, Luciana. Sítio arqueológico da Lagoa São Paulo: Presidente Epitácio-SP. **Revista de Pré-História**, v. 6, p. 381-410, 1984.

_____. O espaço habitacional em pré-história brasileira. **Revista do Museu Paulista**, v. 25, p. 15-30, 1978.

PETRI, Setembrino; FÚLFARO, Vicente J. **Geologia do Brasil: Fanerozóico.** São Paulo: T.A. Queiroz; Ed. da USP, 1983.

REIS, Nestor G. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial.** São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; FAPESP, 2000. (Uspiana-Brasil 500 anos).

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueologia: teorias, métodos y práctica.** Madrid: Ediciones Akal, 1993.

RIBEIRO, Darcy. **Uirá sai a procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SCHMITZ, Pedro I. et al. **Serranópolis III - Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central.** São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2004. (Antropologia, 60).

SEPLAN-MS. **Atlas multirreferencial do Estado de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande, 1990.

STEVAUX, José C. **O rio Paraná: geomorfogênese, sedimentação e evolução quaternária do seu curso superior (região de Porto Rico, PR).** 1993. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, 1993.

STEVAUX, José C. et al. A história quaternária do rio Paraná em seu alto curso. In: VAZZOLER, A. E., AGOSTINHO, A. A. & HAHN, N.S. (Ed.). **A planície de inundação do Alto Rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos.** Maringá: EDUEM-Nupélia, 1997. p. 46-72.

SUGUIO, Kenitiro. Flutuações do nível marinho nos últimos milênios e evolução das planícies costeiras brasileiras. **Revista do Museu Paulista**, v. 29, p. 125-141, 1983/84.

SUGUIO, Kenitiro; SUZUKI, Uko. **A evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida.** São Paulo: Edgard Blucher, 2003.

SUGUIO, Kenitiro et al. Quaternário do rio Paraná em Pontal do Paranapanema: proposta de um modelo de sedimentação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 33, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, v. 1, p. 10-18, 1984.

TAVARES, Eduardo et al. **Missões.** São Leopoldo: Unisinos, 1999.

VERONEZE, Ellen. et al. **Programa arqueológico de Mato Grosso do Sul: relatório final de acompanhamento de pesquisa.** Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1987. 47p. (não publicado).

VILHENA-VIALOU, Âgueda. Brito: o sítio mais antigo do Paranapanema. **Revista do Instituto de Pré-História**, v. 29, p. 9-21, 1983-1984.

VIALOU, Âgueda & VIALOU, Denis. Les premiers peuplements préhistoriques du Mato Grosso. **Bulletin de la Société Préhistorique Française**, v. 91, n. 4/5, p. 257-263, 1994.

ZAVATINI, João A. Dinâmica climática no Mato Grosso do Sul. **Geografia**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 65-91, 1992.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.P.	Anos antes do presente (o presente é referenciado pelo ano 1950)
C ₁₄	Método do carbono 14 (procedimento laboratorial que permite datações de amostras de carvão, conchas ou ossos arqueológicos)
CESP	Companhia Energética de São Paulo
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
CPAq/DHI/LPA	Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Departamento de História, Campus de Aquidauana da UFMS
CPCX	Campus de Coxim da UFMS
d.C.	Anos depois de Cristo
FAPEC	Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (Campo Grande, MS)
FATEC-SP	Faculdade de Tecnologia de São Paulo-SP
FCT/UNESP	Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
GIF	Datação por C ₁₄ realizada no LSCE/CEA-CNRS, em Gif-sur-Yvette (França)
IMAP/PANTANAL	Instituto do Meio Ambiente/Pantanal (Campo Grande, MS)
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LSCE/CEA-CNRS	Laboratoire des Sciences du Climat et de l'Environnement-Laboratoire Mixte CEA-CNRS UMR 1572
M.A.	Milhões de anos atrás
MA/UFG	Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás
MAE/USP	Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
MS	Estado de Mato Grosso do Sul
PAPPMS	Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS – contrato CESP/FAPEC
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
TL	Método da termoluminescência (datação de fragmentos de cerâmica)
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande, MS)
UCDB/MDB/ LABPAR	Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Museu Dom Bosco, Universidade Católica Dom Bosco
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UHESM	Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta (anteriormente denominada Porto Primavera)
UnG	Universidade Guarulhos

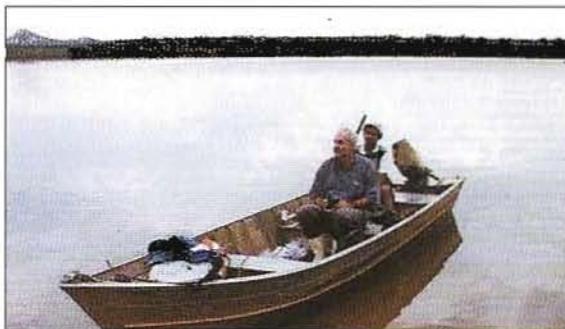
Os autores



Emilia Mariko Kashimoto

Graduada em Geografia pela FCT/UNESP,
é mestre e doutora em Arqueologia pela FFLCH/USP.
Foi professora da UCDB e curadora (Arqueologia e
Etnografia) do MDB. Atualmente é professora adjunta
da UFMS/CPCX e pesquisadora bolsista do MCT/CNPq.

Na foto, a autora na Ilha da Comissão Geográfica – Alto Paraná, em 2004.
ekashimo@terra.com.br



Gilson Rodolfo Martins

Graduado em História e doutor em Arqueologia pela FFLCH/USP,
é professor titular de Arqueologia Pré-Histórica da UFMS/CPAq/DHI/LPA,
pesquisador bolsista do MCT/CNPq, ex-presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) e
membro correspondente da Academia Paraguaya de la História em Mato Grosso do Sul.

Na foto, o autor em Jupia (Três Lagoas-MS) – Alto Paraná, em 2005.
lpa@nin.ufms.br

Agradecimentos

Passados mais de dez anos de pesquisas arqueológicas no Alto Paraná, foram numerosas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para os resultados científicos apresentados neste livro. Entre elas, ressaltamos e estendemos nossos agradecimentos para: Prof. Dr. José Luiz de Moraes (MAE/USP); Prof. Manoel Catarino Paes Peró (Reitor da UFMS); Pe. José Marinoni (Reitor da UCDB); Prof. Dr. Cezar Augusto Benevides (PREG/UFMS); Profs. Drs. Sérgio dos Anjos Ferreira Pinto, Teresa Galotti Florenzano e Evelyn Moraes Novo (INPE); Profs. Drs. José Ricetti Nazareno, Dilamar Candida Martins e equipe de Geoprocessamento (MA-UFG); Profs. Drs. Everaldo Pinto Conceição e Ruth Kunzli, Prof. Ms. Mauro Issamu Ishikawa, Leonice Begoni (FCT/UNESP); Prof. Ms. Ayr Trevisanelli Salles (UCDB); equipe da UFMS/CPAQ/DHI/LPA e da UCDB/MDB/LABPAR; Profa. Dra. Sonia Hatsue Tatumi (LVD/FATEC); Dr. Michel Fontugne (LSCE/CEA-CNRS); Prof. Dr. Shiguo Watanabe (USP); Prof. Dr. José Candido Stevaux (UEM); Alethêa E. Martins Sallun; Dep. Estadual Akira Otsubo, Maria de Lourdes Tiemi Ide, Angélica Aoki e Claudinei Lourenço. Registramos ainda especiais agradecimentos ao Prof. Dr. Kenitiro Suguio (UnG/USP), pela criteriosa revisão do capítulo Arqueologia e Ambiente, bem como à Marília Leite e Lennon Godoi pela paciência e competente trabalho.

Agradecemos também o apoio das seguintes instituições:

CNPq, FUNDECT/MS, CESP, MDB/UCDB, CPAQ/UFMS, IPHAN,
IMAP/PANTANAL, MAE/USP, INPE, FCT/UNESP, MA/UFG, FATEC, FAPEC,
LSCE/CEA-CNRS e UEM.

UMA LONGA HISTÓRIA EM UM GRANDE RIO

Cenários Arqueológicos do Alto Paraná

Fotografias

Emília Mariko Kashimoto

e colaborações assinadas nas respectivas imagens

Projeto gráfico

Marília Leite e Lennon Godoi

Revisão

Ceila Maria Puia Ferreira

Ilustrações aberturas de capítulos

Neli Guimarães Silva

Catálogo de imagens

Iberê de Andrade Martins

Adaptação de imagens cartográficas

Éder Jâneo da Silva

Diagramação e editoração eletrônica

Marília Leite

Editoração eletrônica e tratamento de imagens

Lennon Godoi

Fotolito, impressão e acabamento

Gibim Gráfica e Editora

K19L Kashimoto, Emília Mariko

Uma longa história em um grande rio : cenários arqueológicos do Alto Paraná / Emília Mariko Kashimoto, Gilson Rodolfo Martins. — Campo Grande, MS : Ed. Oeste, 2005.

100 p. : il. col. ; 30 cm.

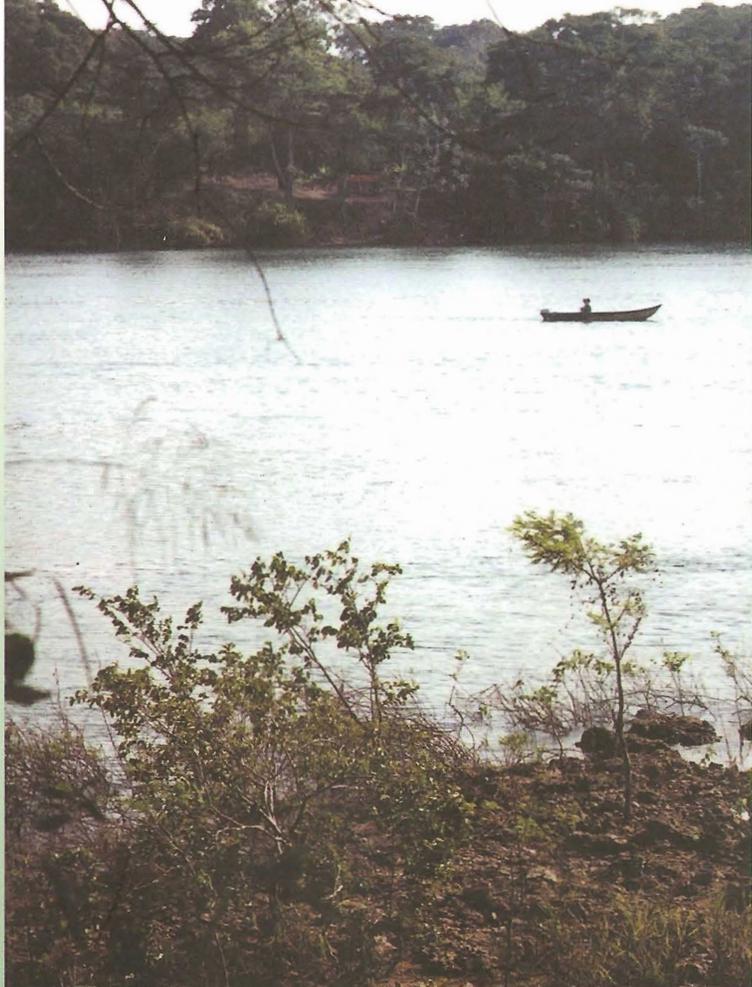
ISBN 85-88523-34-5

1. Levantamentos arqueológicos – Mato Grosso do Sul. 2. Levantamentos arqueológicos – Paraná, Rio. 3. Arqueologia. I. Martins, Gilson Rodolfo. II. Título.

CDD (21) 981.71

Esta publicação foi produzida
com apoio financeiro do





Doze anos de pesquisas arqueológicas demonstram que, desde seis mil anos, o alto curso do rio Paraná tem sido cenário de distintas ocupações humanas: dos caçadores-coletores-pescadores aos agricultores ceramistas, seguidos pelos Guarani, Kayapó, Ofaié e muitos outros.

Este livro apresenta um olhar sobre os cenários culturais do Alto Paraná, da pré-história à atualidade.



ISBN 85-88523-34-5



9 798588 523349



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico